

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 1419

Sexta-feira, 25 de Agosto 1989

Preço 60\$00

Há um ano o coração de Lisboa estava em chamas

CHIADO - BARRIO DE LAS FUEGAS?

Um ano que Lisboa acordou com o coração em chamas. Tempo de desespero, porque assim desaparecia um património valiosíssimo, mas também de esperança porque talvez a tragédia propiciasse os planos e as estratégias para evitar repetições. Um ano depois, ainda se fa-

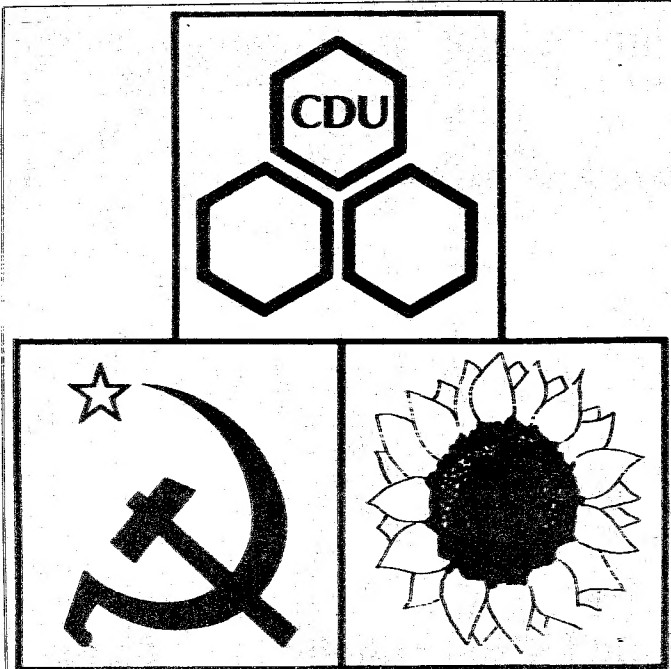
zém balanços e se pede o necessário debate público de ideias para

recuperação da área afectada. Tempo, afinal, dadas as dúvidas e hesitações, para perguntar: e depois das ruínas... o quê?

Suplemento de 12 páginas
nesta edição



Quarenta e seis anos no «DL», onze dos quais como Director
MORREU NORBERTO LOPES (88 ANOS)
DECANO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES



Sigla e símbolo da CDU terão de ser alterados

A coligação de comunistas e «Verdes» não poderá apresentar-se nas eleições autárquicas de Dezembro com a sigla CDU - PCP/PEV e um símbolo que, além da foice, martelo e estrela e do girassol, dos partidos componentes, insira os tradicionais «favos de mel».

A «proibição» resulta de acordo do tribunal constitucional hoje publicado no «Diário da República» e fundamenta-se na Lei 5/89, de 17 de Março, que entra em vigor em Setembro. O diploma, aprovada na Assembleia da República por iniciativa do PSD, estipula que os símbolos e siglas das coligações para fins eleitorais «devem reproduzir rigorosamente o conjunto dos símbolos e siglas de cada um dos partidos que as integram». Deste modo, embora se trate de uma coligação de carácter permanente e não apenas destinada a actos eleitorais, terá de concorrer como PCP/PEV e com os símbolos das duas formações políticas apenas.

No entanto, o facto de a lei só entrar em vigor em Setembro levou o Tribunal Constitucional

a anotar sigla e símbolo da coligação, por não encontrar, por ora, «qualquer obstáculo a que se determine a respectiva anotação».

A CDU decidiu, entretanto, apresentar hoje mesmo no Tribunal Constitucional uma nova sigla e um novo símbolo da coligação. O PCP, que recorda em comunicado que o impedimento de recorrer aos três hexágonos do seu símbolos resulta de «imposição arbitrária e abusiva do PSD», promete esclarecer toda esta questão em conferência de imprensa a realizar na próxima quarta-feira.

De salientar que a decisão do Tribunal Constitucional, se obriga a coligação a mudar de planos em quase todos os municípios do País, onde concorre nessa qualidade, não se aplica a Lisboa.

Na capital, o PCP e «Os Verdes» concorrem «em quarteto», com o PS e o MDP, obedecendo o símbolo às novas disposições legais, já que associa os símbolos dos partidos que compõem a coligação «Por Lisboa».



MARCELO TAMBÉM QUER DEBATE SOBRE O CHIADO

Autárquicas à porta e o 1º aniversário do incêndio que destruiu o Chiado são dois assuntos actuais que o candidato da coligação PSD/CDS não deixou passar. Por isso, Marcelo Rebelo de Sousa propôs a realização de um debate público sobre o Chiado, para o qual convidou o arquitecto Álvaro Siza Vieira, responsável pela reconstrução da zona sinistrada.

O convite foi formulado ontem durante um encontro que aquele candidato à presidência da câmara de Lisboa manteve com Siza. Para Marcelo Rebelo de Sousa o debate público deverá decorrer durante cerca de dois meses, ficando concluído no final da campanha eleitoral para as autárquicas de 17 de Dezembro.

Na opinião do candidato, com o debate «pretende-se ouvir, não só os responsáveis técnicos envolvidos na reconstrução do Chiado, mas também a população lisboeta». No decorrer do encontro com Marcelo,

Siza Vieira fez uma exposição sobre o andamento dos projectos de recuperação do Chiado e apontou o mês de Outubro como data em que se poderão iniciar as primeiras obras de reconstrução. O arquitecto do Porto classificou como «muito positivas as relações que o Gabinete do Chiado tem mantido com a edilidade lisboeta» e destacou também «as boas condições de trabalho que têm sido fornecidas aos técnicos envolvidos no projecto».

Por seu turno o candidato questionou o arquitecto sobre questões que se prendem com a necessidade de publicação de legislação que regulamente os direitos dos inquilinos proprietários e comerciantes.

Marcelo, que considerou «brilhantes» os trabalhos de arquitectura efectuados até agora pela equipa de Siza, garantiu que se for eleito presidente da Câmara de Lisboa «dará seguimento ao projecto de recuperação da zona».

Siza corresponde às expectativas

Na opinião daquele candidato, «os estudos elaborados correspondem às expectativas geradas em torno do nome do arquitecto português». Marcelo Rebelo de Sousa manifestou o desejo de que, no futuro, Siza possa trabalhar em colaboração com o município de Lisboa em estudos ligados a toda a Baixa pombalina.

Aliás, esta área de Lisboa continua a ser um barril de pólvora. Segundo um relatório do regimento de sapadores bombeiros, «existem cerca de 40 focos de grande perigosidade de sinistro, pois persistem na zona paiois, espingardarias, oficinas de ourivesaria, farmácias e armazéns de tintas».

Perante esta situação, o candidato do PSD defendeu a criação de leis que limitem ou proibam a existência, no centro da cidade, de locais de grande perigosidade para a segurança de pessoas e bens.

«Chiado, meu amor»

Chama-se «Chiado, meu amor» e será hoje lançado, no dia do primeiro aniversário da triste tragédia. É um livro de 96 páginas, da autoria de sete jornalistas e do arquitecto Siza Vieira, editado pela «Lucidus Publicações».

A obra faz uma abordagem da zona como símbolo cultural e rememora o Chiado, através de texto e imagens, antes, durante e após o incêndio de Agosto do ano passado.

Candidato PS a Monção

O responsável socialista pelo

sector autárquico, Jorge Lação, produzirá uma intervenção política no próximo domingo, na Adega Cooperativa Regional de Monção, em Caldas de Monção, no comício-festa de apresentação do candidato do partido à Câmara daquele concelho minhoto.

José Emílio Moreira, o candidato a apresentar, é o actual presidente da Assembleia Municipal de Monção, cuja câmara é dominada pelo PSD.

Os social-democratas, aliás, anunciaram já a recandidatura do presidente, Joaquim Magalhães.

PCP e «Verdes» querem coligações contra PSD

As estruturas distritais do PCP e do Partido «Os Verdes» manifestaram-se ontem favoráveis a coligações autárquicas, nas principais cidades do País, envolvendo forças políticas à esquerda do PSD.

Além desta manifestação genérica de intenções, membros das delegações dos dois partidos, ontem reunidas para preparar o processo eleitoral no distrito, reafirmaram o seu apoio a uma coligação de esquerda para a edilidade portuense.

PSD da Amadora escolhe candidato

Num longo documento em que alinha fortes críticas ao actual presidente da Câmara, Orlando de Almeida, o PSD da Amadora acaba de tornar pública a identidade do seu candidato a presidente do município.

Trata-se do deputado João Granja da Fonseca, antigo adjunto do secretário de Estado da Juventude e Desportos e docente da Faculdade de Direito de Lisboa, que no partido ocupa os cargos de presidente da Comissão Política do PSD da Amadora e conselheiro nacional.

O VERÃO N' MELO

CAMPAÑA DE VERÃO

AMSTRAD

ALUGUER DE LONGA DURAÇÃO COM HIPÓTESE DE COMPRA

36 meses s/ entrada

PEÇA A NOSSA VISITA

A DIFERENÇA ESTÁ NA QUALIDADE!

M MELO

INFORMÁTICA

ESCRITÓRIO: RUA INDEPENDÊNCIA, 15 - 1100 LISBOA - Telefones 54 99 04 - 52 56 69 - Telex 52 45 37

Horário: de segunda a sexta-feira, das 9.30 às 18.30. Sábado, das 9.30 às 12 horas

«Por Lisboa» defende recuperação no quadro da zona histórica

«O CHIADO NÃO PODE SER UMA ILHA»

«Chiado, meu amor» é o título de um livro alusivo à zona «ex-libris» da cidade que hoje será lançado. Um ano depois da tragédia, o Chiado em reconstrução é o «amor» (porque será?...), dos candidatos à presidência da Câmara. Sampaio esteve lá esta manhã, com Siza. Para fazer ecoar a tese de que «não é, nem pode ser, uma ilha».

«O Chiado é parte integrante de um espaço mais amplo, sendo impossível sem a sua ligação à Baixa Pombalina», defende um documento distribuído pela coligação «Por Lisboa» que defende o rigoroso respeito pelos princípios programáticos do projecto de recuperação da área arida, aliás aprovados pela edilidade. O documento preconiza, por outro lado, a «aceleração do processo», através do diálogo com os proprietários, celebração de protocolos entre estes e o município e accionamento de todos os mecanismos inscritos na declaração de «Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística».

Na primeira do documento, a candidatura denuncia as lacunas no plano da informação. «Não foram clarificadas as razões e responsabilidades do sinistro; não há informação transparente sobre o andamento do processo; não houve debate público, apesar de unanimemente aprovado pela Câmara; não há perspectivas, nem prazos para recuperação; há sérios riscos de desvirtuamento do projecto».

Na segunda parte, defende-se a dinamização de «um plano de reabilitação e revitalização de toda a Baixa Pombalina». O objectivo é evitar que o Chiado seja, no futuro, «uma ilha nobre rodeada de quarteirões em crescente degradação e desertificação». O documento destaca ainda os princípios programáticos inseridos na proposta de Siza Vieira, já de si fruto das mais diversas contribuições. Entre esses princípios, alinha a questão do enquadramento do processo de reconstrução na área histórico-cultural «respeitando a volumetria pré-existente e conservando as fachadas de valor patrimonial».

PCP quer apoio do PRD

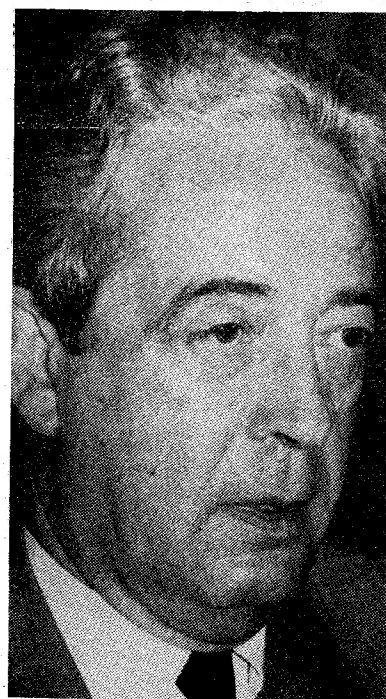
Enquanto a pré-campanha camarária prossegue a todo o gás, subsistem movimentações paralelas, nos dois campos. A «vantagem» de o PRD apoiar a candidatura «Por Lisboa», coligação em que estão envolvidos PS, PCP, «Os Verdes» e MDP/CDE, foi ontem defendida pelo dirigente comunista José Casanova.

«O PCP não desiste de tentar obter a maior unidade possível e entendimento entre as forças democráticas, para vencer as eleições de Dezembro e, assim, mudar a gestão do município de Lisboa», afirmou Casanova, no final de um encontro entre a Direcção da Organização Regional de Lisboa (DORL) do

PCP e a Comissão Distrital do PRD.

Salientando que o PCP não pediu o apoio dos renovadores - embora o veja com bons olhos - Casanova afirmou que foram analisadas diversas hipóteses de colaboração, não tendo sido atingida qualquer solução. Fausto Lima, da Distrital renovadora, declarou, por seu turno, que o PCP se mostrou «preocupado com o anúncio de uma possível candidatura autónoma do PRD em Lisboa». Os dois partidos deverão vir a encontrar-se de novo em Setembro.

Recorda-se que o PRD se desligou do processo de gestão de uma candidatura conjunta da esquerda ao município de Lisboa, em consequência da denúncia de um acordo que o ligava ao PS desde as eleições europeias. A causa próxima da ruptura foi a decisão do partido de aliar-se à CDU, em Setúbal, para fazer frente a uma lista socialista (ainda então de parceria com o PSD).



PSD e PPM discutem acordo por Lisboa na sede do Governo

Os contactos entre monárquicos e social-democratas para o alargamento da coligação PSD/CDS convergem para a Câmara de Lisboa continuam. No encontro de ontem a ideia dominante foi a de que PSD e PPM estão «mais perto» do entendimento. Contudo, Cavaco talvez já entrar em cena dentro em breve, deverá já entrar em cena dentro em breve, talvez já entrar em cena dentro em breve.

O encontro que reuniu Augusto Ferreira do Amaral e Eurico de Melo decorreu, surpreendentemente, na sede do Governo. A razão da escolha do local, foi justificada, pelo vice-presidente do PSD, por uma «questão de comodidade»... Contudo, comodidade não quer dizer obrigatoriamente legitimidade. Quando os social-democratas acusam a coligação de esquerda de ambicionar voos mais altos para as legislativas de 1991 é estranho que falemos de coligações na sede do Governo.

Após o encontro em participou também Marcelo Rebelo de Sousa o líder monárquico falou em «aproximação» das posições dos dois partidos, apesar de se estar ainda longe de um acordo.

Por seu turno Marcelo disse que continuará «as conversas entre os dois partidos e acrescentou que «em larga medida» o programa da sua candidatura «coincide com o programa alfacinha»

do PPM.

Mais uma vez, o candidato da coligação «Viver melhor em Lisboa» voltou a falar na sua «total liberdade programática».

Amigos da Terra reafirmam apoio «alfacinha»

Em comemoração do 1º aniversário do incêndio do Chiado, os Amigos da Terra criticam a actual gestão camarária e reafirmam o seu apoio à candidatura «alfacinha» de Ribeiro Teles.

«A gestão de Abecasis, Lívio Borges, Vasco Franco (CDS, PSD, PS) foi ineludivelmente a responsável pela catástrofe». Hoje não se pode deixar o encargo político da obra da reconstrução nas mãos de nenhum arquitecto. Esta deve ser da vereação. Da nova vereação. Que deve integrar os projectos de Siza Vieira num plano global da cidade que preveja, nomeadamente, o regresso de vida ao centro histórico», referem os Amigos da Terra.

Para aquela associação ecologista «o movimento de cidadãos que encabeçado por Ribeiro Teles se constitui em frente «Alfacinha» é um momento privilegiado da nova forma de intervenção que a sociedade portuguesa exige».

Executivo açoriano inicia privatizações

A privatização de empresas nacionalizadas, permitida pela recente revisão constitucional, também já se iniciou nas regiões autónomas. O Executivo açoriano anunciou ontem a privatização parcial de empresas públicas regionais «Açoriana de Seguros» e «Fábrica de Tabacos Micaelense».

Uma proposta de decreto-lei a enviar ao Governo central, visando a transformação de ambas as empresas em sociedades anónimas de capitais maioritariamente públicos, esteve em apreciação na reunião de quarta-feira do gabinete de Mota Amaral. O Governo açoriano

anunciou igualmente a venda por concurso da sua quota maioritária da região autónoma nas principais unidades hoteleiras das ilhas do Faial e da Terceira.

Para acompanhar o processo de privatizações e alienação de capitais públicos e colaborar como Governo na definição da política de desenvolvimento na área insular, o Executivo açoriano aprovou a criação de um instituto próprio.

Aristides Pereira regressa a Cabo Verde

Após um período de permanência em Portugal, o Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, regressa hoje ao seu país. O líder cabo-verdiano,

que visitou Portugal oficialmente entre 26 de Julho e 1 de Agosto, esteve de férias e aproveitou para levar a cabo um tratamento nas termas dos Cucos, no concelho de Torres Vedras.

Aristides Pereira estará no dia 4 de Setembro em Belgrado para participar na cimeira dos Não-Alinhados.

Eurico de Melo recebe delegação dos EUA

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Eurico de Melo, recebe hoje uma delegação da Câmara de Representantes dos Estados Unidos, liderada por Dancel Fascell. Também o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus

Pinheiro, manterá um encontro com esta delegação norte-americana.

Além de Dancel Fascell, que o presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros daquele órgão dos EUA, integram a delegação da Câmara de representantes dos EUA William Broomfield, Benjamin Gilman, Vicente Blaz e Meldon Levin. A Comissão dos Negócios Estrangeiros tem um papel importante na fixação do orçamento norte-americano para o auxílio a outros países.

Delegação marroquina chegou a Lisboa

Uma delegação do Reino de

Marrocos, constituída pelo adjunto do ministro do Interior, Damon Lardi, e pelo director geral do Urbanismo, Mohamed Drtwef, chegaram ontem a Lisboa, onde visitaram a Guarda Nacional Republicana.

Recebidos pelo brigadeiro comandante-geral interino, Henrique Bernardino Godinho e o chefe do Estado-Maior interino, os visitantes percorreram as instalações do Comando Geral, seguida de uma exposição e posterior troca de impressões sobre a panorâmica da GNR.

Mais de mil eleitores brasileiros registados em Portugal

Existem em Portugal 1.111

eleitores brasileiros registados, que no próximo dia 15 de Novembro irão votar nas eleições presidenciais do seu país.

No entanto, apenas 12 mil brasileiros residentes no estrangeiro estão aptos para exercer o seu direito ao voto, refere o jornal «Folha de S. Paulo».

A imprensa brasileira tem criticado os consulados por divulgarem pouco e mal as normas de registo. A verba de que dispôs o consulado do Brasil em Lisboa para o efeito foi unicamente de 500 dólares (80 contos), pelo que saíram apenas quatro pequenos anúncios na imprensa portuguesa acerca da inscrição aberta.



MUNICÍPIO DE LISBOA AVISO

Avisam-se todos os interessados que no próximo dia 6 de Setembro de 1989, pelas 15 horas, se realiza no Pavilhão Carlos Lopes (antigo Pavilhão dos Desportos), ao Parque Eduardo VII, a praça para arrematação dos locais vagos nos seguintes mercados:

Bairro do Padre Cruz, Campolide, Forno do Tijolo, Picheleira, Rato, Rio Seco, S. Domingos de Benfica, 31 de Janeiro e Caselas.

Para mais esclarecimentos, poderão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, sido na Rua do Machadinho n.º 20, ou os próprios Mercados.

Lisboa, 1989/08/17

A Directora
Maria Clara Santos



Horizonte Azul

RESTAURANTE • CERVEJARIA • MARISQUEIRA

MARISCOS SEMPRE FRESCOS

PEIXES - A EMENTA MAIS VARIADA:

Salmonete • Cherne • Pargo
Linguado • Robalo • etc.

- Cozido à Portuguesa
- Dobrada c/Feijão Branco
- Caldeirada à Portuguesa
- Chanfana de Cabrito

Altitude S. Sebastião

• 2860 MOITA • Telefone 239 1901

ENCERRA À 2.ª FEIRA



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telef. _____

CONCURSO



RECORTE PELO TRACADO
PREENCHA COM LETRAS MAIUSCULAS. Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO "Jogo de Cartas".
APARTADO 4.290-1.507 LISBOA - CODEX

Sob ameaça de greve nas autarquias...

ISABEL CORTE-REAL RECEBE «NEGATIVA» DA FUNÇÃO PÚBLICA

As estruturas sindicais da Função Pública, FESAP (UGT) e Frente Comum (CGTP), reúnem-se hoje com a secretária de Estado da Modernização Administrativa, Isabel Corte-Real, para lhe entregarem pareceres sobre a nova proposta de aumentos salariais, a vigorar a partir de Outubro.

Os sindicatos consideram a proposta governamental «inaceitável», e uma das organizações da Frente Comum, o STAL, ameaçou já que, caso o Governo não altere a proposta apresentada, no próximo mês há greve nas autarquias.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local decidiu ontem marcar greve para os dias 18, 18 e 20 de Setembro, se as negociações com o Governo não avançarem na reunião de hoje.

Uma fonte daquela estrutura sindical afirmou à agência Lusa que a direcção do sindicato «espera uma contraproposta do Governo que contemple as principais reivindicações dos trabalhadores da administração local».

«Se, na reunião de sexta-feira, o Governo não mostrar vontade em avançar nas negociações, vamos ter de adoptar formas de luta, entre as quais a greve», acrescentou o sindicalista.

A direcção do STAL decidiu também fazer uma vigília junto do Conselho de Ministros no dia 7 de Setembro.

O STAL integra a delegação da Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública que hoje se reúne com a secretária de Estado da Modernização Administrativa.

Em conferência de imprensa ontem realizada, a estrutura sindical considerou «inaceitável» a proposta salarial do Governo, adiantando, contudo, que o salário mínimo de 34.900 escudos é uma «baseadmissível de negociações», mas não aceita que se pretenda incluir nesta proposta os aumentos intercalares deste ano, que o Governo reconheceu como necessários, e os acréscimos salariais para 1990.

Afirmaram que a segunda proposta do Governo «é pior do que a inicial», destacando que alarga de três para cinco anos o tempo mínimo de permanência em cada categoria, além de passar a obrigar a concurso para progressões horizontais, que se faziam por antiguidade.

Os dirigentes do STAL defendem um aumento intercalar de 7 por cento retroactivo a Janeiro para compensar a inflação registada, o início de negociações para os aumentos salariais para 1990 e que o Governo cumpra o protocolo sobre o novo sistema retributivo e apresenta «uma proposta credível e realista que tenha em conta as expectativas criadas».

Criticaram as posições do Governo sobre o sistema retributivo, garantindo que o aumento mencionado de 41 por cento só aparece nos técnicos superiores e para situações que não existem, já que não há assessores principais sem diuturnidades, porque são necessários pelo menos 15 anos de carreira para aí chegar.

IRS «come» parte dos aumentos

Os sindicalistas salientaram que os aumentos líquidos são bastante inferiores dada a incidência do IRS e distribuíram um estudo da proposta do Governo que revela que os técnicos superiores têm aumentos brutos entre 20,1 e 40,9 por cento

(com a ressalva feita) e líquidos entre 15,4 e 32,2 por cento.

Para os técnicos apontam aumentos brutos entre 12,1 e 35,1 por cento (entre 10 e 28,7 líquidos), para os técnicos profissionais nível 3 e oficial administrativo entre 10,5 e 23,7 por cento brutos (9,1 a 20,4 líquidos) e para operários não qualificados entre 11,8 e 32 por cento (10,3 a 27,5 por cento líquidos).

Os dirigentes sindicais afirmaram que não foram contempladas as objecções que apresentaram à proposta sobre vínculos e que o Governo mantém os contratos a prazo e introduz a figura do contrato administrativo, na qual o trabalhador pode ser despedido com simples pré-aviso de 60 dias, qualquer que seja a sua antiguidade.

Quadros técnicos reivindicam 16%

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE) reivindica um vencimento-base da escala indicária de 36.719 escudos, rejeitando assim os 34.918 escudos propostos pelo Governo para vigorar até Dezembro de 1990.

Bettencourt Picanço, presidente do STE, adiantou ontem, em conferência de imprensa, que aquele valor, a vigorar a partir de Outubro e até Dezembro de 1989, é obtido com base na aplicação de uma percentagem de 16 por cento sobre o salário mínimo da Função Pública (31.600 escudos), praticado actualmente.

Acrescentou que «os 16 por cento de aumento intercalar correspondem a 13 por cento em termos anuais».

O STE, que reúne segunda-feira com a secretária de Estado da Modernização Administrativa, defende, a partir de Janeiro, a fixação do índice 100 em 41.493 escudos, obtidos com base na aplicação de 13 por cento sobre os 36.719 escudos.

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado defende ainda que devem existir «gradações» nos salários dos técnicos, dada a sua antiguidade em termos de categoria, dando seguimento ao sistema de diuturnidades.

Quanto ao alargamento do leque salarial, o STE considera que este deverá ter em conta a incidência do IRS, e um valor mínimo de 9,4.

Bettencourt Picanço disse que «o nosso sistema fiscal penaliza os quadros pois o IRS é progressivo até aos 2.500 contos».

«Um quadro com rendimento de 1.500 a dois mil contos significa um desconto de IRS da ordem dos 35 a 40 por cento», disse.

O actual sistema de promoção, apenas quando há lugares vagos e com abertura de concurso, é rejeitado pelo STE, que justifica que «existem técnicos há muitos anos na mesma categoria que acabam por se aposentar sem serem promovidos».

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado reivindica a actualização das pensões desde Outubro de 1989 em 16 por cento e, desde Janeiro de 1990 em 13 por cento. Reivindica também a actualização do subsídio de refeição, de 300 para 400 escudos, a actualização dos benefícios da ADSE, a reforma das ajudas de custo e a actualização dos subsídios de viagem e marcha.

Bettencourt Picanço lamentou que o Governo tenha misturado as alterações estruturais com actualizações salariais, o que torna ainda mais difíceis as negociações.

Guardas florestais suspendem greve...

Os guards florestais suspenderam a greve prevista para os dias 31 de Agosto e 3 de Setembro, porque o Governo concordou em reiniciar negociações a 19 do próximo mês, informou a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

A Federação já entregou no Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação uma «carta aberta» em que são apresentadas as principais reivindicações dos guards florestais.

A revalorização da carreira profissional, a atribuição de subsídios de risco e fardamento, antecipação da idade de reforma, melhores condições de segurança e higiene e a aplicação do sistema remuneratório são as reivindicações que levaram à convocação da greve.

... e trabalhadores da Enatur também

A paralisação de dois dias na Enatur, que hoje se deveria iniciar, foi suspensa depois de, na reunião de ontem à noite, a

gerência da empresa se ter comprometido a negociar aumentos intercalares.

Uma fonte da Federação dos Sindicatos de Hotelaria e Turismo disse que na reunião a administração garantiu também a redução do horário de trabalho, estando prevista nova reunião em Setembro para concretizar aqueles compromissos.

Os trabalhadores da Enatur reclamam um aumento intercalar de 5,5 por cento retroactivo a janeiro e a redução do horário de trabalho para as 40 horas com dois dias de descanso.

Segundo revelou o serviço competente

SÃO MAIORITARIAMENTE AFRICANOS OS CEM MIL ESTRANGEIROS RESIDENTES EM PORTUGAL

A maioria dos estrangeiros com estatuto de residente em Portugal são naturais dos países africanos de língua oficial portuguesa, revela um estudo do Serviço de Estrangeiros.

O estudo, referente ao primeiro semestre de 1989, assinala que estão registados em Portugal 97.592 cidadãos, sendo cerca de 48 mil dos países africanos de língua oficial portuguesa.

A colónia cabo-verdiana em Portugal é a mais numerosa, com 27.484 pessoas, (embora se calcule que ela atinja realmente as 50 mil), seguida da de Angola, com 4632.

No distrito de Lisboa fixaram-se 50.420 pessoas, mais de 50 por cento da população estrangeira.

Nos últimos 11 anos, a população estrangeira residente em Portugal aumentou de 36 mil (em 1978) para cerca de 100 mil.

O número oficial de estrangeiros com

o estatuto de residente em Portugal era, em finais de Junho, de 97.592 cidadãos provenientes de 123 países, mais 5684 do que em Dezembro de 1988.

As autoridades portuguesas admitem a existência de alguns milhares de cidadãos estrangeiros «indocumentados», provenientes, na grande maioria, dos países africanos de língua oficial portuguesa.

Esta situação é apenas detectada quando as autoridades lhes pedem o documento de residência ou surgem problemas de natureza diversa.

Cerca de dois terços (mais de 70 mil) dos estrangeiros residentes têm idades compreendidas entre os 14 e os 45 anos, sendo a maioria do sexo masculino.

Os cidadãos brasileiros, a segunda comunidade estrangeira no país, que tinham em finais de Dezembro do ano passado uma população de 8797 pessoas, em Junho deste ano esse número

cresceu para os 9948, distribuindo-se pelos 22 distritos do continente e regiões autónomas da Madeira e Açores.

As profissões destes cidadãos brasileiros distribuem-se por 3857 estudantes, 1100 domésticas, 380 futebolistas, 48 advogados, 60 agricultores, 34 da aviação civil, 193 comerciantes, 232 professores, 53 administradores e 24 jornalistas.

A colónia espanhola em Portugal ascende a 7213 cidadãos, registando-se um aumento de 123 cidadãos em relação a Dezembro de 1988.

A comunidade dos Estados Unidos da América atinge os 6211 cidadãos, a maioria dos quais são portugueses naturalizados americanos.

Botswana, Burkina Faso, Congo, Estados Árabes Unidos, Iemen e Serra da Leoa têm cada um cidadão residente em Portugal, país onde vivem actualmente 207 apátridas.

Portugueses naturalizam-se espanhóis

Cento e oitenta e três portugueses naturalizaram-se espanhóis nos primeiros seis meses deste ano, anunciaram oficialmente as autoridades espanholas.

Os portugueses foram o segundo maior grupo de estrangeiros a requerer a naturalização espanhola, logo a seguir aos marroquinos.

No mesmo período, adquiriram a candidatura espanhola 3236 estrangeiros, dois mil dos quais marroquinos (sobretudo oriundos de Ceuta e Melilla).

As restantes pessoas que requereram a naturalização são na sua maioria oriundos de países sul-americanos, sobretudo argentinos.

Segundo fonte da Embaixada portuguesa em Madrid, a naturalização

«facilita os trâmites burocráticos e a contratação colectiva».

Acrescentaram que «presentemente, excepto para os casos dos clandestinos e dos que pretendem entrar no mercado espanhol pela primeira vez, as autoridades de Madrid não têm levantado problemas à naturalização».

«As autoridades espanholas têm mostrado grande flexibilidade para a resolução dos casos dos emigrantes», disse.

Os emigrantes portugueses estão sujeitos a determinadas regras legais, pois a autorização de residência só lhes é atribuída, depois de possuírem contrato de trabalho e este, por sua vez, só é atribuído para profissões nas quais não existe desemprego em Espanha.

Ao abrigo da legislação comunitária, a livre circulação de trabalhadores só entra em vigor a partir de 1993.

Detidos dois executivos da transportadora aérea da Guiné

Dois executivos dos Transportes Aéreos da Guiné-Bissau (TAGB), um dos quais português, foram detidos sob a acusação de transporte ilegal de divisas no valor de mais de 386 milhões de pesos (30,8 mil contos), informou a agência guineense ANG.

Citando o director-geral da Polícia Judiciária (PJ), Morgado Tavares, a ANG diz que os dois acusados, detidos em 18 de Agosto, são o director-geral e o director financeiro, o comandante da aviação civil Eduardo Pinto Lopes, de nacionalidade guineense, e António Manuel Garcia dos Reis, português, respectivamente.

Cerca de duas semanas antes das detenções, em 1 de Agosto, a Polícia de Emigração apreendera uma mala contendo moedas convertíveis de diversos países, equivalentes a 386,098 milhões de pesos guineenses, pouco tempo depois de António Manuel Garcia dos Reis a ter embarcado no avião que, ao serviço dos TAGB, fazia ligação Bissau/Lisboa/Paris.

De acordo com Morgado Tavares, o director financeiro dos TAGB não possuía nenhum documento oficial que justificasse a operação, e em declarações que prestou aquelas autoridades disse que o dinheiro se destinava ao comandante Pinto Lopes, que na altura se encontrava em Lis-

boa e lhe mandara pedir para aí o depositar.

Por seu turno, e de acordo ainda com o director-geral da PJ, Pinto Lopes declarou que a soma em questão se destinava à liquidação de contas, não especificadas, em Portugal.

«A operação foi executada sem o conhecimento do conselho directivo da companhia», sublinhou Morgado Tavares.

Pinto Lopes e Manuel dos Reis estão neste momento a aguardar o julgamento, enquanto decorre um inquérito mandado instaurar pelas autoridades competentes da Guiné-Bissau, refere ainda a agência noticiosa Guineense.

Polpa de marmelo apreendida vai ser queimada

A Direcção-Geral de Fiscalização Económica não concluiu ainda a apreensão de polpa de marmelo imprópria para consumo, que será totalmente queimada, detectada na empresa «Frami», Caldas da Rainha.

«As operações prosseguem e a apreensão de polpa de marmelo deteriorada deverá ser superior a 400 toneladas», disse um responsável da Direcção-Geral de Fiscalização Económica.

Técnicos sanitários no local através da observação macroscópica verificaram tratar-se de polpa de marmelo imprópria para consumo, estando previsto que após concluídas as operações o material seja totalmente queimado.

Entretanto, e «por uma questão de segurança» serão efectuadas análises às amostras de polpa de marmelo recolhidas na empresa «Frami».

As análises serão feitas num laboratório de Lisboa.

Autorização paternal para os menores saírem do País

Os menores, mesmo portadores de passaporte comum individual, quando não forem acompanhados por quem exerça o poder paternal, só podem entrar ou sair do território nacional exibindo uma autorização, dispõe o Decreto-Lei 438/88 de 29 de Novembro, recorda a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas numa nota agora enviada à Imprensa.

A autorização deve constar de documento escrito, datado e assinado por quem exercer o poder paternal, reconhecido no notário, quando em Portugal, ou num consulado português, quando no estrangeiro. Esse documento deverá ser apresentado às autoridades de fronteira sem o que serão obrigados a regressar ao país onde residem, acrescenta a nota oficial.

Assim, face aos inconvenientes que possa provocar aos portugueses residentes no estrangeiro com filhos menores, o Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades alerta os portugueses nessas condições para o cumprimento do preceituado

naquele diploma, que exige tal autorização do poder paternal, documento esse que pode ser utilizado em número ilimitado de vezes, dentro do prazo que o mesmo estipular, mas nunca superior a um ano.

Assassinos de jovem cigano presos em Coimbra

A Polícia Judiciária de Coimbra anunciou a detenção de três indivíduos de raça cigana acusados de homicídio de uma menor da mesma etnia.

Segundo a Judiciária, o crime foi praticado na cidade espanhola de Salamanca, no início do corrente ano, tendo como alvo um menor de 17 anos, de nacionalidade portuguesa.

Os arguidos, uma mulher e dois homens, com idades compreendidas entre os 33 e os 52 anos, «terão assassinado o jovem pelo facto de ter fugido para Espanha com uma menor, também cigana, filha de um dos detidos».

Dois dos presumíveis criminosos, que confessaram a participação no homicídio são oriundos das zonas de Seia e Almeida e encontram-se detidos, enquanto a mulher aguarda em liberdade a conclusão do processo.

A vítima foi abatida com dois tiros de arma de fogo.

Fogo em Alcântara interrompe o trânsito

O trânsito esteve hoje de madrugada interrompido durante

várias horas na Avenida 24 de Julho, em Lisboa, devido a um incêndio num armazém de ferro, mas o fogo foi extinto em 45 minutos pelos sapadores bombeiros.

O fogo deflagrou cerca das 22 e 30 de ontem presumivelmente devido a um curto-circuito na instalação do edifício, tendo sido combatido por 30 bombeiros, apoiados por seis viaturas.

A interrupção do trânsito na zona de Alcântara afectou sobretudo a circulação de eléctricos da Carris na Avenida 24 de Julho.

Os escritórios da empresa não foram atingidos, tendo o incêndio ficado circunscrito a parte do armazém.

Velocidade na origem do acidente que vitimou seis pessoas

O acidente de viação que ontem vitimou seis pessoas na recta de Sequeira, estrada Braga-Barcelos, deverá ter sido provocado por excesso de velocidade de um dos condutores - disse uma fonte da GNR.

Segundo aquela fonte, o acidente verificou-se no final da recta de Sequeira, precisamente numa curva «bastante perigosa» perto de Cabreiros, Braga.

O acidente envolveu cinco emigrantes, todos naturais de Braga, que regressaram a França, no sentido Braga-Barcelos.

O veículo de matrícula francesa era conduzido por Francisco de Oliveira Barbosa, 43 anos, e

ao seu lado seguia a mulher Ana dos Prazeres da Costa Eirinha, 41 anos e os filhos do casal, António Eirinha Barbosa, 19 anos, José Eirinha Barbosa, 13 anos e Rosalina Eirinha Barbosa, 7 anos.

O condutor do veículo de matrícula espanhola, Jorge Alexandre Martins Eiriz Barbosa, era natural de Viana do Castelo e viajava sozinho no sentido Barcelos-Braga, sendo ele o responsável pelo acidente.

Os corpos das seis vítimas encontram-se já no Hospital de S. Marcos em Braga.

Assaltantes preferem a área de Benfica

Dos 15 furtos ocorridos na área de Lisboa e participados à Polícia Judiciária nas últimas 24 horas, seis foram registados na área de Benfica, disse hoje um informador da PJ.

Quatro dos furtos na área de Benfica ocorreram em residências, três por arrombamento e um por meio de chave falsa.

A Escola Secundária de Benfica também não escapou aos assaltantes que levaram quatro mil escudos em gelados.

Um guarda de um estabelecimento da estação de Benfica foi igualmente assaltado, tendo os ladrões fugido com dinheiro, relógios e bijuterias no valor de 181 contos.

Um outro roubo num restaurante na Rua de Santo Eloy, em Lisboa, rendeu 1200 contos em electrodomésticos e dinheiro.



ESPECIAL FÉRIAS/89

nó HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

OCTUBRO

Programa 1: 13 950\$00 — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

Programa 2: 16 975\$00 — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

AGOSTO, SETEMBRO

16 500\$00 — Programa 1 19 950\$00 — Programa 2

• 1 Pq. Suplemento p/ocupação single
• 1 a 31 de Agosto supli: 1100\$00/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HO-PARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS



COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$50	55\$50
ALEMANHA FED. (marco)	82\$50	83\$70
ÁUSTRIA (xelim)	11\$70	11\$90
BÉLGICA (franco)	3\$753	4\$003
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	137\$55	140\$05
(notas de 5 a 1000)	138\$05	140\$55
DINAMARCA (coroa)	21\$25	21\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$286	1\$406
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	161\$95	165\$45
(notas de 5 a 1000)	162\$45	165\$95
FINLÂNDIA (marka)	36\$65	37\$25
FRANÇA (franco)	24\$45	25\$15
HOLANDA (florim)	73\$20	74\$30
IRLÂNDIA (libra)	221\$40	225\$40
ITÁLIA (lira)	\$104	\$119
JAPÃO (iene)	1\$089	1\$144
NORUEGA (coroa)	22\$65	23\$15
REINO UNIDO (libra)	255\$05	259\$55
SUÉCIA (coroa)	24\$45	24\$95
SUÍÇA (franco)	95\$75	97\$25
VENEZUELA (bolívar)	3\$856	4\$656

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Mais uma contrariedade para o Algarve

ALUIMENTO DE TERRAS MATA TURISTA FRANCÊS EM ALBUFEIRA

O local de Albufeira onde ontem morreu soterrado um cidadão francês (a esposa ficou gravemente ferida e está hospitalizada em estado crítico) em consequência de um aluimento é uma zona de domínio público marítimo com estudos que comprovam tratar-se de área «muito sensível» - soube o «Diário de Lisboa» esta manhã junto da Câmara Municipal. Os estrangeiros têm, afinal, razões para criticar o facto das obras no Algarve se multiplicarem no Verão, por vezes sem as devidas precauções.

O que ontem aconteceu a um casal francês em Albufeira, sem de imediato ter a ver com obras (mas é bom ter isso em conta), em consequência de um desprendimento de terras, é mais um percalço que poderá prejudicar a principal actividade económica da região.

Despret, francês, 32 anos, faleceu devido a um aluimento de terras no acesso à Praia do Penedo, em Albufeira, enquanto a mulher (Veronica, de 31 anos, funcionária num hospital francês), também soterrada, veio a ser retirada ainda com vida. Encontrou-se internada no Hospital Distrital de Faro (HDF) em estado crítico (sofreu fractura do tórax, traumatismo craniano e fractura cervical, com paralisia dos membros inferiores). Inicialmente admitiu-se que o número de vítimas fosse maior.

Câmara demarca-se do desastre

A Câmara Municipal, a que preside o socialista Xavier Xufre, demarcou-se do acidente, pois a seu tempo havia alertado a Direcção-Geral de Portos para os perigos que correm os turistas em Albufeira, ante situações como esta. Não foram tomadas medidas por parte - no caso - da Direcção-Geral de Portos, apesar de haver um estudo do LNEC sobre as zonas de risco na zona. Desconhecem-se, contudo, as causas do desprendimento de terras.

Como sempre acontece em circunstâncias como esta, as autoridades tomaram medidas. Para já, o governador civil de Faro, que se deslocou ao local após o acidente, ordenou a abertura de um inquérito. Era o mínimo que Cabrita Neto poderia fazer, por ora. No entanto, problema das obras, persiste. Dá por vezes a impressão que nos restantes meses do ano não de trabalha muito na construção civil.

No entanto, sabe-se que as grandes e médias empresas do ramo, de Lisboa e do Porto (e de outros pontos do País), têm estaleiros, brigadas e equipas de obras e escritórios no Algarve. Como se o turismo desse (ou venha a dar) para tudo e se perfila como a grande e mais rentável de todas as nossas potencialidades.

Direcção de Portos que se explique

De obras estamos aviados: vamos ao acidente em si, ao qual, naturalmente, a Comunicação Social portuguesa presta hoje o relevo que muito bem entende e que, seguramente, os correspondentes e enviados ingleses, em Portugal, não deixarão de apreciar segundo uma óptica própria, na guerra que move operadores e «gigantes» da actividade, em Londres - de que têm resultado prejuízos visíveis para o sector

português.

As terras, da jurisdição da Direcção-Geral de Portos, aluam num ápice. O responsável de um bar de Albufeira, junto às escadas que dão acesso à praia, afirmou que havia detectado antes um infiltração de água, depois - curiosamente para ele - de se haver deslocado aos serviços competentes da Câmara Municipal.

«Mas as terras aluíram sem que tivesse havido tempo de intervenção por parte dos serviços camarários», acrescentou o mesmo infirmador.

Populares desta jovem cidade algarvia referiram que «existe uma poça de água, há mais de dois meses, na escadaria da falésia que dá acesso à Praia do Penedo, provavelmente originada pela ruptura de um cano de abastecimento da rede pública.

Versões do local contradizem-se

Há pontos de vista diferentes sobre as alegadas causas do desprendimento de terras que vitimou o casal francês. As versões chocam-se entre aluimento devido ao excesso de água na lavagem de viaturas par-

ticulares no cimo do morro e infiltrações de água da rede de abastecimento. Onde está a verdade?

Não se esqueça que já no passado Inverno ocorreu um aluimento, de que foi dado conhecimento à DGP, com a indicação de se tornar necessária autorização para proceder a obras no local domínio público marítimo. Afirma, de resto, a autarquia ter alertado por diversas vezes a DGP para a «necessidade de um tratamento especial» na zona, de acordo com o «estudo sobre a falésia de Albufeira», encomendado ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Não era previsível, não obstante, qualquer acidente - pelo menos deste tipo - no local onde ocorreu o de ontem.

Os bombeiros de Albufeira removeram um montão de terra - com dois metros de frente e três de altura -, na presunção de haver mais gente soterrada. A autarquia procedeu à vedação do local com o objectivo de conseguir a sua total segurança. Note-se que a escadaria da falésia, onde se deu o aluimento - é um dos dois principais acessos à Praia do Penedo.



renascença gráfica, s.a.



RUA LUZ SORIANO, 44 Telef. 3474870/8

END. TELEG. DIBOA-TELEX. 12363 11200 LISBOA - PORTUGAL

Combate ao narcotráfico na Colômbia

«BARÕES» DA COCAÍNA: GUERRA TOTAL AO GOVERNO

«Declaramos guerra total e absoluta ao Governo». A mensagem clara e já concretizada, foi deixada ontem pelo grupo de traficantes de droga colombianos que atacaram à bomba as sedes de dois partidos em Medellín e incendiaram as residências de dois dirigentes políticos. Os «barões da cocaína» respondem com o terror às recentes medidas tomadas pelas autoridades colombianas contra o narcotráfico e que conduziram à detenção de mais de 10 mil pessoas.

Nos atentados efectuados ontem, uma pessoa morreu em consequência da explosão verificada na sede do Partido Liberal, em Medellín, uma cidade industrial a noroeste de Bogotá, que serve de base ao maior cartel de tráfico de cocaína do mundo.

Segundo a polícia colombiana, rebentaram também engenhos explosivos na sede do Partido Conservador e nas residências do antigo ministro das Finanças, Edgar Gutierrez, do Partido Liberal, e do senador Igácio Velez Escobar, do Partido Conservador.

Foram ainda encontradas bombas de 20 quilos de dinamite em malas deixadas nas instalações de duas estações de rádio da cidade, a Rádio Caracol e a Rádio Cadena Nacional, que a polícia conseguiu desactivar a tempo.

Na Rádio Caracol os bombistas deixaram um comunicado e assinado pelos «Os Extraditáveis» - um grupo conhecido por levar a cabo actos de violência a soldo do cartel - onde declaram «a guerra total e absoluta ao Governo, à oligarquia industrial e política, aos jornalistas que nos têm atacado e destruído, aos juizes que se venderam ao Governo, aos magistrados que extraditaram, aos presidentes de sindicatos e a to-

dos os que nos perseguem e atacam».

Neste caso não se trata de um simples filme amargo sobre a violência e a actuação implacável da Mafia, mas de ameaças ferozes e concretizáveis. No comunicado os «Extraditáveis» advertem que «não respeitaremos as famílias dos que não têm respeitado as nossas famílias. Incendiaremos as indústrias, as propriedades e as mansões das oligarquias».

A série de atentados, que certamente se repetirão, ocorre 24 horas depois do Governo de Bogotá, reagindo ao assassinato de um candidato à presidência da República, Luis Carlos Galan, ter anunciado a sua «firme intenção de extraditar» os traficantes de droga para os Estados Unidos.

O presidente Virgílio Barco, pôs em marcha algumas medidas de emergência, no âmbito das quais poderão ser extraditados os traficantes pretendidos pelas autoridades norte-americanas, ao mesmo tempo que autorizou a confiscação dos bens dos traficantes e a detenção dos suspeitos.

Mercenários israelitas treinam traficantes

Entretanto, como já ontem tínhamos adiantado, a polícia secreta da

Colômbia (DAS) confirmou a presença de mercenários britânicos e israelitas em território colombiano para treinar elementos afetados aos traficantes de droga. A notícia foi veiculada pelo verpetino independente de Telavive «Iediot Ajronov» e publicada ontem no diário de Bogotá «El Tiempo».

Este jornal confirma haver uma «simbiose» dos traficantes e a extrema direita com a presença no país de mercenários estrangeiros contratados por essas organizações. Os serviços secretos afirmam que o Movimento de Restauração Nacional (Morena), de extrema-direita, «deve ser identificado como ponto culminante de uma simbiose entre o tráfico, as autodefesas, os grupos de assassinos treinados por mercenários e alguns empresários agrícolas cansados dos ataques da guerrilha».

Na sua informação, o DAS revela que em Julho entraram na Colômbia os mercenários britânicos e israelitas identificados como John Owen, Dave Tomkins, R. Paxton, P. Glasgow, A. Dewer e P. Atherton.

A DAS considera ainda o Morena como «um projecto político dos barões da droga do chamado cartel de Medellín. O Morena foi fundado em princípios de Agosto por dirigentes da Associação de Agricultores e Criadores de Gado de Magdalena, no centro do país, durante uma manifestação que reuniu 5 mil pessoas.



Serra de Montejunto já não arde

À segunda foi de vez: fogo extinto ontem à noite

A Serra de Montejunto já não arde. Desde ontem à noite, segundo fonte dos Voluntários do Cadaval. O fogo eclodiu na quarta-feira e foi inicialmente dado por extinto ontem, depois de numa primeira fase ter sido controlado pelas sete corporações de bombeiros que atacaram as chamas.

Reacendeu-se ainda ontem, todavia, ao mesmo tempo que era (praticamente) considerado extinto. E lá tiveram os bombeiros que voltar à primeira fila e forma, isto é, que se juntarem e unirem (porque a união faz a força e a eficácia, facilitando o uso de mangueiras e a distribuição de água que elas lançam) para o apagar.

Isso aconteceu ontem à noite, os bombeiros regressaram aos seus quartéis, o que esta manhã nos atendeu, do Cadaval, mostrou alguma surpresa, mas lá nos forneceu a informação que todos gostamos de ouvir e muitos de ler: «Então não sabem que foi apagado ontem à noite». Lá lhe dissemos que não, razão por que estávamos ao telefone. «Ainda bem que já está apagado», é claro que nos congratulamos com isso. O homem agradeceu.

Não é uma crónica do incêndio apagado a tempo e horas, nem nada que se lhe pareça.

Oito corporações ao ataque

Nem do fogo que não existiu: este existiu, foi bem forte, intenso dizem todos, envolveu inicialmente sete corporações de bombeiros (Alenquer, Cadaval, Torres Vedras, Sobral do Monte Agraço, Arruda dos Vinhos, Merceana e Lourinhã), depois juntou-se-lhes a de Alhandra, equipada com material bastante apropriado para uma operação destas - segundo o 2º comandante Jerónimo, que foi com os seus homens para mais este «teatro» de fogo, pois Alenquer não fica muito, longe, mais distante ficam Oleiros e Sertão.

O incêndio foi dominado, extinto de todo às 21 horas de ontem, as gentes der Casal da Pedreira, onde irrompeu, podem estar agora mais descansadas, quem não perdeu nada deverá ficar como antes por bom (e muito) tempo mais, mas há pessoas que não ganharam para o susto.

No fundo, lá bem no fundo, arderam mais uns hectares de mata florestal, muitas árvores que fazem falta àquela área da Estremadura/Oeste desapareceram, no lugar delas aparecerão a seu tempo outras. É sempre o mesmo, a nossa riqueza florestal é que se trama, todos os anos cenas destas se repetem, parece que há criminosos encartados, pagos por terceiros e/ou impulsiona-

dos por unha fibra braseira a que chamam piromania.

Posto ou não posto: eis questão

Mas a fonte - já agora - que contactámos, um bombeiro do Cadaval que nos atendeu pelo telefone e que porventura assim (abruptamente) terá sido interrompido no seu soninho repousante depois de muitas horas à volta com um fogo na serra que mais os incomoda, onde o mato e pinhal se dão as mãos num fraterno e verde abraço, não nos pode ajudar ao texto. A verdade acima de tudo, até porque, por ora, não há provas de se tratar de fogo posto.

Logo, a explicação: «nada está apurado». Mas que o reacendimento de um incêndio que está prestes a ser apagado, num outro local próximo do seu termo, causa alguns embaraços e suscita dúvidas - sobre isso poucos tergiversam. Mas o homem do outro lado do fio - não se abriu mais.

Não importa: o que vale é que a serra de Montejunto, que antes deste último fogo já se tinha batido com três na sua vertente Sul, mais um outro de proporções talvez ainda maiores na parte Norte, está ali para durar, ai de quem diga o contrário (seja dos bombeiros, seja da Direcção-geral das Florestas ou outra entidade ou autoridade com voto na questão ou conhecimento de causa).

Fogos nunca vêm por bem

A sério, a sério, sabe-se porque há especialistas em tudo, que arderam 150 hectares de mato, o que (naturalmente) deixou a serra mais pobre, mais despida, menos verde. E o verde, a floresta, faz muita falta àquela zona e a todas as zonas do país. Tudo começou - com chamas e lágrimas, porque há sempre quem chore quando o fogo ameaça - às 17 horas de quarta-feira, situação que tendeu a melhorar substancialmente ao princípio da tarde de ontem.

Mas - repete-se - lá se reacendeu quase acto contínuo ou coisa que o valha, pelo que os bombeiros - que nunca deixam o local do «crime» até que a última brasa seja pagada - nem saíram do sítio, em frente ao ataque. Nem sequer o disseram: pensaram-no e assim se mantiveram.

E pronto: fica a notícia de um fogo que eclodiu, foi controlado, extinto, se reacendeu e voltou a ser apagado. Fazem os bombeiros votos para que as chamas não voltem. Não propriamente por se entrar hoje num fim-de-semana, mas porque os fogos nunca vêm por bem.



Helena Beatriz Rodriguez e Eduardo Martinez Romero detidos na Colômbia por envolvimento no tráfico de droga para os EUA



O «padrinho» Amadeo Carrilho (no centro) preso no México com Miguel Meza (à esquerda) e Geraldo Maciel (à direita)

PROJECTO DE FUSÃO

As administrações das sociedades em epígrafe apresentam este projecto, nos termos do artigo 98.º do Código das Sociedades Comerciais, que engloba as várias operações inerentes à fusão em seguida descritas:

- A presente operação assumirá a forma de fusão por incorporação, prevista na alínea b) do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 181/87, de 21 de Abril e da alínea a) do n.º 4 do artigo 97.º do Código das Sociedades Comerciais;
Com a presente operação pretende-se a simplificação e racionalização das estruturas, sendo que a PLASTRADE — Comércio Internacional de Plásticos, S. A., irá cessar a sua actividade industrial e comercial, ficando, portanto, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 495/88, de 30 de Dezembro, que regula a actividade das Sociedades Gestoras de Participações Sociais (SGPP). Torna-se assim mais adequado a sua incorporação na IBEROMOLDES, S.A., que, aliás, é já detentora de 100% do seu capital social;
Com a presente operação pretende-se a transferência global do património da PLASTRADE — Comércio Internacional de Plásticos, S. A., para a IBEROMOLDES, S. A.
- IBEROMOLDES, S. A., com sede na Rua Augusto Costa, em Picassinos, na Marinha Grande, com o capital social de 750 000 000\$00, matriculada a 19 de Novembro de 1975 na Conservatória do Registo Comercial da Marinha Grande sob o n.º 292 a fls. 149 do livro C-1;
PLASTRADE — Comércio Internacional de Plásticos, S. A., com sede na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 206, 4.º Dto, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, com o capital social de 44 000 000\$00, matriculada a 24 de Março de 1981 na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 55821 a fls. 196 do livro C-139-2.
- A IBEROMOLDES, S. A. detém 44 000 acções da PLASTRADE — Comércio Internacional de Plásticos, S. A., ou seja o equivalente a 100% do capital social, como já foi referido.
- Os balanços, especialmente organizados para esta operação, juntam-se em anexo ao presente projecto.
- A IBEROMOLDES, S. A., mantém os seus estatutos, com excepção do art. 2.º que passará a ter a seguinte redacção:
 - A sociedade tem por objecto a comercialização no mercado externo e interno de moldes e outros bens e serviços complementares para as indústrias utilizadoras ou transformadoras de plásticos e de injeção de metais, bem como a concepção, projecto, transformação e aperfeiçoamento desses produtos.
 - A sociedade poderá adquirir e gerir participações em sociedades com objecto diferente do acima referido, em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.
- Não havendo qualquer atribuição de acções a ser efectuada, não fez sentido especificar relações de troca.
- Não existem terceiros não sócios com direitos a participar nos lucros da sociedade.
- As sociedades intervenientes nesta operação não tomam quaisquer medidas de protecção dos direitos dos credores, já que a fusão proposta é baseada na transferência global do património da incorporada para a incorporante e a unidade resultante da operação de fusão apresenta uma estrutura patrimonial mais sólida.
- A data da efectivação contabilística da operação é 31 de Dezembro de 1989.
- Não existem sócios titulares de direitos especiais.
- Não são atribuídas quaisquer vantagens especiais aos membros dos órgãos de administração e fiscalização das sociedades e/ou aos peritos que intervenham nesta operação.
- Não existem novas participações, pelo que não se especifica a data a partir da qual concedem o direito a participar nos lucros.

Marinha Grande, 21 de Agosto de 1989

Os administradores da IBEROMOLDES, S. A.
Assinaturas ilegíveis

Os administradores de PLASTRADE
— Comércio Internacional de Plásticos, S. A.
Assinaturas ilegíveis

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO

J. COCTEAU — E. O'NEILL — A. TCHEKOV

O FILHO DO AR

Só até
27 de Agosto

Com: ELISA LISBOA; FERNANDA COIMBRA;
FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA; ISABEL DE CASTRO;
MANUEL MENDES; PAULA SÓ; RUY FORTADO; TERESA MÓNICA
Músicas: CARLOS CURTO; JOANA DAGULHO

Encenação: CARLOS FERNANDO
Cenografia: DALTON SALEM ASSEFF

«... Um bom espectáculo na Graça.» Diário de Notícias
«... Um trabalho de equipa de nível muito alto.» Diário de Lisboa
«... Não há descrição que valha a corrida sem demora a este espectáculo comovente e estufante.» O Jornal
«... Este espectáculo... contribui decisivamente para elevar (bastante) acima da média actual a qualidade do teatro actualmente em cena em Lisboa» Expresso
«... Um festival de interpretações e um trabalho deveras notável!» A Capital

Patrocínio:



De 3.ª a sábado, às 21.00 horas.
Domingos, às 16.00 horas.

Reservas pelos telef.: 875626 - 875800

Subsídio SEC



Dois meses depois dos acordos de Gbadolite, as forças da UNITA regressaram aos combates com o exército angolano. O movimento rebelde acusa Luanda de aproveitar o cessar-fogo para planejar e desencadear uma grande ofensiva contra as suas posições.

Angola: UNITA relança guerra e responsabiliza Luanda

COMBATES RECOMEÇARAM «ÀS PORTAS» DA JAMBA

Violentos combates regressaram a Angola, depois de dois meses de tréguas precárias. A UNITA afirma ter reatado os combates para responder a uma ofensiva militar desencadeada pelo governo de Luanda. Esta posição foi tomada na sequência da cimeira de Harare, cujas decisões foram rejeitadas pelo movimento rebelde angolano. As últimas notícias chegadas a Lisboa referem a existência de recontros na área do rio Kuzumbi, considerado "as portas da Jamba".

Segundo um comunicado do Estado-Maior da UNITA, ontem divulgado em Lisboa, as suas tropas estão a repelir os ataques do exército angolano. De acordo com este comunicado, um agrupamento do exército angolano, vindo de Ionde, foi rechaçado quando tentava ocupar a área de Hetue, na província de Cunene.

A UNITA afirma ainda ter repellido dois batalhões angolanos, saídos do Huambo, que atacaram as bases rebeldes existentes a sul de Bailundo. As tropas de Luanda são acusadas de lançar uma outra ofensiva na província de Cuanza-Norte.

O movimento rebelde angolano reivindica a destruição de vários carros blindados e afirma

que o exército angolano está a sofrer muito mais baixas do que as forças da UNITA.

UNITA condena cimeira de Harare

O movimento liderado por Jonas Savimbi responsabiliza o governo de Luanda pelo recomeço dos combates, acusando-o de aproveitar as tréguas acordadas em Gbadolite para lançar uma ofensiva militar contra as posições da UNITA.

Alcides Sakala, representante da UNITA em Lisboa, reafirmou ontem o empenho da sua organização no processo de paz para Angola e na negociação de mecanismos que permitam fiscalizar o cessar-fogo. Segundo Alci-

des Sakala, o MPLA nunca aceitou "negociar directamente" com a UNITA a regulamentação do cessar-fogo, optando pelo recurso a intermediários como o Presidente zairense, Mobutu Sese Seko.

A UNITA critica ainda as conclusões da cimeira de Harare. Num comunicado do Bureau Político, diz-se que a organização "recebeu com surpresa e consternação o comunicado de Harare", da cimeira da Comissão da Organização de Unidade Africana para a África Austral. "A UNITA já denunciou há muitos meses atrás o 'complot' que se preparava contra a sua organização, o seu dirigente e a paz em Angola", refere o comunicado de movimento rebelde angolano.

"A UNITA rejeita nos termos mais violentos o comunicado de Harare e não aceita que África, pela primeira vez, decida a direcção dos países africanos onde quer que seja", afirma-se no comunicado a propósito da exigência do afastamento de Savimbi. No comunicado final de Harare foi referido abertamente, pela primeira vez, que Jonas Savimbi

deverá "retirar-se voluntariamente da cena política".

EUA continuam a apoiar a UNITA

O reverendo Benjamin Chavis, da Igreja Unida de Cristo, afirmou ontem que os Estados Unidos da América continuam a enviar armamento para a UNITA. Chavis, que se encontra de visita a Luanda, afirmou que essa informação lhe foi confirmada pelo representante dos EUA na Namíbia. Interrogado sobre se a informação acerca do fornecimento de armas à UNITA lhe tinha sido dada em privado ou oficialmente, Chavis declarou: "eu apesar de ser religioso só aceito confissões no confessional. Tudo o resto é público".

A afirmação de Chavis foi feita no final de uma visita que uma delegação de religiosos e médicos dos EUA efectuou a Angola. A delegação visitou várias províncias angolanas, com o objectivo de avaliar a situação relativamente a orfãos e mutilados de guerra.

De Klerk no Zaire discute com Mobutu «apartheid» e o conflito angolano

O Presidente interino da África do Sul, Frederik W. de Klerk, encontra-se neste momento a efectuar uma digressão por África, para encontros diplomáticos com os dirigentes africanos do Zaire e da Zâmbia.

Hoje, de Klerk, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof "Pik" Botha, irá discutir com o Presidente zairense, Mobutu Sese Seko, várias questões da região, entre elas, destaque para a recente evolução do conflito angolano. Fontes diplomáticas em Pretória declararam que as conversações entre os dois líderes deverão incidir sobre os 14 anos de guerra civil entre o Go-

verno de Luanda e a UNITA, apoiada pelo Governo da África do Sul.

A troca de impressões entre os dois chefes de Estado é aguardada com alguma expectativa junto dos meios diplomáticos, em face da decisão anunciada ontem pela UNITA de recomeçar a guerra em Angola. Recorde-se que o Presidente zairense, tem sido o mediador entre o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA, Jonas Savimbi, com vista a encontrar uma solução de paz em Angola.

Mas as questões internas da África do Sul estarão também em análise. Segundo o co-

municado oficial divulgado ontem em Kinshasa, «o chefe de Estado zairense, bem como a opinião pública internacional, gostariam de saber se a mudança do homem no poder na África do Sul significa que ele acabará com o seu sistema político (o "apartheid"), que a consciência universal condena».

A reunião entre os chefes de Estado zairense e sul africano antecede o encontro a efectuar, em Lusaka, entre de Klerk e o Presidente zambiano, Kenneth Kaunda, previsto para o próximo dia 28 deste mês.

Segundo Walesa, começa agora a transição para a democracia na Polónia

REFORMAS E ABERTURA AO OCIDENTE SÃO PRIORIDADE PARA MAZOWIECKI

Uma ambiciosa reforma económica e política e a abertura ao Ocidente são os principais objectivos de Tadeusz Mazowiecki, o Primeiro-Ministro não-comunista ontem eleito pelo Parlamento da Polónia. Com a pretensão de formar um Governo para todos os polacos, no qual colaborem todas as forças parlamentares, e de humanizar as relações entre o poder e o povo, Mazowiecki enfrenta agora a difícil tarefa de recuperar um país com uma inflação de 200 por cento e uma dívida externa de 39.000 milhões de dólares.

Na sua primeira conferência de imprensa como chefe do executivo, o novo Primeiro-Ministro disse que se propõe potenciar as relações com os países Ocidentais, mas também manter uma colaboração autêntica com o bloco Socialista, superando os pontos de incompreensão com os Estados vizinhos.

Segundo Mazowiecki, a primeira decisão do novo executivo será a vontade de fazer da Polónia um Estado de direito, no qual existam uma Informação isenta e um acesso pluralista aos meios de Comunicação Social.

O novo Primeiro-Ministro, que comparou as transições democráticas da Polónia às da Espanha (pela via pacífica e do diálogo

doo novo gabinete e na elaboração do seu programa governamental.

Na sua primeira intervenção perante a Imprensa, Mazowiecki indicou esperar que as relações do executivo com o bureau político do Partido Comunista sejam positivas e salientou a importância da realização de eleições locais.

O líder do Solidariedade, Lech Walesa, após a confirmação de Mazowiecki no cargo de Primeiro-Ministro, afirmou em Gdansk que o novo Governo polaco "inicia a transição do sistema totalitário para a democracia."

"Em nome de toda a central sindical - realçou Walesa - desejo a Mazowiecki que o seu Governo seja um Governo de todos os

polacos, que conduza eficazmente o nosso país do sistema totalitário para a democracia".

A suspensão das greves em muitas zonas de país constituiu o primeiro triunfo de Mateusz Mazowiecki, poucas horas depois de ter sido aprovado para o cargo no Parlamento.

A onda de greves, que ainda ontem afectava a economia polaca, terminou à tarde, sendo particularmente significativa a suspensão dos protestos mantidos em quatro minas de carvão, na região da Silésia, por grupos radicais de trabalhadores.

A designação de Tadeusz Mazowiecki como novo Primeiro-Ministro provocou múltiplas reacções, entre as quais a do Conselho da Europa, através da sua secretária-geral, Catherine Lalumière, que enviou uma mensagem de felicitações.

Também os Governos da Hungria, Áustria e Bélgica enviaram mensagens de felicitação a Mazowiecki e manifestaram apoio às reformas económicas que vão ser empreendidas na Polónia.

"Interlocutor" da URSS

A União Soviética considera im-

portante a eleição de Mazowiecki e irá tratá-lo como seu "interlocutor", disse um porta-voz oficial soviético.

Mas Moscovo vai esperar pelo desenvolvimento do programa do novo Governo polaco, o primeiro liderado por um não-comunista desde há mais de 40 anos, segundo o porta-voz do MNE soviético, Yuri Gremitskikh.

"Naturalmente consideraremos Tadeusz Mazowiecki como nosso interlocutor no tratamento dos assuntos que ligam os nossos países", disse a mesma fonte. O porta-voz oficial não quis tecer comentários, ao ser questionado sobre se um país com um Governo não comunista podia permanecer no seio do Pacto de Varsóvia e no Comecon, a comunidade económica de países socialistas.

"Vamos esperar para ver. Deixemos o Governo polaco decidir ele mesmo os seus assuntos políticos" - sublinhou Yuri Gremitskikh.

Elogios de Bush

O Presidente norte-americano, George Bush, elogiou a eleição

pelo Parlamento polaco do activista do Solidariedade e desejou a Mazowiecki "boa sorte".

Afirmando que neste momento se vive "um período fascinante na Europa de Leste", Bush referiu que enviou a Mazowiecki uma mensagem formal de parabéns pela sua eleição de ontem pela câmara baixa do Parlamento polaco.

A mensagem promete o "apoio firme" de Bush a Mazowiecki, pois ele "quer levar o país" à reconversão económica e a mudanças democráticas - disse Bush.

A mensagem saúda também o Presidente Jaruzelski "pela sua sabedoria política ao apoiar um Governo que reflecte a vontade genuína de todo o povo polaco e do Solidariedade, sob a liderança de Lech Walesa, e pelo seu papel construtivo ao ajudar a alcançar um novo princípio na Polónia".

Também a Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher, em telegrama enviado a Mazowiecki, prometeu ajudar a Polónia a conseguir a democracia e a reconversão económica.

Papa mantém propósito de visitar o Líbano

O porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro Valls, confirmou aos jornalistas que o Papa João Paulo II tem a intenção de visitar o Líbano. «Confirmo a intenção do Santo Padre, mas por agora não há mais novidades» - disse. A imprensa italiana publicou notícias sobre a provável visita papal, avançando alguns pormenores como a duração da sua permanência em Beirute, que seria de três horas. Sabe-se já que a diplomacia do Vaticano começou a trabalhar para tornar possível a realização do desejo do Santo Padre, expresso pelo Papa Wojtyla durante a audiência aos fiéis de 15 de Agosto, na residência de Verão de Castelgandolfo. Alguns sinais de aprovação também são perceptíveis da parte de países interessados na questão libanesa, como a França e a URSS. Na segunda-feira, durante um encontro no aeroporto de Oviedo, nas Astúrias, o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, terá referido ao Pontífice tudo quanto lhe foi dado a conhecer, a propósito do Líbano, durante a reunião que teve no domingo com o Presidente francês, François Mitterrand. O papa encontra-se na sua residência de Verão, em Castelgandolfo, a cerca de 25 quilómetros de Roma, onde ontem de manhã recebeu Yuri E. Karlov, enviado pessoal do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze. Enquanto isto o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Gennadi Terrosov, chegou ontem a Beirute, procedente de Damasco, para conversações com os líderes libaneses sobre o conflito no território. Terça-feira, Terrosov conferenciou em Damasco com o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Faruk Al-Sharaa. Na capital síria, o enviado soviético afirmou que Moscovo apoia a mediação do comité tripartido da Liga Árabe no conflito e bem assim as resoluções aprovadas na cimeira árabe de Casablanca. Integram o comité da liga a Arábia Saudita, Argélia e Marrocos. Na capital libanesa teve contacto com os chefes do governo civil, o muçulmano Selim Hoss, e do Governo militar, o cristão Michel Aun, o presidente do Parlamento, Hussein Husseini e o patriarca maronita do Líbano, Nasrallah Sfir.

Colômbia:

EUA enviam auxílio para o combate à droga

O governo norte-americano vai conceder à Colômbia um auxílio de 2,5 milhões de dólares (cerca de 400 000 contos) para o treino de guardas dos tribunais, compra de blindados e protecção dos juizes envolvidos no combate à droga.

Segundo fontes militares e da administração norte-americana, será apresentada ao presidente George Bush uma proposta sobre equipamento militar a ser enviado para a Colômbia caso o país necessite desse material. A proposta não inclui efectivos militares.

Apesar do silêncio da administração norte-americana face aos atentados da semana passada na cidade colombiana de Medellín, onde está instalada um dos maiores cartéis de cocaína do Mundo, o governo dos Estados Unidos aprovou rapidamente a atribuição à Colômbia de todo o dinheiro disponível dos cinco milhões de dólares destinados pelo Congresso ao combate à droga nos países sul-americanos.

A declaração de guerra dos patrões da droga contra o governo colombiano «pesa certamente nas nossas preocupações sobre segurança, tanto para o governo colombiano como para nós próprios», disse o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano.

De acordo com funcionários norte-americanos, os últimos incidentes verificados na Colômbia não atingiram pessoas ou bens de cidadãos dos Estados Unidos e as autoridades não tencionam retirar nenhum do pessoal estacionado no país.

Há uma semana, após o assassinio do candidato presidencial Luís Carlos Galán, no decorrer de um comício, as autoridades colombianas impuseram um estado de sítio e lançaram uma ampla campanha contra os traficantes de droga, alegadamente implicados no atentado.

Desde essa altura foram já detidas cerca de 11 000 pessoas.

Segundo o jornal do PC soviético «Pravda»

Repúblicas bálticas querem reformas e não a independência

O «Pravda», órgão central do Partido Comunista da União Soviética, disse que as três repúblicas do Báltico querem as reformas iniciadas por Mikhail Gorbachev e não a independência.

Comentando as manifestações de centenas de milhares de pessoas que formaram na quarta-feira um cordão humano que ligou as repúblicas da Estónia, Lituânia e Letónia, o «Pravda» perguntou se as reformas não são uma alternativa ao separatismo.

O órgão central do PCUS, depois de salientar que as reformas de Mikhail Gorbachev dão mais independência às repúblicas bálticas, pediu «um escrupuloso trabalho fraternal» na sua implementação.

De acordo com a Imprensa e activistas locais, mais de um milhão de pessoas formaram um cordão humano para protestar contra o acordo secreto assinado há 50 anos por Adolfo Hitler e José Estaline e que colocou os Estados bálticos na órbita soviética.

Os gigantescos protestos, organizados por grupos nacionalistas na Estónia, Lituânia e Letónia demonstraram que as iniciativas para exigir a total independência de tais países têm sofrido um forte incremento.

Edgar Savisar, líder da Frente do Povo da Estónia, afirmou que o Parlamento da sua república vai decidir em Outubro a possível realização de um referendo sobre a independência.

Também na república da Moldávia, anexada ao abrigo do acordo Hitler-Estaline, se realizaram manifestações de protesto que reuniram mais de 10 000 pessoas.

Em 23 de Agosto de 1939, Hitler e Estaline dividiram a Europa Oriental em zonas de influência e menos de um ano depois o dirigente soviético anexou os Estados bálticos.

Refugiados da RDA chegam à RFA

Cento e oito refugiados alemães-democráticos chegaram ontem de avião e autocarro à Alemanha Federal vindos da Hungria, informou o ministério dos Negócios Estrangeiros em Roma.

A decisão húngara, sublinhou o Ministério, «tem carácter humanitário e não deve ser entendida como um precedente para a solução de outros problemas».

Os 108 refugiados, os últimos dos 18, que se encontravam na Embaixada da RFA em Budapeste, serão instalados provisoriamente num campo em Nuremberga.

A agência noticiosa da RDA, ADN, negou entretanto uma notícia do diário alemão-federal «Die Welt» segundo a qual as autoridades de Berlim-Leste passarão, a partir de 1 de Setembro, a tratar a Hungria nos mesmos termos de qualquer outro país do Ocidente capitalista.

A.M.A.

Auto Monumental do Arceiro

®

AUOI



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Uma história do Chiado

a história do Chiado

—≡≡≡ «O PAI TIRANO»

Marina Tavares Dias



1- No Grandella, o Sr. Santana (Vasco Santana) prepara mais uma récita do grupo "Os Grandelinhos". Desta vez, a peça escolhida é o drama em dois actos "O Pai Tirano ou o Último dos Almeidas", traduzido do francês por Inocêncio Fernandes Abreu.



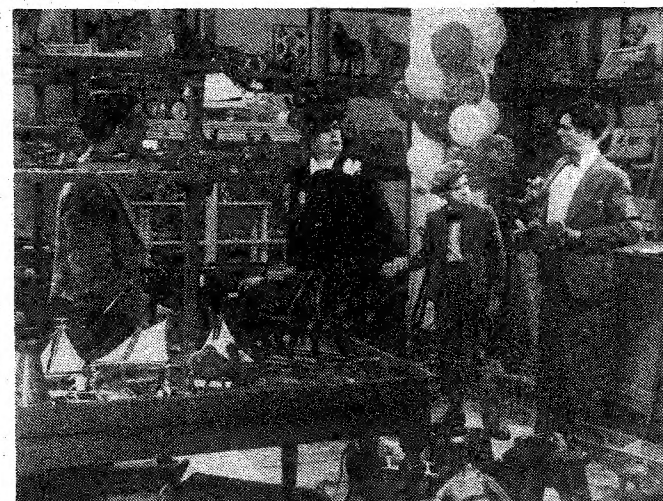
2 - O Chico (Ribeirinho) é o galã da história. Trabalha com o Sr. Santana na sapataria do Grandella e é - nas palavras do gerente - um rapaz de "muito bom gosto". Vive dividido entre a sua vocação dramática e a paixão descabelada pela menina Tatão, caixeira da Perfumaria da Moda.



3 - A Gracinha (Graça Maria) trabalha na seção de luvária. Costuma vestir à maruja e guarda sempre consigo uma versão muito pessoal da série "photomaton" do Grandella: são retratos do Chico, que ela ama sem saber da existência de uma rival. O Chico quase não dá por ela, vendo-a apenas como "uma grande ingênua dramática".



4 - A Tatão (Leonor Maia) está sempre do outro lado da rua. Não só do outro lado da Rua do Carmo, mas também do lado oposto ao caminho do Chico. É uma rapariga moderna, trabalhadora e tem horror ao teatro. Nada para ela se compara a uma "matinée" cinematográfica no Eden. Enquanto vai atendendo as clientes, na Perfumaria da Moda, sonha acordada com um marido muito rico.



5 - O Chico avisa os colegas das outras seções do Grandella para que compareçam no ensaio dessa noite. O Lopes (Barroso Lopes), dos brinquedos, faz de vilão ("o clínico", como ele diz). Nutre uma inveja secreta pelo Chico e acha que o Sr. Santana "não sabe aproveitar as vocações de cada um". Uma das suas "vocações" é ser maltratado pelas crianças enquanto as mães procedem à escolha do brinquedo.



6 - O Artur de Castro (Arthur Duarte) também persegue a Tatão. Mas tem encantos que ela não encontra no Chico: um belo fato, um belo automóvel e um porte de galã. Costuma visitá-la na Perfumaria da Moda e conta com o apoio incondicional da uma das colegas da pequena - a Idalina (Idalina de Oliveira) - para se manter a par das desavenças entre a Tatão e o Chico.



7 - Na mostra pequena da Rua da Assunção, o Chico imagina que o manequim é a sua amada. Declara-lhe que, por ela, é capaz de fazer tudo, incluindo “ir ao Eden”. Cá fora, os transeuntes espantam-se: “Parece que a boneca quer ir ao Eden!”. Ao ouvir a palavra Eden, até o mudo (João Villaret) começa a cantar a “Balalaika”.



8 - Durante os ensaios, o Sr. Santana tem alguma dificuldade em controlar todos os talentos que dependem da sua direcção. O Machado contra-regra (Armando Machado) não consegue subir o pano a tempo, o Pinto ponto (Reginaldo Duarte) está sempre a passar pelas brasas e o Chico -claro!- chega sempre atrasado por causa dos sonhos com a Tatão.



9 - Ao saber que a madrinha da Tatão, D. Emília (Emília de Oliveira) tem uma pensão com quartos a 300 mil réis, o Chico corre a alugar-lhe um, para estar próximo da sua amada. E é assim que, à hora do primeiro almoço, conhece os outros hóspedes: o Sr. Cirilo (Elieser Kamenesky), a Menina Amélia (Nelly Esteves) e o Sr. Prata (Joaquim Pratas).

Num aniversário triste, uma memória de alegria. O Chiado em todo o seu esplendor: o Grandella com as galerias de ferro forjado, o Café Chiado com o alpendre de mosaico, a Perfumaria da Moda com os móveis dourados. Tudo isso subsiste no filme "O Pai Tirano", rodado em 1941. É a história de um caixeiro do Grandella apaixonado por uma caixeira da Perfumaria da Moda (ela é cinéfila, ele é infeliz porque não é correspondido). Esta "novelização" pretende homenagear, ao estilo do tempo, o filme português que melhor soube captar a alma do Chiado. Pretende, sobretudo, homenagear o seu realizador - António Lopes Ribeiro - por uma obra cujo legado é, também, a memória de uma época. (O "DL" agradece à Cinemateca Portuguesa a cedência do material fotográfico e a António Lopes Ribeiro a sua participação neste projecto).



10 - Admirada com o atrevimento do Chico, a Tatão recusa-se a sair com ele e a descer o Chiado na sua companhia. Ele segue-a de longe até à porta da Perfumaria. Vê-a atravessar a Praça Camões e a Rua Garrett, onde ela pára a comprar uma revista na tabacaria do Café Chiado. Se ela o vê, dá-lhe com a mala na cara!



11 - O Artur ouve as novidades e corre ao Grandella para ir gozar com o Chico. Mas o Sr. Santana, que não o conhece, acaba por lhe contar tudo o que se passa com o colega: "O rapaz ama mas não é correspondido". O pior é quando especifica que o rival do Chico é um "pirata" e um "aldrabão que há-de ir parar ao Torel". O Artur adverte o Chico: "Aprenda a vender sapatos e não se meta a conquistador!"



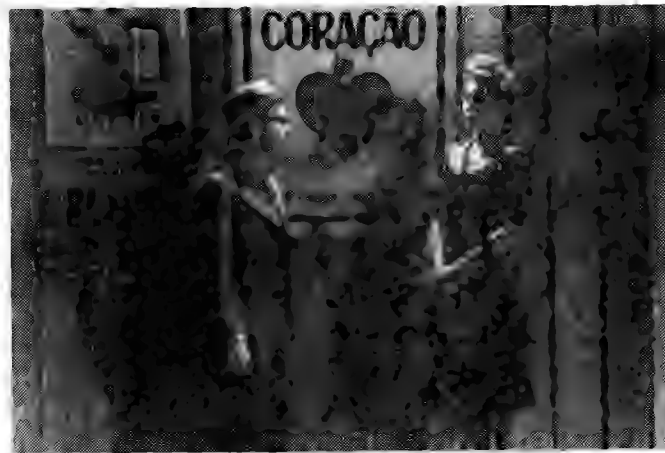
12 - Numa noite em que o Sr. Santana e o Chico ensaiam, no quarto alugado, uma cena da peça, a criada (Laura Alves) põe-se a escutar. Quando a Tatão e a madrinha chegam do Eden, ainda têm tempo para ouvir o diálogo entre o pai ricoço e o filho apaixonado por uma plebeia, que diz: "Deixei o nosso palácio, sujeitei-me a viver como vivo, apenas do meu trabalho honrado; mas a todas as privações me sujeito por amor a ela!"



13 - A Tatão e a madrinha convencem-se de que o Chico é um fidalgo rico que saiu de casa por amor. E começam logo a tratá-lo de outra maneira. É assim que a Tatão resolve conceder ao Chico o privilégio de a acompanhar até à porta da Perfumaria. E quando o Artur aparece, agressivo, ela mostra bem que as suas preferências mudaram.



14 - Num palacete da Lapa, o Sr. Santana tenta "convencer" a prima Teresa (Teresa Gomes), na ausência dos pais dela, a receber os Grandelinhas para uma representação extraordinária. Trata-se de encenar uma reunião familiar para pôr a Tatão a odiar os parentes tiranos do Chico e prescindir do dinheiro deles sem abandonar o noivo. A prima Teresa acaba, aos gritos, fechada na cave. Mas a representação corre bem.



15 - A Tatão está convencida. Acabou por ser ela a lançar na cara do Sr. Santana o dinheiro que o "pai" deu ao Chico depois de o deserdar. Ela acha que não precisarão do "pai tirano" para nada. Aconselha o Chico a ser mais moderno, de acordo com os novos tempos: andar sem chapéu, ir ao cinema... Ele, reticente, sempre lhe vai dizendo que o bom tempo era aquele em que as mulheres usavam saia comprida e a praia da moda era Pedrouços...



16 - Mas o Artur seguiu o Chico e a Tatão até ao palacete da Lapa e descobriu a brincadeira. Vai ao Grandella pedir à Gracinha bilhetes para a récita, para poder desmascarar o rival. Quando a Tatão vir o noivo a representar realmente, descobrirá que o pai tirano não passa de uma fraude.



17 - Na noite da récita, chega a "família" em peso: o Artur, a Tatão, a madrinha, a criada e todos os hóspedes. A D. Cândida (Luísa Durão) conta tudo à Gracinha, que faz uma cena em cena. A Tatão descobre tudo e o rival do Chico está vingado. Mas quando o Artur sugere à Tatão "despeçarem" a criada para passarem a noite juntos, ela descobre que, afinal, a dedicação dele não é bem igual à do Chico.



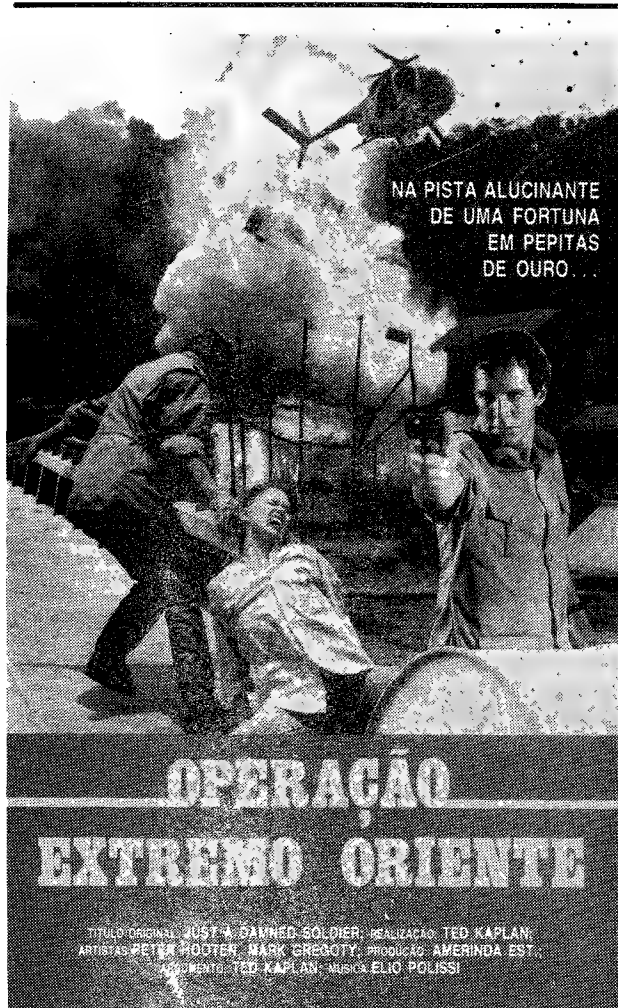
18 - O final da récita é acidentado, porque o Sr. Seixas, que não sabe as deixas (Seixas Pereira), telefonou por engano para a polícia e para os bombeiros. Acaba tudo preso. Mas o Chico descobre, fascinado, que a Tatão voltou para trás para... ficar com ele. A Gracinha, despeitada, aceita o namoro do Sr. Santana - e tudo se recompõe. "E Amanhã?", pergunta o Chico para o Sr. Santana. "Amanhã, Grandella!". A nossa história termina com a divisa da casa "Sempre Por Bom Caminho e Segue".

Morreu Laing

O psiquiatra britânico Ronald David Laing, famoso pelos seus livros sobre as relações da família e a esquizofrenia, morreu de ataque cardíaco, em St. Tropez, estância balnear no Sul da França — anunciou ontem o filho. Tinha 61 anos.

Figura respeitada desde a década de 60 pelos seus ensaios sobre a psicologia humana, mas alvo de controvérsia nos meios científicos, o psiquiatra escocês morreu do colapso, depois de disputar um jogo de ténis, em férias.

3.ª SEMANA



CINE-ESTÚDIO A.C. SANTOS-SATURNO FILMES
15.30-18.30-21.30 M. 12 ANOS

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

De 3.ª a 6.ª, às 21 horas
Sábados e Domingo, às 16 horas e às 21 horas

MARCO MILHÃO

Eugene O'Neill

Encenação: JOAQUIM BENITE

Cenografia e Figurinos: VASCO ELOY

com

Álvaro Faria - Ana Nave - António Assunção

Alfredo Sobreira - Luís Vicente - Mário

Timóteo

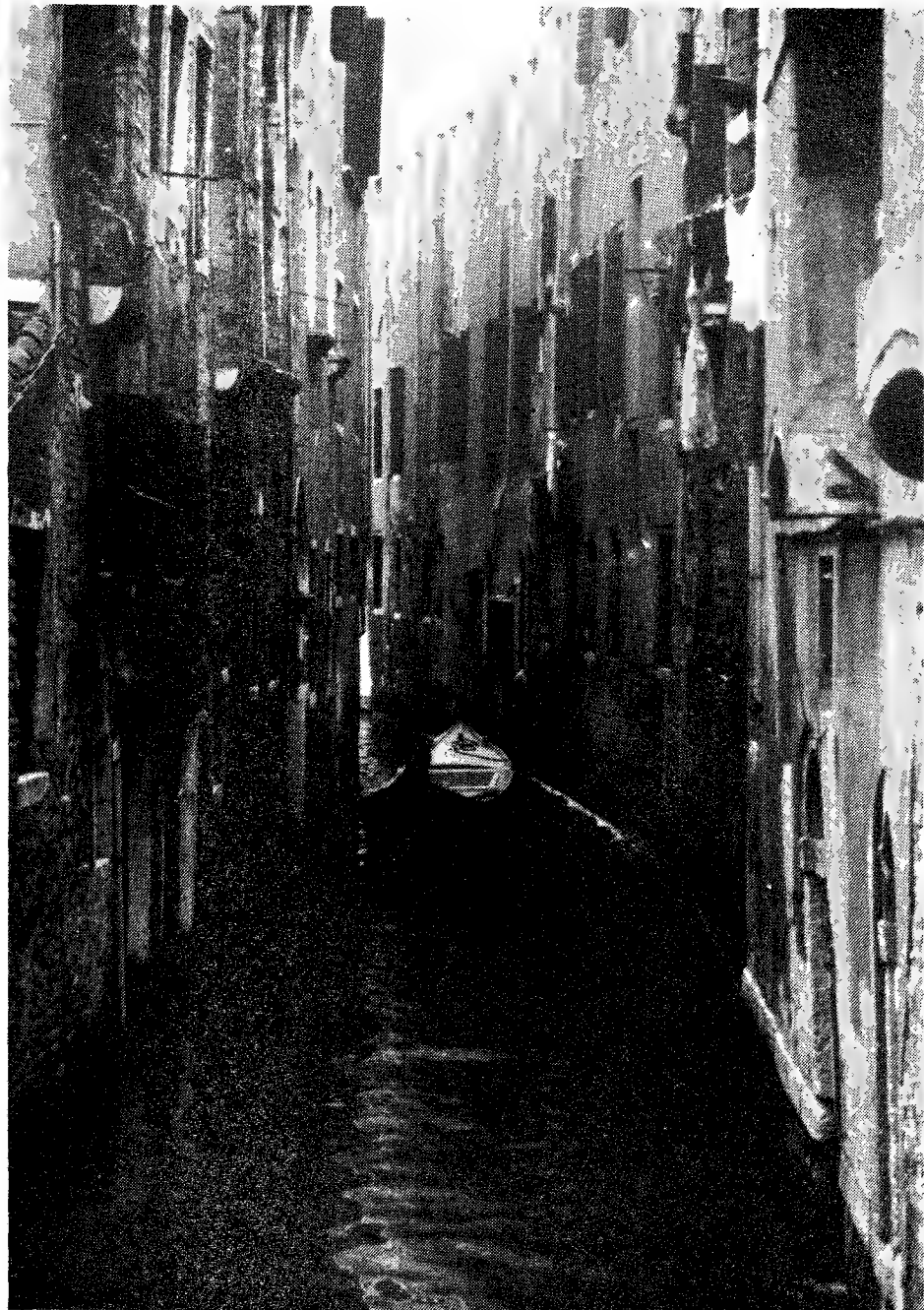
- Nos principais papéis -

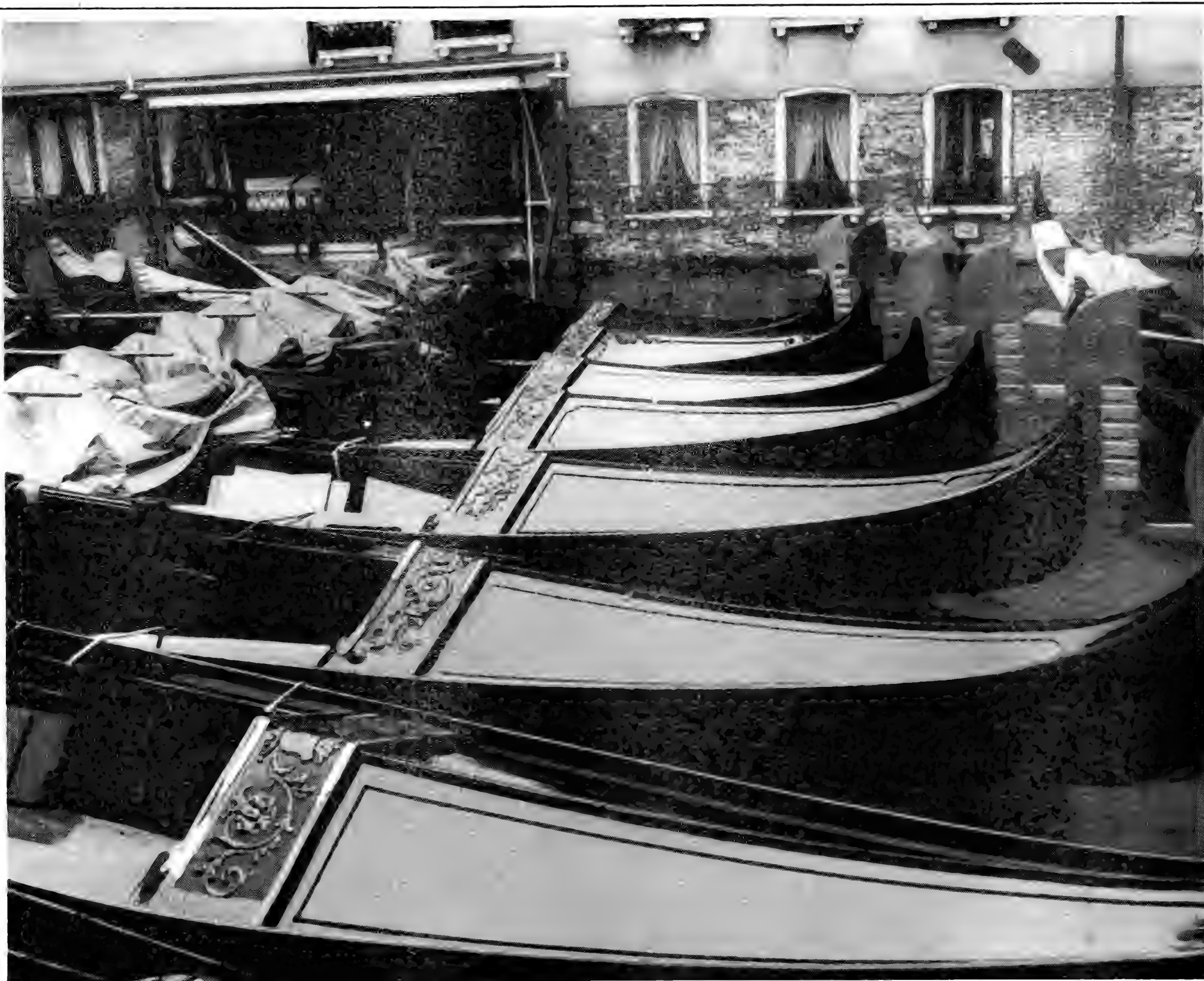
«Um grande espectáculo de teatro (...) um dos grandes momentos do teatro português na temporada 88-89» — Manuel João Gomes — «JL»
«Um dos mais importantes espectáculos actualmente em cena (...) um texto fabuloso» — Jorge Lima Alves — «Expresso»
«Um excelente trabalho (...) frequentes momentos brilhantes (...) espectáculo de recomendação obrigatória» — Carlos Porto — «Diário de Lisboa»
«Assistir a uma peça de O'Neill é (...) presenciar grande teatro» — Carlos Quevedo — «O Independente»
«Um dos réptos mais bem resolvidos por Joaquim Benite (...) um espaço cénico muito belo» — Tito Lúcio — «A Capital»
«Trabalho que diz da maturidade de um encenador. Ana Nave, a grande revelação de 1989. Magnífico labor de António Assunção, extrema interioridade de Luís Vicente, magnífica voz e intencionalidade de Álvaro Faria» — Fernando Midões — «Diário de Notícias»
«Marco Milhão» encerrou com chave de ouro a VI Festa de Teatro de Almada — Leonor Nunes — «O Diário»

Companhia de Teatro de Almada • Grupo de Campolide
SALA COM AR CONDICIONADO

Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

FOTOGRAFIAS





UMA TARDE EM VENEZA

Nolasco
Texto e fotos

Veneza – a cidade suspensa, construída por cima do nível da água.

Antigo porto de comércio com o oriente.

Cidade cosmopolita onde se cruzam todo o tipo de raças; onde se falam as mais diversas línguas, onde circulam as mais exóticas mercadorias.

Local onde o tempo parou, sustentado por uma arquitectura flutuante.

Espaço de fuga, onde o sonho se tornou real.

Pombos que esvoaçam, símbolos de liberdade, nas amplas piazzas. As máscaras que escondem rostos, os olhos que revelam mistérios. O som melancólico de um violino. A atmosfera triste que se respira. Tempo de pausa, reflexão dos valores profundos.

As gôndolas que passeiam preguiçosas, transportando romances esquecidos.

A tristeza de quem compreendeu o enigma, a satisfação de quem contemplou a vida.

O intervalo no tempo, as tréguas com a existência.

Seleção na rota de Itália

JUCA ESCOLHE OS 18 PARA BRUXELAS



Pelouro de desporto da CML movimenta 5000 crianças

O Pelouro de Desporto da CML, à semelhança dos anos transactos, levou a efeito um «Projecto Praia-Campo», de animação sociocultural e desportiva das crianças da área concelhia lisboeta, que integrou a colaboração activa e participativa das Juntas de Freguesia (treze), pretendendo responder a uma parte das grandes necessidades de ocupação-dos-tempos-livres das crianças (dos 7 aos 13 anos), em período de férias de verão.

Ocupação-de-tempos de uma forma enriquecedora, porque preenchidos por actividades estudadas e organizadas devidamente, por forma a constituírem um excelente meio de formação-desenvolvimento das crianças, embora sob clima de recreação.

Aproveitando as visitas-guiadas a locais culturais, as estadas em espaços desportivos e as deslocções à praia, o projecto insere-se numa política de serviço ao desenvolvimento das crianças mais carenciadas de meios do concelho lisboeta.

O «Projecto Praia-Campo» teve o seu início com a realização de uma Acção de Formação de Animadores/Monitores de Recreação, com candidatos seleccionados pelas Juntas de Freguesia participantes e de acordo com as Crianças inscritas nas mesmas.

Na sequência da Acção-de-Formação, orientada para uma intervenção pragmática dos animadores, realizou-se uma reunião com os representantes das juntas, para informação final e conclusões enquadradas e encontradas em conjunto de esforços e participação, como garantia do melhor sucesso do Projecto «Praia-Campo».

O Projecto envolveu cerca de 5000 crianças, durante um período de 45 dias.

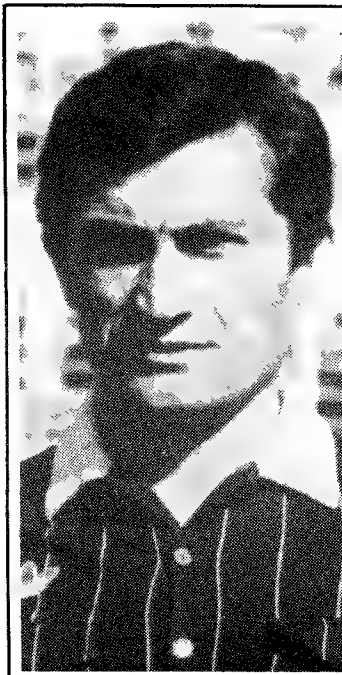
Simultaneamente o Pelouro de Desporto da CML levou a efeito uma acção de animação desportiva para os filhos dos trabalhadores proporcionando-lhes a possibilidade para se iniciarem na prática desportiva.

Francisco Silva: distinção

Depois das recentes nomeações dos árbitros Rosa Santos, Carlos Valente, Veiga Trigo e Vítor Correia para confrontos internacionais, o Conselho de Arbitragem da UEFA nomeou o algarvio Francisco Silva para dirigir o jogo (particular) Espanha-Polónia que ocorrerá no dia 20 de Setembro.

Para auxiliares do excelente árbitro de Portimão os responsáveis pelo CA da FPF indicaram Alder Dante e Ezequiel Feijão.

Trata-se de merecida distinção já que Francisco Silva - com um ou outro hiato de percurso - é um dos melhores árbitros portugueses.



O seleccionador português de futebol, Júlio Cernadas Pereira (Juca), convocou oito defesas, quatro médios e quatro avançados para o jogo com a Bélgica, a 6 de Setembro, da fase de qualificação para o mundial de Itália.

O Benfica, FC Porto e Sporting fornecem 12 dos 18 futebolistas escalados para o difícil encontro com os belgas, líderes do grupo sete europeu, que terá lugar no tristemente célebre estádio Heysel Park.

Além dos três grandes do futebol português, a «equipa da quina» integra elementos de seis outros clubes, três dos quais estrangeiros.

Os emigrantes chamados por Juca são os avançados Paulo Futre, «capitão» do Atlético de Madrid (Espanha), e Rui Barros, da Juventus (Itália), e o defesa central Sobrinho, do Racing de Paris.

O Benfica, com cinco jogadores convocados, é o clube mais representado na formação, à frente do FC Porto, com quatro, e do Sporting, com três, enquanto o Boavista, Guimarães e o Vitória de Setúbal fornecem um futebolista cada.

Portugal, que em Lisboa empatou 1-1 com a Bélgica, ocupa o terceiro posto no VII grupo europeu, com cinco pontos, mas menos dois jogos que belgas e checoslovacos, que já disputaram cinco partidas cada.

A Bélgica lidera o grupo, com oito pontos, correspondentes a três vitórias e dois empates, mais um ponto que a Checoslováquia, segunda classificada.

A 4.ª posição pertence à Suíça, com 2 pontos em quatro jogos, e o Luxemburgo, derrotado nos cinco jogos efectuados, é o quinto e último classificado do grupo, que apura dois países para a Itália-90.

Os 18 jogadores convocados para o despique com os belgas são os seguintes: GUARDA-REDES: Silvino (Guimarães) e Neno (Guimarães); DEFESAS: João Pinto (FC Porto), Venâncio (Sporting), Miguel (Sporting), Sobrinho (Racing Paris, França), Frederico (Boavista), Veloso (Benfica), Fonseca (Benfica) e Jorge Ferreira (Setúbal); MÉDIOS: André (FC Porto), Jaime Magalhães (FC Porto), Vítor Paneira (Benfica) e Carlos Xavier (Sporting); AVANÇADOS: Paulo Futre (Atlético de Madrid), Rui Águas (FC Porto), César Brito (Benfica) e Rui Barros (Juventus, Itália).

«Esperanças»

Sete campeões do Mundo de juniores foram chamados à selecção portuguesa de futebol de sub-21 anos, que no dia 5 de Setembro defronta a Bélgica, em Beveren, em jogo do grupo 7 de

qualificação para o Europeu de esperanças.

Os 17 futebolistas escolhidos para o confronto com os belgas são os seguintes: GUARDA-REDES: Bizarro (Leixões) e Vítor Baía (FC Porto); DEFESAS: Fernando Couto (Académica Coimbra), Morgado (Feirense), Paulito (Nacional), Rui Neves (Estrela da Amadora), Carlos Jorge (Marítimo) e Paulo Madeira (Benfica); MÉDIOS: Hélio (Vitória de Setúbal), Marito (FC Porto), João Mário (Braga) e Rui Filipe (Espinho); AVANÇADOS: João Pinto (Boavista), Jorge Couto (FC Porto), Domingos (FC Porto), Vado (Portimonense) e Carlos Freitas (Vitória de Setúbal).

Federação castiga

Germano e Silvino, ambos do Vitória de Guimarães, foram suspensos por dois jogos pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

Além destes dois jogadores minhotos, também o técnico do Nacional da Madeira, Fernando Pires, foi punido com 10 dias de suspensão e cinco mil escudos de multa.

O órgão disciplinar da FPF aplicou ainda multas ao Feirense (10 contos), Portimonense (5 contos) e Nacional (mil escudos), por infracções na primeira jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão.

União da Madeira abandona torneio

O União da Madeira abandonou ontem a final do torneio internacional de futebol de San Gines, a 13 minutos do termo da partida, em protesto pela actualização «caseira» do árbitro.

A vitória na 20.ª edição da prova, disputada em Arrecife de Lanzarote, nas Canárias, pertenceu assim ao Las Palmas, da segunda divisão espanhola, que ganhava por 3-1 quando a equipa madeirense deixou o relvado.

A drástica atitude da equipa do União, estreante este ano no campeonato principal português, teve lugar na sequência do 3.º gol dos espanhóis, obtido, segundo os portugueses, em nítida posição de fora-de-jogo, aos 71 minutos.

Contudo, para o árbitro do encontro, o espanhol Tomás Moreno, e segundo a agência «Efe», não existiu qualquer irregularidade, já que o autor do tento, Alexis, partiu do seu próprio meio campo com o esférico.

A turma madeirense, que na jornada inaugural do torneio, na quarta-feira, vencera o Castellon (Espanha), o futebolista que o empresário Valter Ferreira colocou para observação de Paulo Autuori no Vitória de Guimarães.



Fonseca: uma «aposta» de Juca

nuto, com um remate rasteiro de Renato, a aproveitar um erro defensivo do Las Palmas.

Os espanhóis chegaram ao empate a sete minutos do intervalo, num golpe de cabeça de Lalo, ficando em vantagem numérica ainda antes do termo do primeiro tempo, por expulsão do português Costa.

O Las Palmas fez o 2-1 aos 63 minutos, através de Vidal, e dilatou a diferença oito minutos depois, com o contestado tento de Alexis, que levaria à expulsão imediata de outro madeirense, o árbitro Mota.

O árbitro Tomás Moreno, da Associação de Las Palmas, mostrou ainda o cartão amarelo ao guarda-redes Valente, ao defesa jugoslavo Perduv e ao marroquino Hajry, todos do União, e ao espanhol Duran, do Las Palmas.

Diamantino, Pacheco e F. Mendes ficam em Lisboa

O técnico Eriksson não convocou Diamantino, Pacheco e Fernando Mendes para o confronto de amanhã em Guimarães, tendo seguido viagem os seguintes elementos: Silvino, Dias Graça, Veloso, Samuel, Paulinho, Paulo Madeira, José Carlos, Fonseca, Abel, Paneira, Chalana, Ademir, Thern, César Brito, Hernâni, Lima, Vata e Magnusson.

Jugoslavo treina em Guimarães

Chama-se Zlatan, tem 29 anos, actuou no Vardar da Jugoslávia (seu país) e no Castellon (Espanha), o futebolista que o empresário Valter Ferreira colocou para observação de Paulo Autuori no Vitória de Guimarães.

Equipas preparam-se

Pêro Pinheiro: A nova equipa tem a seguinte composição: Guarda-redes — Coelho (ex-Belenenses), Alfredo (ex-Algueirão) e Moucheira.

Defesas — Leonel (ex-Cacém), Gonçalo (ex-Algueirão), Paulo Jorge I (ex-Mafra), Gonçalves (ex-Cacém) e Pincha (ex-1.º Dezembro).

Médios — Fernando (cap.), Luís Manuel (ex-Algueirão), Luís Tavares (ex-Algueirão), Paulo Jorge II (ex-Cacém), Quim (ex-Cacém) e Mário Rui (ex-Algueirão).

Avançados — João Paulo, Jorge, Galvanito (ex-Fanhões) e Adriano (ex-Algueirão).

Em relação aos jogadores da época passada deixam de prestar serviço no clube os seguintes: Peixoto, Armando, Júlio, Gutérrio, Paulo, Orlando, Pereira, Veia, Quaresma, Braga, Flávio, António, José Manuel, Artur Jorge, Torres, José Carlos e Brito.

Marinhais: o Marinhais, que tem como treinador José Martinho coadjuvado por Caramelo da Silva, conta com o seguinte plantel: Guarda-redes — José Carlos, Simões e Rui Pedro (ex-Samora Correia).

Defesas — Vítor Pinto, Nuno Filipe, Vítor Afonso, Aníbal Fiezas, Paulo Martinho (ex-Benavente), João Lopo (ex-Operário) e Ricardo Ferreira.

Médios — Carlos Dinis, José Neto, Paulo Machado e Damásio Vieira (todos ex-Operário) e António Aranha.

Avançados — Carlos Lopes, Carlos Ramalho, Ismael e Pedro Martinho (ambos ex-Coruchense) e Paulo Alexandre (ex-Olivais e Moscavide).

Fazem também parte do plantel os ex-juniões Simões, Brado e Oliveira.

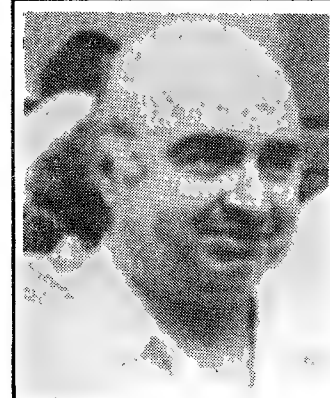
Borbense: Tendo como jogador-treinador João Demétrio, ex-técnico do Fronteirense, a equipa de Borba concretizou já algumas aquisições tendo em vista o reforço do seu grupo de trabalho.

Tomé e Demétrio (ambos ex-Fronteirense), Faria (ex-Redondense), Rui Teigão (ex-Arraiolense), Jorge Nunes (ex-Estremoz) e Janota (ex-Bencatelense), são os novos jogadores do Borbense para a presente temporada, tendo sido promovidos a seniores os jogadores Paulo Ferreira, Paulo Cabeças e Benjamim.

Juan Figger ao «DL»

«SILAS ESTARÁ EM ALVALADE NO DIA 5 DE SETEMBRO»

(Amanhã, publicaremos desenvolvida entrevista com o conhecido empresário desportivo)



Maradona: um síndrome napolitano

Um conselheiro regional napolitano da Lista Cívica e Verde solicitou ao prefeito da cidade de Nápoles a convocação, por «motivos de ordem pública», do presidente do clube napolitano, Corrado Ferlaino.

Numa carta enviada ao prefeito, o conselheiro verde, Telemaco Malagoli exigiu um «definitivo esclarecimento do caso Maradona», de molde a poder informar adequadamente a opinião pública.

«A telenovela de Maradona, com realização do 'Calcio Napoli', foi a expressão utilizada pelo conselheiro regional para definir a situação criada com o regresso a Nápoles do ídolo argentino.

«Maradona devia ser vendido ao Marselha mas, goradas que foram algumas empreitadas do eng. Ferlaino, o acordo caiu em saco roto e ameaça colorir-se de amarelo, depois do jogador ter ligado a sua demora a supostas ameaças da Camorra», escreve Malagoli.

Preocupado pelo que qualifica como «um jogo de fabricador de marionetas que puxa os fios» e pode levar a «um esquema camorristico contra Maradona para justificar a sua transferência», o conselheiro não se fica por aqui e lança acusações:

«As instituições estão mudas: basta notar a 'distracção' da administração municipal de Nápoles, que ignora o facto de o clube não pagar o aluguer do estádio de San Paolo há 15 anos.»

O conselheiro regional verde anunciou que prepara com os seus advogados uma denúncia à magistratura, contra todos os presidentes de câmara napolitanos responsáveis por «esta clamorosa burla» à cidade.

«A liga de futebol não interveém e a tensão sobe na cidade. A situação é tal que um grupo de adeptos do Nápoles foi ao encontro de Maradona, na Argentina, totalmente à sua custa.»

O grupo de adeptos a que se refere o conselheiro verde, formado de seis ou sete pessoas, reside no bairro napolitano de Forcella, um «bairro da lata» que é o «feudo» dos irmãos Giuliano, chefes da Camorra que controla o totobola clandestino e o contrabando de tabaco.

A Polícia napolitana resolveu entretanto abrir um inquérito sobre a «delegação» de Forcella, que seria chefiada por um tal «sr. Nunziello», e o chefe da «Criminalpol» local, Matteo Cinque, decretou uma série de controlos junto de postos nervralgicos da Polícia aérea.

Matteo Cinque pretende saber datas e nomes de todos — homens, mulheres e crianças — que nas últimas semanas compraram um bilhete aéreo para Buenos Aires, mas os investigadores, cientes de que não é crime embarcar num voo, admitem a hipótese de a viagem não ser fruto de uma iniciativa «espontânea».

Em Nápoles, uma cidade em tumulto, a sensação generalizada é a de que entrou em acção uma espécie de «síndrome Maradona».

Dois sindicalistas da CGIL (comunista) endereçaram à Pro-

curadoria da República uma solicitação de inquérito para apurar os bens patrimoniais de Diego Armando Maradona, seja em Itália quer no estrangeiro, e saber se são devidamente fiscalizados.

Maradona encontra-se desde ontem de manhã em Buenos Aires, após ter andado à pesca e à caça em Esquina, localidade do Rio Paraná, a 700 km da capital argentina.

Segundo Juan Carlos Recupero, proprietário do hotel «Equé Porá» (que em dialecto guaraní significa «dorme bem»), onde Maradona esteve instalado com o pai, um irmão e um primo, o jogador argentino «não leu jornais, não ouviu rádio nem viu televisão, não tendo feito ou recebido nenhum telefonema».

Tais afirmações podem significar que Maradona talvez não soubesse do comunicado que o manager Coppola fez chegar a Nápoles, através da agência noticiosa Telam, nem das reacções de dirigentes do clube e do chefe da polícia napolitana.

Juan Carlos Recupero, que é amigo do pai de Maradona e conhece o jogador desde criança, referiu que o craque argentino se mostrou «emocionado e feliz durante caçada e pescaria mas não com Nápoles e tudo o que está a acontecer porque para lá não volta».

Regressado a Buenos Aires, Maradona deverá agora fazer face ao problema de por fim às prolongadas férias.

Partirá ou não de regresso a Nápoles?

Num «caso» que virou «síndrome» nada é de excluir, nem mesmo que Maradona possa fazer as malas nas próximas horas...

Castros e Regalo junto das «feras»

O mexicano Arturo Barrios, que há uma semana bateu o recorde mundial dos 10 000 metros, vai hoje estar debaixo de forte pressão na corrida da légua do «meeting» Van Damme, onde os gémeos Castro pretendem obter a melhor marca nacional do ano.

Uma autêntica parada de estrelas alinhará hoje na prova da légua e o mexicano Arturo Barrios que desposou o recorde mundial dos dez mil metros é a principal atracção.

Barrios é a figura a abater numa corrida que conta com a presença do queniano Yobes Ondieki, do alemão-federal Dietmar Baumann e do norte-americano Sidney Maree.

O objectivo dos gémeos Castro de José Regalo é melhorar o melhor resultado do ano que pertence a Fernando Couto com 13.24,25 minutos.

Luta

Os lutadores portugueses João Antão e Adriano Costa venceram os respectivos adversários e qualificaram-se para a segunda eliminatória dos campeonatos mundiais de luta greco-romana, a decorrer na cidade suíça de

Noronha Feio:

OEIRAS VAI ACUDIR AO DESPORTO

«Vamos acudir ao desporto a tempo e horas». Esta foi a última e a principal mensagem que Noronha Feio, licenciado em Educação Física e vereador do desporto na Câmara Municipal de Oeiras, procurou transmitir, num encontro com a Comunicação Social, que decorreu, ontem à noite, no Centro de Estágio da Cruz Quebrada.

Esta conferência de Imprensa teve como objectivo a apresentação do Seminário Internacional Sobre o Espírito Desportivo, organizado pela Câmara Municipal de Oeiras, e que se irá realizar nos próximos dias 15, 16 e 17 de Setembro, no cinema dos Serviços Sociais das Forças Armadas, situado junto à estação dos comboios daquela vila.

Noronha Feio acredita que «o poder local tem de se assumir, cada vez mais, como o motor do desporto em Portugal», mas isso não implica um divórcio com as instâncias desportivas de âmbito nacional, muito pelo contrário, implica uma estreita colaboração.

Por isso, não causa qualquer estranheza a presença de personalidades como Roberto Carneiro (ministro da Educação), Fernando Lima Belo (presidente do Comité Olímpico Português), Mirandela da Costa (Director-Geral dos Desportos), e Melo Barreiros (presidente do Conselho Científico do ISEF de Lisboa), na Comissão de Honra do seminário, aos quais se juntam Isaltino Afonso de Moraes (presidente da edilidade), e o representante da Johnson Wax de Portugal (a empresa patrocinadora).

A CMO decidiu, no corrente ano, implementar um programa subordinado ao título genérico «O Espírito Desportivo é Import-

tante», dirigido, sobretudo, aos jovens das escolas e dos clubes de Oeiras, mas sem esquecer os monitores, desportivos e os próprios encarregados de educação. O Seminário Internacional pretende encerrar esse programa em beleza.

Segundo o vereador do pelouro desportivo de Oeiras, este programa surgiu no seguimento de um trabalho de investigação que incidia sobre a prática desportiva na Escola Secundária de Linda-a-Velha, e cujos resultados se revelaram surpreendentemente negativos: «para ganhar, os estudantes valiam-se de tudo, até tirar olhos».

Foi, então, pedido aos drs. José Constantino e Carlos Gonçalves que alargassem o âmbito da investigação, subordinada ao tema «O Comportamento Desportivo no Concelho de Oeiras», trabalho este que irá ser apresentado no referido Fórum Internacional.

Mas o Seminário sobre o Espírito Desportivo deseja, acima de tudo, constituir-se como um espaço de reflexão e debate sobre esta temática, através da presença e do contributo de vários especialistas nacionais e estrangeiros.

Entre as várias individualidades estrangeiras, destaca-se Jacques Marchand (presidente honorário da União Sindical dos Jornalistas Desportivos em França, e vice-presidente da Associação Francesa para um Desporto sem Violência e com Fair Play), que irá dissertar sobre o seguinte tema: «O papel e a responsabilidade dos meios de Comunicação Social na defesa do Espírito Desportivo».

Saliente-se, ainda, os contributos de Guy Régner (respon-



sável pelas campanhas de promoção do Espírito Desportivo no Quebec, Canadá, e da numerosa delegação de responsáveis desportivos de municípios espanhóis.

Paralelamente aos trabalhos do Seminário Internacional, decorrerá um conjunto de palestras subordinadas ao título genérico «A organização desportiva municipal em Espanha».

No decurso dos trabalhos do Seminário Internacional, serão anunciados os galardoados com o Prémio Municipal de Espírito Desportivo/Jesus Correia, procedendo-se à entrega dos respectivos prémios.

O troféu do «fair-play» consiste numa escultura do artista plástico Espiga Pinto, e será entregue a Pedro Miguel Neves Ferreira, de 14 anos de idade, mas o júri atribuiu também menções honrosas a Alexandre Marinho Falcão, de 13 anos (do Clube Escola de Ténis de Oeiras), Pedro Miguel Santos, de 14 anos (Escola Secundária de Miraflores), e Joana Pinto Maia (Escola Preparatória de Miraflores).

Sobre este Prémio Municipal, Noronha Feio teceu os seguintes comentários:

«Escolhemos o nome de Jesus Correia — o popular Necas — para o troféu, porque era um oirense e um atleta completo, quer física, quer moralmente. Quanto à escolha do laureado, diga-se que é mais difícil analisar comportamentos individuais nos desportos colectivos, e este rapaz é, há três anos, o capitão de uma equipa de futebol juvenil da Associação Desportiva de Oeiras, nunca recebeu qualquer castigo, e exerce uma liderança sensacional sobre os colegas».

A escolha de uma escultura como troféu a atribuir não foi arbitrária, e o vereador do desporto de Oeiras justificou-a «com a necessidade de trazer os grandes artistas portugueses ao desporto. A dimensão estética é muito importante no fenómeno desportivo, e é preciso fomentar a relação arte-desporto, porque desporto é também sensibilidade e criatividade».

A terminar, Noronha Feio alertou para a falta de compreensão do conceito de desporto, principalmente no que diz respeito ao conflito existente entre uma competição «selvagem» e uma competição «cívica e civilizada».

Para aqueles que o acusam de um sonhado utópico, Noronha Feio tem uma resposta curiosa:

«Neste momento nós assumimos a derrota dos nossos ideais. Mas esta derrota inicial será a nossa primeira vitória daqui a 30 anos. Hoje em dia, sabemos que algumas derrotas de há 30 anos atrás transformaram-se, entretanto, em vitórias. Nós apostamos nesta campanha para o futuro».

MODALIDADES

Martigny.

João Antão, na categoria de 68 kg e Adriano Costa, em 52 kg, eliminaram dois lutadores do Quénia.

Por outro lado Paulo Martins perdeu o primeiro combate, por assentamento, na categoria de 74 kg, e foi eliminado do mundial.

As provas das restantes categorias iniciaram-se ontem entrando em competição os portugueses João Pais, Fernando Gaspar e Carlos Félix.

Canoagem

O atleta português José Garcia passou às meias-finais de mil metros em K-1 dos mundiais de canoagem da Bulgária, que têm sido dominados pela República Democrática Alemã, Polónia e Hungria.

José Garcia, qualificado por respescagem, igualou assim a meta atingida quarta-feira por outro português, António Brinco, que será um dos semifinalistas nos 500 metros de K-1.

Federação Internacional reúne no Porto

A próxima reunião da Federação Internacional de Canoagem vai decorrer no Porto, de 23 a 26 de Novembro, segundo informação prestada pela Federação Portuguesa da modalidade.

Segundo a mesma fonte, a realização daquela reunião no Porto foi acordada num encontro, em Plovdiv, Bulgária, entre o presidente da Federação Portuguesa de Canoagem e o seu homólogo da ICF.

Entretanto, a FPC revelou que o atleta António Brinco atingiu as meias-finais em K1/500 metros nos campeonatos mundiais de canoagem que decorrem em Plovdiv, na Bulgária.

Além de António Brinco, a selecção portuguesa integra ainda os atletas José Garcia e Adelaide Viana.

Turismo apoia canoagem

A Região do Alto Minho distribuiu cerca de dois mil contos de subsídios por oito clubes de canoagem da região.

Segundo aquela entidade, os subsídios foram disponibilizados pelo Programa de Desenvolvimento Regional para o Alto Minho/Pidir, estando também em estudo o apoio aos clubes vocacionados para a vela, surf e barcos turísticos de recreio para os rios Minho, Lima e Cávado.

As verbas distribuídas pela RTA aos clubes destinam-se a aquisição de material para apoio à canoagem.

COLECTIVIDADES



Belenenses em assembleia

O presidente em exercício da Assembleia Geral do Belenenses, Diamantino Marques, convocou para a próxima terça-feira, às 21 horas, uma reunião geral, ordinária, dos associados do

clube do Restelo, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciar e votar o Relatório e Contas da Direcção e Parecer Fiscal relativos ao exercício de 1988/89.

2 — Apresentação pela direcção do orçamento das receitas e despesas do clube para o exercício de 1989/90.

3 — Discussão e votação de propostas da direcção nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 107 e 108 dos Estatutos.

4 — Ratificação da admissão de filiais e núcleos de belenenses aceites pela direcção.

5 — Votação de propostas da direcção para a designação de Sócios de Mérito e Honorário.

Festival de ginástica no «Dom Pedro»

Integrado no programa de comemorações do X aniversário do Clube Dom Pedro, realizou-se nos jardins do Hotel Dom Pedro Golfe, em Vilamoura, um festival de ginástica que proporcionou aos jovens do Clube Desportivo e Recreativo Quarteirense, Louletano Desportos Clube e Escola Secundária Poeta Aleixo (Portimão) a oportunidade de exibirem todas as suas potencialidades.

As referidas classes gímnicas algarvias ofereceram, na verdade, momentos de alto valor artístico e desportivo, sendo de realçar, por isso, a colaboração dos professores, António Barão (Louletano), Amélia Elias (Quarteirense) e Arminda Forte (Escola António Aleixo).

Em suma, o Clube Dom Pedro demonstrou, uma vez mais, a sua vocação para as promoções desportivas dos jovens.

Alfas Triplex

- T. 806496

O MOMENTO DA VERDADE III
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

PROFISSÃO: DURO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

LEVIATHAN, O MISTÉRIO DOS OCEANOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

EM BUSCA DO VALE ENCANTADO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

O MOMENTO DA VERDADE III
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

PROFISSÃO: DURO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

EM BUSCA DO VALE ENCANTADO
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 5

FUGA SEM FIM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ARMA MORTÍFERA II
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

OS HOMENS NÃO CHORAM
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8

SOS - VIZINHOS AO ATAQUE
Estreia
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

LEVIATHAN, O MISTÉRIO DOS OCEANOS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00h



Em exibição no Quarteto, Sala 2 — Maiores 12 anos
Filme Qualidade
MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Pub.

Amoreiras 10

MADAME SOUSATZKA - A PROFESSORA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Apolo 70

MADAME SOUSATZKA - A PROFESSORA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Berna

- T. 776060

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

Capitolio

- T. 372358

MESTRE DO SEXO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

CORPOS CORRUPTOS
Estreia
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30h

Cine Camoes

A COLINA DOS HERÓIS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Cine 222

- T. 533253

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cinematheca Portuguesa

Encerrado

Cine Portela

- T. 9434773

Estúdio Anusha

Encerrado para férias

Estúdio Sheza

Encerrado para férias

City Cine

- T. 549999

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes

- T. 322523

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Eden

O MOMENTO DA VERDADE III
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

- T. 555134

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Estúdio ACS

- T. 887255

OPERAÇÃO EXTREMO-ORIENTE
Estreia

Fonte Nova

- T. 7145109

LADRÕES E CAVALHEIROS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

GENTE DO NORTE
(maiores 12 anos)
14.45, 16.30, 18.45 e 21.15h

Sala 3

RAIN MAN - ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Forum Picoas

- T. 541037

Auditório 1

O ACOSSADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00h

Auditório 2

A CIDADE BRANCA
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45h

Imperio

- T. 555134

O BEIJO MORTAL
Estreia
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Gemini

- T. 734009

MISSÃO DE ALTO RISCO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

- T. 538743

SING - A UM PASSO DA FAMA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.15h

Sala 2

PIZZA - AMOR E FANTASIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

UM GRITO DE CORAGEM
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45h

Las Vegas

- T. 631162

ATIRA A MAMÃ DO COMBOIO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30h

Sala 2

TERROR NA ÓPERA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.45 e 21.45h

Londres

- T. 801313

MOMENTO DA VERDADE III
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

- T. 538743

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

PROFISSÃO: DURO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

SOS - VIZINHOS AO ATAQUE
Estreia
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

- T. 574362

P'RA GUERRA? NÃO OBRIGADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

- T. 326283

MISSÃO DE ALTO RISCO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia

- T. 325309

ESSA É A MINHA FILHA
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Plaza

- T. 806847

MOMENTO DA VERDADE III
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45 e 21.45h

Sala 2

ATIRA A MAMÃ DO COMBOIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.45h

Politeama

- T. 326305

O BEIJO MORTAL
Estreia
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Quarteto

- T. 771378

Sala 1

AS BALEIAS DE AGOSTO
Estreia
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
O GOLPE DO GÊNIO
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 2

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
REMO DESARMADO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 3

ESCRAVOS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
REGRESSO À ESCOLA
(maiores 12 anos)
23.45h

Sala 4

STREET SMART - NOVA IORQUE CIDADE IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
DUELO MORTAL
(maiores 12 anos)
23.30h

S. Jorge

- T. 579144

Sala 1

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2

SOS - VIZINHOS AO ATAQUE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15h

Sala 3

OS HOMENS NÃO CHORAM
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.30 e 21.45h

7.ª Arte

- T. 730715

MOMENTO DA VERDADE III
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45h

Star

- T. 804210

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

- T. 371573

MOMENTOS DA VERDADE III
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Turim

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon

- T. 368496

ZOMBI
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia
«James Bond 007 - Licença para Matar», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores 12 anos)

Lido - «O Olho do Tigre», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO - Cine-Teatro Chaby - Encerrado para férias

Estúdio Flores - «Atracção Diabólica», às 15.00 e 21.30h

MEM MARTINS - Estúdio Dois Eme - «A Grande Golpada», às 21.30h

Linha de Cascais

ALGÊS - Cinema 2000 - Encerrado

OEIRAS - Alto da Barra - Sala 1 - «Arma Mortífera II», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Eles Vivem!!!», às 15.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS - Cine Palmeiras - Sala 1 - «A Fantástica Aventura do Comboio», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Em Busca do Vale Encantado», às 15.30 e 21.45h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS - Atlântida Cine - «A Fantástica Aventura do Barão», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ESTORIL - Casino Estoril - Encerrado

CASCAIS - Miramar - Sala 1 - «James Bond 007 - Licença para Matar», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Atira a Mamã do Comboio», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Academia - «Karate Kid - Momento da Verdade III» às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALMADA - Incrível Almada - «Um Peixe Chamado Wanda» (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE - «Hotel Saará» (maiores 16 anos)



Farmácias
MÉDICO
DE **URGÊNCIA**
27 61 71
27 61 78
27 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **AMEIXOEIRA — LUMIAR:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C, Urbanização Quinta de Santa Clara; **BAIRRO ALTO:** Azevedo Irmão & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **SAPADORES:** Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BENFICA — CEMITÉRIO:** Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CALVÁRIO — AL-CANTÁRIA:** Calvário, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAPO DE OURIQUE — PRAZERES:** Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE:** Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA:** Esterfânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544338); **MARQUÊS DE POMBAL — PICOAS:** Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL:** Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ALFRAGIDE — AMADORA:** Remédios, R. Ivens, 20 (T. 970544); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9311139); **PONTINHA:** Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **PROLONGAMENTO DA RUA MARIA ANDRADE:** Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B, Anjos (T. 831054); **AVENIDAS NOVAS:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO:** Zira, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS:** Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **MERCADO DO CHILE:** Alcais, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA:** Dimar, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **RESTELO — AVENIDA VASCO DA GAMA — ALGÉS:** Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SANTOS:** S.A.E. Silva Filhos, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Vitex, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDÃO — AMADORA:** Brito, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **BURACA — AMADORA:** Vaz Martins, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Louro, R. Alexandre Herculan, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ:** Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Nunes, R. 1.º de Maio, 106-A (T. 2043532). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:**

Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 10, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Permanente; **SEIXAL:** Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETUBAL:** Isabel, L. Batalha Viso, 86 (T. 216777). Permanente; **Lisboa, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248).** Permanente; **TAVARES da Silva, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316).** Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE:** CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MÁLVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OELRAS:** Sacoar. Permanente; **NOVA OELRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL:** Primavera, R. das Pareiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNÁ:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ES-TORIL:** Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama, R. Elias Garcia,** 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DAMALTA:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Serra & Pinto, R. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Permanente; **QUELUZ DE BAIXO:** Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Albergaria, 42 (T. 4356487). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C, Apelação (T. 2573158). Até às 19 horas; **ALGUEIRÃO:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MEM MARTINS:** Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Dumas Brousseau, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES:** Colares, Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVEM:** Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES:** Sarai-va, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

TEATROS

Almada — T. Munic. de Almada

R. Conde Ferreira — Tel. 275 21 75
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00 e 21.00

«MARCO MILHÃO», de Eugene O'Neill. Pela Companhia de Teatro de Almada. Tradução: Henrique Galvão. Encenação: Joaquim Benite. Cenários e figurinos: Vasco Eloy. Música: Bernardino Nascimento.

Palco Oriental

C. Duque de Lafões, 78, ao Beato — Tel. 38 12 44

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, também às 16.30

«QUATRO ESTAÇÕES», de Arnold Wesker. Tradução: Maria Velho da Costa. Encenação: Rogério Carvalho. Cenários e figurinos: Vera Castro. Desenho de luzes: Rogério de Carvalho. Música: Paulo Brandão. Fotografia: Mariano Piçarra. Intérpretes: Diogo Dória e Júlia Correia.

Alges — 1.º Acto

R. Eduardo Pedroso — Tel. 211 50 33

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«D. JOÃO DE ALVARADO, O CRIADO DE SI MESMO». Pelo Grupo Persona. Encenação: Paulo Lages. Cenários: Luís Martins. Figurinos: Guilherme Filipe.

Teatro do Tejo

Galeria Monumental, Campo dos Mártires da Pátria, 101, 1100 Lisboa — Tel. 53 38 48

Entre 24 de Agosto e 10 de Setembro, pelas 21.45

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 68 63 00

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«AL CAVAQUINHO», de Eduardo Damas, Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César. Encenação: Camilo de Oliveira.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«A PROVA DOS NÚMEROS NOVOS», textos de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nazareth Fernandes. Encenação: Maria Helena Matos. Intérpretes: Henrique Santana, Florbela Queiroz, Fernando Mendes, Luís Aleluia, Maria João Abreu, Carlos Ivo e Manuel Azevedo Coutinho.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11, à Voz do Operário — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O FILHO DO AR», sobre textos de Jean Cocteau, Eugene O'Neill e Anton Tchekhov. Pelo Teatro Hoje. Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Música: Carlos Curto e Joana Bagulho. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Manuel Mendes, Paula Só, Ruy Furtado e Teresa Mónica.

Teatro Espaço SIMECQ

R. Sacadura Cabral, 81 — Tel. 419 73 52

«QUE VERGONHA DONA BERTA!», de João Luís Simões, a partir da história de Brecht «A Velha Senhora Indigna». Encenação: João Luís Simões. Intérpretes: Águeda Sena, Ana Galrinha, João Sena, António Fontinha, Jorge Liss, Elsa Ferro, João Pequeno, Li Pascoal, Micky e Manuel Valho.

Casa da Comédia

R. de São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99/67 74 81

De 3.ª a sábado, às 22.00

LA FERIA apresenta «WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIA». Intérpretes: Rita Ribeiro e António Cruz. Música: João Paulo Soares. Coreografia: Victor Linhares. Em TV-pirata: Anabola, Lúcia Franco e Herman José.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

«QUEM TRAMOU O COMENDADOR?», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Del-fina Cruz, Graça Brás, Virgílio Castelo, Luísa Barbosa e Carlos Gonçalves.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A MARMITA DE PAPIN», de Clara Pinto Correia. Encenação: Fernando Gomes.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1

De 3.ª a domingo, às 21.30

«COMO É DIFERENTE O AMOR EM PORTUGAL», baseado em três peças de Júlio Dantas. Adaptação: Fernando Gomes. Intérpretes: Adriano Luz, António Feio, Elsa Galvão, Miguel Martins, Rita Blanco, Rita Salema e Rui Paulo. Na parte musical: Zé Carrapata e Carlos Curto.

Café Teatro

De 3.ª a 6.ª, às 22.00; sábados e domingos, às 19.00 e 22.00. Até 3/9.

Sala Dois

«O QUEBRA-MAR», de Steven Berkoff. Encenação: Durval Sena. Intérpretes: Ângela Pinto e Durval Sena.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 2 91 30

6.ª, sábado e domingo, às 21.30

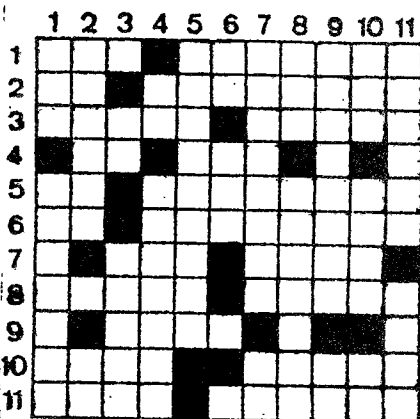
«ASSIM SE FAZEM AS COISAS DAS TRIPAS DO PAÇO». Encenação: Carlos César. Figurinos: Rui Mesquita. Música: João Paulo e Carlos Curto.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 541

HORIZONTAIS:

- 1 Progenitor. Terminais.
- 2 Ouro (s.q.). Somático.
- 3 Matizai. Desmoroñavas-te.
- 4 Interjeição brasileira. Sadio.
- 5 Prasiódio (s.q.). Metera em tulla.
- 6 Rádio (s.q.). Astutos.
- 7 Uma das mais belas tragédias de Corneille. Sílabas acentuadas.
- 8 Professor de Literatura e poeta espanhol autor de «Imagem». Vassourara o forno depois de aquecido.
- 9 Nível.
- 10 Cidade da Bélgica. Descendente.
- 11 Cidade da Argélia. Testemunhar.



VERTICAIS:

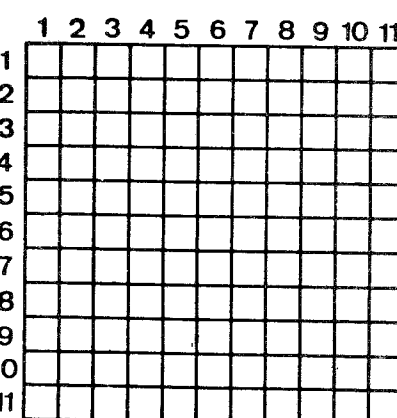
- 1 Pássaro cinzento, cujo canto imita o seu nome. Gastador.
- 2 Madrugada. Brisa.
- 3 Segundo. Rio da Jugoslávia.
- 4 Autores. Diz-se do indivíduo que vive em mancebia.
- 5 Alcançados com a vista.
- 6 Aqui. Despida.
- 7 Meter rolha em. Frâncio (s.q.).
- 8 Peixe marítimo do Brasil. Relativo à hora.
- 9 Encorajasse. Cinquenta e cinco em romano.
- 10 Sufixo que designa pequenez. Ratar. Existe.
- 11 Pessoas muito parecidas com outras. Paixão.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 728

HORIZONTAIS:

- 1 Chefe de tribo, em Moçambique. Remate.
- 2 Vagueias. Reis.
- 3 Aia. Cálculo aproximado.
- 4 Transmítiras por testamento. O mesmo que oca (mineral).
- 5 Ancoraram.
- 6 Antes de Cristo. Uma das partes do Mundo.
- 7 O mesmo que dourado. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 8 Equipe. Livras do perigo.
- 9 Covil. Poeta e gramático grego autor de epigramas e de poemas místicos.
- 10 Moveras o colo.
- 11 Equipamos.



VERTICAIS:

- 1 Vila e sede de concelho (Aveiro). Crómio (s.q.).
- 2 Equipe. Talho.
- 3 Penhasco. Sacrifica.
- 4 O mesmo que uma (ant. e pop.). Surgir.
- 5 Semelhante ao cirro. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça.
- 6 Ósmio (s.q.). Apelido. Nome que os egípcios davam ao Sol.
- 7 Escoraram.
- 8 Abreviatura que designa o sistema de unidades que tem por base: o metro, a tonelada-massa e o segundo. Desenrugo.
- 9 Passava o dia em jejum (gir. Bras.).
- 10 Metro. Espaço de doze meses.
- 11 Pertences. Misturo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 540

HORIZONTAIS:

- 1 GALINHA. Bar.
- 2 Arica. Abria.
- 3 Pateca. Ra.
- 4 DI. Ar. Avis.
- 5 Germinara.
- 6 Opina. Oc.
- 7 Ordenou.
- 8 Seara. Mar.
- 9 Dono. Aia. Ri.
- 10 Vasos. PRETA.
- 11 Ou. Soleiras.

VERTICAIS:

- 1 Gap. PÔE. OVO.
- 2 Arad. Nau.
- 3 Litigiosos.
- 4 Ice. Enredos.
- 5 Nacarada. Sô.
- 6 Arm. Era.
- 7 Aa. Naípe.
- 8 BRANCO. Ari.
- 9 Brava. Um. Er.
- 10 Ai. Irô. Arta.
- 11 Rã. Sacarias.

PROVERBIO: Galinha preta põe ovo branco.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 727

HORIZONTAIS:

- 1 Labrujo. AC.
- 2 Acará. Ficha.
- 3 Mor. Iriaras.
- 4 Emo. Ir. Apá.
- 5 Gemido. Ar.
- 6 Ateai. Corra.
- 7 Letrado. Sãs.
- 8 Rabada.
- 9 Não. Omíta.
- 10 Em. Agosto.
- 11 Pessoas.

VERTICAIS:

- 1 Lamegal. Nei.
- 2 Acomete. Am.
- 3 Barómetro.
- 4 Rr. Jara. Fé.
- 5 Uai! Diabo.
- 6 Rio. Damas.
- 7 Ofir. Código.
- 8 Ia. Dó. Atoa.
- 9 Acra. Rs. Asi.
- 10 Chaparas. RS.
- 11 Asaras. Co.

Antena Úm
Desdobramento em Onda Média-Emissoras do Litoral Continental e 99,4 em FM-Zona de Lisboa

14.00: O linho e a seda;
15.00: Contraste; 17.00: Antena 1, regiões; 17.15: Porto de abrigo. Noticiários de hora a hora.

Onda Média-FM Estéreo

14.00: Gerações por minuto;
17.00: Sete mares; 19.00: Jornal das dezasseis; 19.20: Musical; 20.00: A Europa dos doze; 20.30: Musical; 21.30: Livre e directo. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Falar cinema, a imagem; 17.40: Efemérides, Leonard Bernstein; 18.15: Ângulos e reflexos; 19.00: Ciclo Beethoven; 19.41: Album musical; 20.40: Esta madrugada no Dois; 21.00: Alfa e omega; 22.00: Música antiga; 23.00: Música coral, de Berio; 00.00: Suites; 01.00: Música de câmara; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Não há duas sem três;
17.00: Contactos; 19.00: Peça que a gente passa; 21.00: Pela estrada fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desportos; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Fantástico; 02.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música;
16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Topo de gama; 22.00: Pessoal e transmissível; 00.00: Morrison Hotel; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Hora da música;
16.00: Banda da amizade;
18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

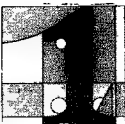
RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo;
18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia.

RTP



16.35 - Ponto por Ponto
17.30 - Brinca Brincando
18.25 - O Melhor dos Marretas
18.45 - O Vento do Mar Aberto
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia (Lisboa)
20.05 - O Tempo
20.15 - Sassaricando
20.55 - Telemundo

«Konrad Lorenz» (II Parte)

21.30 - Jogos sem Fronteiras

«Bruxelas»

23.05 - 24 Horas

23.35 - Remate

23.45 - Pela Noite Dentro

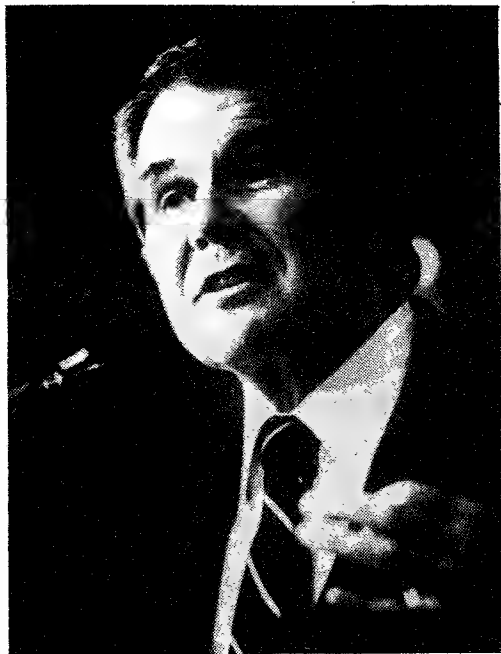
«O Cão dos Baskervilles»

Sir Charles Baskerville, o último descendente de uma família que habita Baskerville Hall, vive obcecado por uma lenda. Há 200 anos que o seu antepassado Hugo de Baskerville foi selvaticamente morto por um grande e demoníaco cão. Acredita-se, desde então, que o gigantesco animal irá atacar todos os descendentes até à extinção da família.

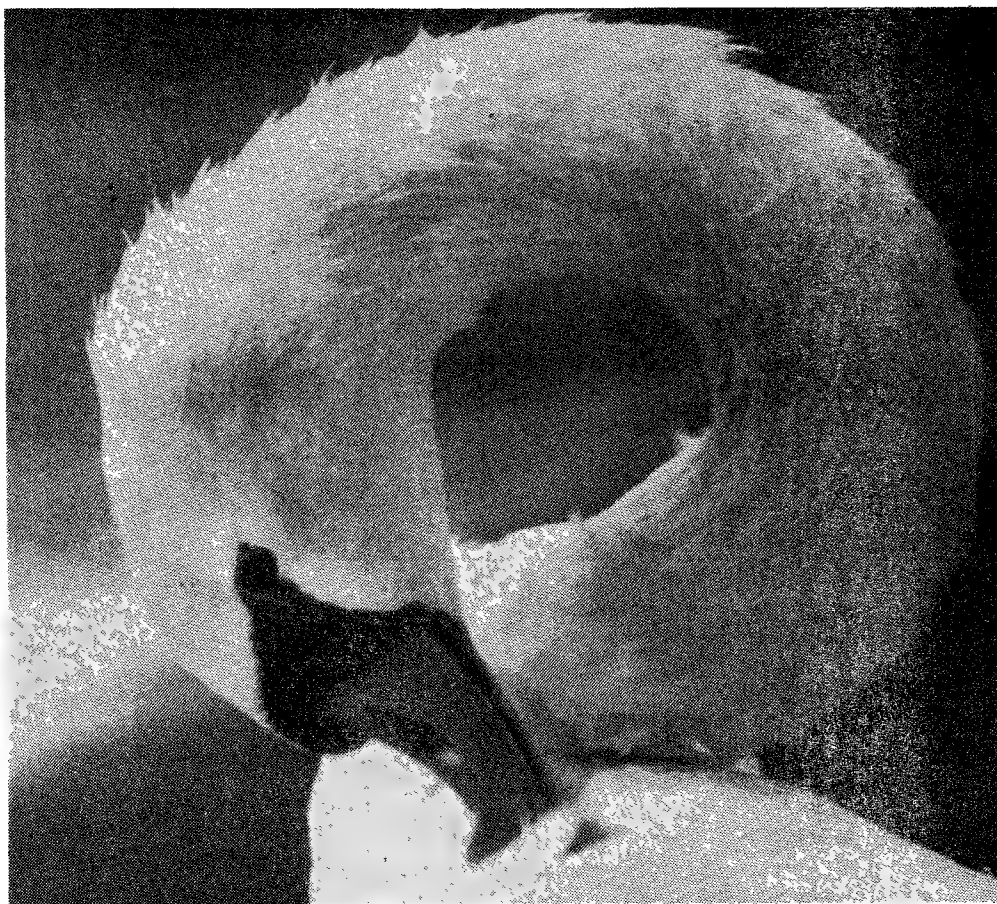
Um filme de Brian Mills, com Jeremy Brett, Edward Hardwicke, Kristoffer Tabori e Donald Pickup, entre outros.

Fotografia: cor.

Duração: 100 minutos.



"Venha a Nós o Vosso Reino... Seja Feita a Vossa Vontade".



Telemundo, na RTP1.



16.50 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
Dr. José João Oliveira
18.00 - Especial Desporto
Atletismo: Atletismo Memorial Ivo van Damme
21.15 - Jornal das Nove
21.45 - O Estouro
22.40 Venha a Nós o Vosso Reino... Seja Feita a Vossa Vontade
(Último episódio)

A RTP/2 transmite a 2.ª parte da série «Venha a Nós o Vosso Reino... Seja Feita a Vossa Vontade» que é um retrato objectivo do movimento de extrema-direita que tem vindo a alastrar pelos Estados Unidos da América. Com efeito, o partido negociou durante o mandato de Reagan, uma aliança com a ala direita do Partido Republicano e influenciou frequentemente a política interna e externa norte-americana. O segundo filme de Antony Thomas investiga o mundo privado desses grupos. A maior e mais forte comunidade situa-se em Dallas, a que chamam «a fivela do cinto bíblico».

AMANHÃ

RTP1

10.00 - Juventude e Família
12.30 - Trânsito
13.00 - Notícias
13.10 - A Tribo dos Penas Brancas
13.55 - Sessão da Tarde
15.35 - Música da Turquia
16.05 - Saint Vincent - Verão 1989
17.45 - Crime Disse Ela
18.30 - Vivamúsica
19.15 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.20 - Sabadabadú
22.25 - John Fairling não existe...
23.20 - Cinema da Meia-Noite

RTP2

10.00 - A Malta de Bronx
10.50 - A Guerra de Troia
11.50 - Compacto
16.00 - Estádio
19.30 - Quem Sai aos Seus
19.55 - Music Box
20.50 - Arqueologia Industrial
21.20 - Estádio

O cinema de qualidade
em sua casa!



VIDEO
crac filmes

Telefones
4375086/4370931
Telex: 66973 Cracs. P

Avenida General Humberto Delgado,
Lojas 12/13, n.º 3
QUELUZ OCIDENTAL
2745 QUELUZ

Video • TV
Autohifi

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



A polícia sul-africana feriu pelo menos três adolescentes negros e mestiços ao abrir fogo sobre jovens que tentavam montar uma barricada nos subúrbios de Mitchell, na Cidade do Cabo. A agitação estudantil tem aumentado nos últimos dias em diversos pontos da África do Sul. No porto de East London, dezenas de negros confrontaram-se hoje com fortes contingentes policiais quando tentavam organizar uma manifestação contra a segregação racial no hospital local.



Escritores e intelectuais no funeral de Palma-Ferreira

O Presidente da República fez-se representar pelo seu Chefe de Gabinete, embaixador Nunes Barata, no funeral do escritor João Palma-Ferreira, que esta manhã saiu da Igreja de Fátima para o Cemitério do Alto de São João.

Integraram-se no cortejo muitas figuras ligadas à cultura portuguesa, vendo-se, entre elas, os escritores David Mourão Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues, o Dr. Fernando Piteira Santos e o dr. Coelho Ribeiro, presidente da RTP a cuja administração Palma-Ferreira também pertenceu.

Viam-se ainda pessoas ligadas ao Instituto Português do Património Cultural, cuja presidência Palma-Ferreira exercera, e ligadas à Secretaria de Estado da Cultura, onde o falecido ocupou, nestes últimos anos, as funções de conselheiro.

Norberto Lopes, 88 anos

MORREU O DECANO DOS JORNALISTAS

«Nota do Dia» - este é hoje obrigatoriamente um dos motivos do «Diário de Lisboa», e tal porque morreu esta madrugada no Hospital de Santa Cruz, em Linda-a-Velha, vítima de um ataque cardíaco, Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa» durante muitos anos, e que sobremaneira se notabilizou através do seu comentário quotidiano, sob o antítítulo «Nota do Dia», no qual dava conta, em tom crítico e construtivo, da vida do nosso País, em tempos de difícil opressão.

Quem agora desaparece com 88 anos, nasceu em Vimioso, concelho de Bragança, tendo vindo aos 18 anos para Lisboa, onde se licenciou em Direito. Depois de ter passado por vários jornais, entrou em 1921 para o «Diário de Lisboa», que nesse ano se fundou. Em 1929, ascendia ao cargo de Chefe de Redacção - e, em 1952, era nomeado director-adjunto. Em 56, assumiu o cargo de director, cargo que exerceu até 11/11/1967 por pedido de demissão. Em 68, tornava-se director de «A Capital» - e seria distinguido com o «Crachá de Ouro» do Sindicato dos Jornalistas em 3 de Janeiro de 1968.

Professor que foi de numerosos jornalistas que passaram por esta casa, Norberto Lopes fez numerosas reportagens no País e no Estrangeiro, algumas delas de grandes acontecimentos internacionais, antes e depois da II Grande Guerra.

Por exemplo: percorreu, em visita dolorosa, os campos de concentração na Alemanha e esteve na Grã-Bretanha nos primeiros dias da Vitória dos aliados.

Mas não só: Adolfo Norberto Lopes (seu nome completo) teve a sua actividade profissional ainda assinalada com a reportagem sobre a viagem aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral; com o périplo de África em que acompanhou, a



bordo do «Gil Eanes», uma divisão naval portuguesa que andou cerca de oito meses no mar; com uma viagem de Angola à contracosta; com a greve revolucionária que estalou na Andaluzia em 1931; com a guerra civil espanhola (1936/1939); etc., etc..

Decano dos jornalistas portugueses, deve-se-lhe ainda diversos livros de temática variada: «Cruzeiro do Sul», «Cruz de Brilhantes» (novela), «Filha de Lázaro» (peça de teatro), «Viagem Maravilhosa» (literatura infantil), «Exilado de Bougie» (biografia) - e muitos, muitos outros.

Mas todos os leitores, e de toda a cultura actante, ficou Norberto Lopes sempre conhecido (e continua a sê-lo) pela sua rubrica «Nota do Dia», mantida na primeira página durante anos em luta constante com a Censura salazarista e caetanista. Ainda o estamos a ouvir, ao telefone com os censores: «P... As palavras são as palavras! As palavras não podem ser cortadas! As palavras foram feitas para

nos entendermos todos!» - E assim aconteceu ainda nos dias da sua vida - e agora, neste momento, os nossos pêsames mais doridos a todos os seus familiares.

O ofício de escrever nas entrelinhas

Ao longo de toda uma década, a de sessenta, o «Diário de Lisboa» teve sempre para mim um ponto central, um coração palpitante, indispensável no meu quotidiano: as Notas do Dia, de Norberto Lopes.

Podia não ler mais nada mas doía-me se, por qualquer motivo, me faltavam esses textos curtos, incisivos e extremamente habilidosos, quer seguissem a linha predominante da crítica, directa ou indirecta, à ditadura salazarista, quer representassem cedências de opinião em relação ao regime político português de então.

Aprendi nesses textos grande parte do ofício de escrever nas entrelinhas, qualidade na época indispensável ao jornalista profissional.

Era toda uma arte de senti-dos figurados, de vernaculismos cuidadosamente catados no dicionário e adequados à má intenção em vista, de alegorias, de alusões sóbrias, de tiros disparados para o ar, sempre na esperança de que eles fizessem um sensível ricochete e apostando em cheio na cumplicidade do leitor e na estupidez dos coronéis da Censura.

Ler e quase tresler

Era uma festa nas Redacções, um prazer inesquecível quando se conseguia fazer passar um desses textos, apenas os leitores. E as Notas do Dia, de Norberto Lopes, traziam à Redacção do «Diário Popular», onde eu então trabalhava, uma alegria palpitante. Corriam-se os textos de Norberto Lopes linha a linha, quase seguindo com o dedo cada palavra, espremendo cada matiz de opinião, comparando uma alusão do último parágrafo com a subtilidade de uma conjugação verbal na abertura, «traduzindo» aquele cuidadoso português para o entendimento certo das palavras-chave para além do que o dicionário permitia. Provavelmente até, às vezes, treslávamos.

Também com ele aprendi uma outra arte, menos brilhante esta.

Pelo que dele se dizia e se lia era evidente o seu saber «faire bon ménage avec le diable», quer dizer viver relativamente bem com os censores e o regime. Algumas das suas Notas do Dia eram toleradas também porque noutros textos opositor do regime, que era Norberto Lopes, entrava em conciliações com o salazarismo. Estas outras Notas deixavam-me um travo amargo, tiravam-me as ilusões, provavam que as alegrias de escrever nas entrelinhas e vencer os censores não eram, infelizmente, inocentes.

P.A. e P.D.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
4 573
85 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
26 265
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
44 503
3 000 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Na 6.ª feira, dia 1 de Setembro, Lotaria das

VINDIMAS
80 000 CONTOS

Bilhetes a 8 000\$00 e décimos a 800\$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO



Aniversário da CASA VIOLA
Habilite-se nas n/entradas da LOTARIA NACIONAL e receba (GRÁTIS) entradas do Totoloto

CASA VIOLA

A sorte que «TOCA» há 55 anos

LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU - PORTIMÃO - SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 1100 Lisboa



Voando sobre as brasas e as ruínas do Chiado

A lição

O que se esperaria, um ano passado sobre a tragédia do Chiado, não seria, obviamente, que as paredes estivessem como dantes, os edifícios com o comércio (e habitação) de sempre, que os olhos e os passos pudessem voltar a ser livres no Chiado. Não.

O que certamente todos aguardariam era que os responsáveis aprendessem a lição. Ou seja, que o reconhecimento de todas as insuficiências, males, e indiferenças, generalizadamente estabelecido há exactamente um ano, tivesse consequências práticas.

Para além da corrida normal à actualização dos seguros, desejariamos que finalmente tivessem começado as vistorias aos prédios degradados e carentes de segurança que fazem a maior parte desta Lisboa da era «abecasiana».

Reforçando a consolidação das paredes e o estabelecimento de planos para recuperar o Chiado, o cidadão esperaria que prédios e zonas ameaçando ruína iminente fossem finalmente alvo de atenção e cuidados. Contornando as declarações públicas de boas intenções de «governantes» aos mais diversos níveis, seriam bem vindas medidas legislativas que facilitassem a fiscalização por parte dos bombeiros.

Mas não. Ao que hoje se assiste é a uma espécie de romaria - por parte dos populares que diariamente desfilam pelo local e dos políticos que, em ocasiões propícias, procuram tirar partido das «obras» - não acompanhada das medidas de fundo para evitar que o cenário se repita, aqui, ali, acolá.

Interessaria clarificar, de uma vez por todas, o que será não só do Chiado mas de toda a Lisboa, do país inteiro. O que pensam os eleitos fazer, para nós, em termos de património, de qualidade de vida, de ambiente.

Quanto a Lisboa, talvez as autárquicas permitam que o futuro «timoneiro» pegue na bússola e refaça o rumo. O resto é com S. Bento. Como se tem visto...

DL

Diário de Lisboa

Edifícios desmoronam-se: é um segundo terramoto

CATÁSTROFE

Coração de Lisboa em chamas



Milhares de bombeiros com centenas de milhares de metros cúbicos de água e milhares de litros de espuma para combater o fogo que se espalhou por toda a zona do Chiado. O fogo começou a queimar-se no edifício da Rua do Carmo, e espalhou-se para os edifícios vizinhos. O fogo chegou a atingir o edifício da Rua do Carmo, e espalhou-se para os edifícios vizinhos. O fogo chegou a atingir o edifício da Rua do Carmo, e espalhou-se para os edifícios vizinhos.

Diário de Lisboa

Sete mil e quinhentos metros quadrados arderam em cinco horas

ADEUS CHIADO!

Combater a catástrofe, salvar Lisboa



Sim, adeus Chiado. Todos os olhos se viram agora para o modo como os responsáveis trataram de que resta dos «edifícios» e para o modo como cuidam dos «crivos». Falamos de edifícios, claro, de todo este património construído e também destruído (7500 metros quadrados de zona histórica) ficaram reduzidos a zero ou quase. Mas há também as pessoas, o único morto registado é os 42 dois feridos que foram levados aos hospitais.

HÁ UM ANO FIZEMOS ASSIM...

Nenhuma redacção de jornal está preparada para as grandes catástrofes, do acidente com muitos mortos ao incêndio do Chiado que há um ano acordou Lisboa, o país, e teve repercussões no estrangeiro mais próximo desta bela realidade que é Lisboa. Mas todos, sem excepção, fazem das fraquezas forças para responderem às necessidades assim suscitadas. Aconteceu com o «DL», neste último caso, que nada disso foi necessário. As respostas de toda a redacção surgiram sem haver chamada. Um único senão: quando resolvemos ressuscitar a casa, as máquinas, as luzes, para o jornal urgente que pulava nas veias, não havia electricidade. São as circunstâncias que também fazem a profissão.

«Catástrofe - Coração de Lisboa em chamas» era o grande título do «Diário de Lisboa» na sua primeira edição, das duas desse dia, em que 11 páginas eram consagradas ao relato do incêndio que à hora de fecho ainda estava em fase de controlo por parte das inúmeras corporações de bombeiros que já tinham acorrido à Baixa, um pouco de a zona envolvente da capital. Na segunda edição, para além de ampliar o número de páginas consagradas ao evento, o «DL» conseguia, no entanto, a «proeza» de publicar a primeira fotografia (aérea) a cores, mostrando toda a área que foi afectada pelo fogo ainda envolta pelos fumos. Título: «Adeus Chiado - Combater a catástrofe, salvar Lisboa», denotando já as preocupações do nosso jornal quanto à recuperação do património afectado.

Também fazíamos os primeiros registos das acusações, provenientes de todo o lado, quanto às culpas e responsabilidades assacáveis (e a quem, a quem?) pela dimensão assumida pelo sinistro. Lembrava-se, a propósito, que as estruturas implantadas na Rua do Carmo tinham constituído um obstáculo à progressão dos bombeiros ao «centro do furacão»; apontava-se a dedo a inexistência de fiscalização em toda a Baixa pombalina, desabitada mas recheada de edifícios ressequidos pelo tempo e ocupados por dezenas de armazéns, laboratórios e tudo o mais, repletos de materiais perigosos, inflamáveis, explosivos. Nas nossas páginas de dava conta da presença do Presidente da República, altamente preocupado com a situação, perguntando a Eurico de Melo pelos meios ne-

cessários (os aéreos, nomeadamente); da interrupção das férias do Primeiro-Ministro que partiu do Algarve às 9 e 15, rumando de carro a Lisboa, cumprindo a rotina da reunião do Conselho de Ministros para esse dia agendada e que afinal se realizou mais tarde do que estava previsto, segundo reconhecia o respectivo porta-voz. E já nessa manhã alguns bombeiros se não mostravam muito satisfeitos com as condições em que foram chamados a actuar, enquanto o major Costa (que nesta edição dá uma entrevista ao «DL») afirmava que se tivesse sido necessário os carros teriam entrado na Rua do Carmo, mesmo que para tanto fosse necessário partir umas coisas. O Chiado, para além da vida que nele se agitava (e agita, ainda, apesar de tudo), era um passado dourado nas memórias de todos. Por isso, o «DL», apesar da pressa de fecho de edições como as desse dia, não deixou de recordar alguns dos aspectos doutros tempos, os sinais do património que foram consumidos pelas chamas, o que significava aquele coração desaparecido. Mas, verdade se diga, a generalidade dos olhos virava-se para o local onde as chamas tinham irrompido, os Grandes Armazéns do

Grandela, e o que tal poderia significar, uma vez que o seu proprietário, Manuel Martins Dias tinha sido preso dois dias antes - sendo uma das acusações a de fogo posto - e libertado na véspera da eclosão do incêndio. Para reforçar a informação nesse domínio, voltámos a reproduzir um texto antes publicado no «DL», em que se focava o caso daquele comerciante e se relatava um pouco da sua história. E começavam a surgir as primeiras reacções e promessas de auxílio internacionais, as lamentações internas, as previsões quanto ao futuro. Seguiram-se meses em que fomos acompanhando o evoluir da situação, afinal dando conta das pressões para que tanto alarido não caísse em saco roto e a recuperação do Chiado não fosse mais uma promessa adiada entre tantas que tornam este país numa realidade suspensa de fantasias de ocasião. Passado um ano, é tempo para o balanço que aqui deixamos. Uma das formas possíveis de abordagem. O «DL» continuará a acompanhar o futuro do Chiado, ainda que ele respeite à futurologia, como nos disse Siza Vieira, apetrechado igualmente com as suas boas intenções, sabedoria, e apoios generalizados...

Era uma vez o Chiado

Fernando Piteira Santos

Na madrugada de quinta-feira, dia 25 de Agosto de 1988, uma vasta área do centro de Lisboa foi devorada pelas chamas. Uma catástrofe não se comemora. Mas uma catástrofe daquela grandeza e que, não só para os moradores e comerciantes da zona, como para os lisboetas, teve aspectos dramáticos que se não extinguíram nem na memória dos homens, nem no que diz respeito aos prejuízos e às consequências, - uma tal tragédia, dizíamos, não se esquece. Não é uma efeméride da crónica lisboeta, é um facto memorial, trágico, da História de Lisboa.

Como então escrevemos, o incêndio da madrugada de 25 de Agosto de 1988, foi a maior catástrofe ocorrida na capital desde 1755. Acrescentávamos, para não calar o que era sentimento geral, que «como então, ressaltadas as proporções e características dos acontecimentos, durante horas, foi análoga, apesar dos meios técnicos actuais, a sensação de impotência». Permitimo-nos transcrever: «Houve momentos de expectativa e angústia, em que se receou que as chamas, que tinham imposto o seu ímpeto destruidor numa vasta zona, alastrassem a outros quarteirões e aumentassem os gravíssimos, sob certos aspectos irreparáveis, prejuízos e danos verificados. Além dos prejuízos materiais receou-se, também, que o preço da catástrofe viesse a ser mais alto em vidas humanas.»

Sobre as causas do incêndio, para lá dos problemas da segurança da cidade e dos seus habitantes que estavam e ficaram entregues aos acasos da sorte, formularam-se suspeitas e muito se especulou. Sobre a hora exacta em que uma primeira pessoa se deu conta, e a outros deu conta, de uma primeira labareda, no contraditório das afirmações, adensaram-se as dúvidas. Sobre as dificuldades que os bombeiros encontram para combater o incêndio, apesar de certos circunlóquios e tergiversões, concluiu-se, por evidente, que as obras do gosto do eng. Nuno Abecasis, na Rua do Carmo, se converteram em factores impeditivos do acesso e da circulação das viaturas dos bombeiros.

O problema da segurança de Lisboa, considerada no seu valor histórico-cultural e no conjunto patrimonial que encerra, considerada como a capital de um Estado, sede dos órgãos de soberania e das alavancas do poder, de toda a evidência ficou demonstrado que não estava suficientemente estudado, organizada a resposta, previstos os riscos. Como dissemos há um ano: «Desde os problemas com a água e a deslocação de viaturas, a coordenação efectiva da acção englobante, como é indispensável, corporações de bombeiros, forças policiais e de segurança, serviços de saúde, tudo pareceu confuso e se mostrou desorganizado, ou, pelo menos, insuficiente para enfrentar uma catástrofe de tal dimensão e gravidade.» E essa insuficiência constitui motivo de alarme porque, como foi o sentimento público, por um nada a tragédia poderia ter tido maior extensão e mais dramáticas

consequências.

Sabe-se que outras áreas da Baixa e da velha Lisboa estão, como estava o Chiado, sem defesa. Em muitas zonas de Lisboa, os velhos edifícios, frequentemente em estado de degradação, as ruas estreitas e peçadas de veículos automóveis estacionados, a densidade de botijas de gás nas instalações comerciais e nas residências, constituem condições extremamente desfavoráveis para o combate aos incêndios. Não pensávamos apenas no Bairro Alto. Nem pensávamos só na Baixa e na velha Lisboa - a Alfama, o Castelo, a Mouraria, a Madragoa. Pensávamos em Lisboa. Temíamos por Lisboa.

E o Chiado? Não se meça a catástrofe, e não se avalie o prejuízo para Lisboa, pelas duas dezenas de edifícios que as chamas reduziram a ruínas fumegantes; nem mesmo consideremos que os prejuízos se limitam, na perspectiva da vida da capital, às vidas, aos haveres, aos postos de trabalho, às actividades, aos bens pessoais, aos valores patrimoniais que a catástrofe destruiu. Pensamos em Lisboa, e, no quadro da vida lisboeta, à tradição e função do Chiado.

É certo que, quando ocorreu o incêndio já o Chiado não era o Chiado. Vitorino, o cantor de «Leitaria Garrett», do Chiado

frequentador e enamorado, disse: «Antes do incêndio já o Chiado tinha sido destruído. O que deu cabo do Chiado não foi o fogo, foram as demolições, os trespasses, tiraram-nos os sítios para lá pôr bancos e companhias de seguros». A Baixa, de um modo geral, perdera características e locais de convívio social. Sofrera o processo de terciarização que desfigurou as zonas centrais da cidade. Uma parte da população envelheceu, outra parte deslocou-se para os dormitórios da periferia. Cinemas, teatros e cafés fecharam, ou mudaram de actividade, ou arrastam irregular sobrevivência. Desapareceram tertúlias, locais de encontro, o hábito da convivência. O Chiado que ardeu já não era o Chiado.

A catástrofe, porém, levantou, de imediato, o problema da reconstrução urgente. Reconstruir ou reconstituir? O debate da questão deveria ser feito com largueza, grande participação, aberto recurso à competência. O «Diário de Lisboa», com o sentido da sua responsabilidade como quotidiano lisboeta, escreveu: «Estamos perante uma questão nacional. O coração de Lisboa não pode ser um montão de escombros. O Governo deverá tomar medidas corajosas e urgentes, acaso sacrificando outros planos de obras públicas, comemorativos, sumptuários,

à urgência nacional de reedificar um conjunto urbano que foi, e terá de voltar a ser, o centro cultural e social de Lisboa.»

Um ano passado sobre a madrugada trágica, as Ruas do Carmo, Nova do Almada e Garrett, apresentam as marcas da catástrofe. Falou-se, trocaram-se opiniões, anunciaram-se intenções, defenderam-se soluções, assumiram-se responsabilidades, fizeram-se promessas. A nomeação do arquitecto Siza Vieira, universalmente considerada uma boa escolha, para projectar a reedificação da área destruída, mitigou a polémica em torno do Chiado. A competência reconhecida de Siza Vieira garantia um critério de cultura e modernidade para ultrapassar o confronto das teses: reconstruir para o nosso tempo o Chiado ou reconstituir fielmente o Chiado pretérito.

De qualquer modo, um ano passado - insistimos em recordá-lo -, limpos os escombros, desentulhadas as ruínas, os fantasmas dos edifícios consolidados para testemunharem a sua morte, anunciados os projectos foram, e, no coração de Lisboa, a cicatriz assinala a dilaceração do tecido urbano de uma zona fundamental. pergunta-se: até quando?

E pergunta-se, também, se, além dos projectos relativos à reedificação do Chiado, estão estudadas, e em aplicação, medidas para evitar uma nova catástrofe?

E pergunta-se - não esquecendo as eleições autárquicas e os planos dos vários candidatos para Lisboa -, se eles pensam pôr a cidade a salvo do delírio constructivista das Amoreiras, da Praça de Espanha, do Saldanha, do Martim Moniz, da Avenida Berna? Do delírio de construir para destruir Lisboa, para esvaziar terciarizar, matar, a Baixa lisboeta.

Intitulámos estas notas cursivas: «Era uma vez o Chiado...» Não queríamos amanhã escrever outras com o título: ERA UMA VEZ LISBOA...



CINCO DEPOIMENTOS, DA ESQUERDA À DIREITA, COM KRUS ABE

Há cinco personalidades que estão ligadas a Lisboa, pelo passado ou pelo futuro possível (as autárquicas estão à porta...), e não podiam deixar de ser ouvidas. São elas Jorge Sampaio que, em nome do PS, lidera a coligação «Por Lisboa»; Rui Godinho, segunda figura da mesma força investido pela CDU; Gonçalo Ribeiro Teles, «alfacinha» de gema e por programa, do PPM, cobijado à esquerda e à direita; Marcelo Rebelo de Sousa, o nome que pretende aglutinar as linhas com que antigamente se coseu a AD, ainda na Câmara; e Krus Abecasis, o presidente cessante que, afinal, para todos os referidos quatro responsáveis,

O Chiado (e a Baixa) fecha às sete

Rui Godinho

Na pequena frase do título sintetiza-se quase tudo o que concorreu para a tragédia do Chiado e o que pode provocar ocorrência idêntica em outro local da Baixa Pombalina.

Contudo, no intervalo das nove da manhã às sete da tarde, a Baixa e o Chiado vivem sufocados pela desgastante actividade associada a cerca de 100.000 empregados do sector terciário que aí se situam, enquanto descem abaixo dos 10.000 os habitantes permanentes, idosos e vivendo nos últimos andares.

É este funcionamento «espasmódico» do tipo «entra às nove sai às sete», seguido de um longo deserto nocturno, o principal responsável pela decadência do Chiado e da Baixa, e que acabará por os arruinar se a situação não for rapidamente invertida.

O Chiado arde, assim, porque nos últimos dez anos se acentuaram, de forma muito nítida, estes sinais de desequilíbrio e de desertificação e insegurança nocturnas invadiram todos os quarteirões, mercê de uma política de gestão urbanística completamente errada por parte da direita (PSD/CDS), agravada por intervenções inqualificáveis como a da Rua do Carmo de tão triste memória.

Passado um ano sobre o incêndio é lícito, então, perguntar, como estamos de recuperação do Chiado?

Conhecem-se as causas profundas do sinistro (atrás enunciadas), mas continua a não se saber quais as causas próximas. Onde estão as conclusões do inquérito técnico e o da Polícia Judiciária quanto às razões do incêndio e da sua rápida propagação?

Sabe-se, isso sim, que em toda a Baixa Pombalina e nos bairros populares que a envolvem permanecem inmutáveis factores de insegurança como os que intervieram no Chiado (ausência de alarmes contra incêndios e de extintores, armazenamento de produtos químicos em facilmente inflamáveis, aberturas em paredes corta-fogo, instalações eléctricas em mau estado de conservação).

Está, também, aprovado por unanimidade, um projecto de recuperação da área sinistrada da autoria do arq.^o Siza Vieira, que inclui interessantes propostas de modificação da situação pré-existente ao incêndio e outras possíveis de contribuir para a revitalização da Baixa. Entretanto, já se desenharam pressões para o alterar e o próprio presidente veio recentemente a público, de forma surpreendente e à revelia da Câmara, anunciar uma



«cidade subterrânea» (sic) de caves e galerias, que a concretizar-se segundo o anunciado, subverteria o projecto aprovado, nomeadamente em termos de áreas de construção, de estrutura funcional e de estabilidade das fachadas de inequívoco valor patrimonial a conservar, podendo perder-se assim os factores de atenuação de terciarização da zona. Além disso, tal «promessa» irá seguramente atrasar ainda mais o início das obras de recuperação, pois gerará naturais expectativas nos proprietários dos lotes ardidos, que tentarão não celebrar quaisquer protocolos de aceitação dos programas aprovados sem tentarem que a «promessa» de Abecasis se cumpra. É, aliás, o que se depreende do facto de afirmarem, desmentindo o presidente, que não existe qualquer «acordo de cavalheiros» com a Câmara e os comerciantes-inquilinos. Estes, pelo seu lado, bem como os trabalhadores e os moradores vêem, assim, o Chiado «continuar a arder».

Enquanto isto, não se realizou o debate público que unanimemente a Câmara deliberou promover, entrando-se assim de novo numa fase de informações não transparentes, de equívocos e de impasse, que claramente caracterizam a situação a que se chegou um ano depois do incêndio, com graves prejuízos para os interesses lesados e para a cidade.

Será, assim, necessário clarificar urgentemente o quadro em que se move neste momento a recuperação do Chiado.

Desde logo, esclarecer os reais motivos que levaram Abecasis a anunciar alterações ao projecto. Será a contrapartida que, à revelia das decisões da Câmara, estará a oferecer para tentar concretizar o dito «acordo de cavalheiros» que diz existir? Ou será uma forma de «presentear» a futura Câmara, que já antevê emergir da coligação «por Lisboa», com um problema adicional aos muitos e graves que semeou pela cidade?

Assim, é fundamental deixar claro que o projecto de recuperação do Chiado deve ser cumprido com integral respeito pelos princípios programáticos aprovados unanimemente pela Câmara, designadamente os que se referem à instalação de actividades vivificadoras da zona, como são a habitação e as actividades lúdicas e culturais.

Deve, então, acelerar-se o processo de recuperação, estabelecendo-se em paralelo, um diálogo operativo com os proprietários, de forma a que estes participem e se dinamizem com vista à celebração urgente de protocolos com a Câmara, que estipulem os direitos e deveres recíprocos no processo de recuperação, os prazos das diversas intervenções e as relações contratuais com os inquilinos, por forma a que as obras arranquem rapidamente.

Só assim se dará um contributo para sarar a ferida aberta com o incêndio e para inverter o infernal ciclo diário da Baixa e do Chiado, insuflando-lhe vida permanente.

A direita (PSD/CDS) já demonstrou que não está à altura deste objectivo, por muito que o seu actual candidato à Câmara de Lisboa queira «branquear» as responsabilidades recentes da coligação que o apoia e disfarçar a «operação de cosmética» que obviamente constitui tal candidatura.

Será a coligação «por Lisboa» que naturalmente competirá aceitar e vencer o desafio que hoje o Chiado e a baixa Pombalina apresentam.

Do Camões à Casa dos Bicos

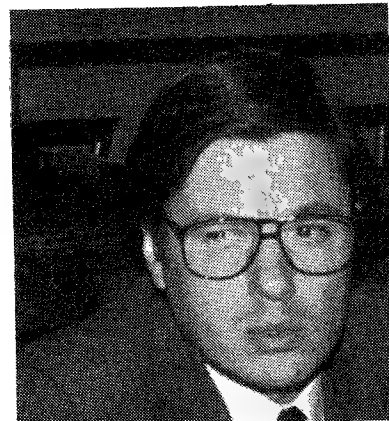
Vasco Franco

Há basicamente três questões que neste momento devem ser colocadas em relação ao Chiado:

- a questão da informação e da participação;
- a questão do respeito pelo projecto;
- a questão de toda a Baixa Pombalina.

Existindo aparente consenso quanto à necessidade de manter a opinião lisboeta informada sobre a evolução do processo de recuperação do Chiado preocupa-nos a falta de informação transparente e a ausência de oportunidades de participação efectiva dos cidadãos. E esta preocupação cresce quando sabemos que nada está garantido quanto à concretização do projecto do arquitecto Siza Vieira, existindo sérios riscos de que esse projecto venha a ser desvirtuado pelo jogo de interesses que se gerou e que o presidente da Câmara deixou avolumar. Não é razoável, admitir, por exemplo, que a satisfação de tais interesses aponte para profundas alterações ao projecto, incluindo o aumento da densificação das ocupações comerciais com os impactos que tal solução acarretaria.

Importa pôr termo, rapidamente, à miragem da «Cidade Subterrânea» que o eng.^o Abecasis anunciou já depois de aprovado o projecto e criar as condições necessárias para que a recuperação



arranque de acordo com os parâmetros já definidos.

Mas será também fundamental ligar o processo de recuperação do Chiado a uma operação mais vasta de reabilitação de toda a Baixa Pombalina a que o Chiado está e deve permanecer ligado.

Os perigos que vitimaram o Chiado continuam a ameaçar todos os quarteirões da Baixa e, um ano depois, nenhuma medida concreta foi adoptada para reduzir esses riscos.

Por outro lado importa considerar que o tecido urbano que se desenvolve entre o Camões e a Casa dos Bicos é um tecido ligado, que deve ser objecto de uma intervenção de conjunto tendo em vista a sua reabilitação integrada. O Chiado não pode passar a ser, no futuro, uma ilha nobre rodeada de quarteirões em crescente degradação e desertificados. É preciso repensar toda esta área, potenciando as actividades que ela já comporta e que podem sustentar uma real vivificação (teatros, cafés, esplanadas, Escola de Belas Artes, Faculdade de Arquitectura, etc.) e diversificando os usos instalados com reforço da componente habitacional, cultural e lúdica. A valorização de importantes praças, como a da Figueira, o Rossio os Restauradores e a Praça do Comércio, e das grandes áreas pedonais como a Rua Augusta será outro factor fundamental a considerar numa intervenção desta natureza.

Mas é preciso criar as condições necessárias para o arranque desta intervenção.

O processo de recuperação do Chiado encontra-se num relativo impasse, perante as inflexões a que o presidente da Câmara tem anuído. A forma como esse impasse for ultrapassado determinará não só o futuro do Chiado como o futuro da Baixa Pombalina.



CASIS ALVO DAS «PONTARIAS»

embora de forma mais ou menos encapotada, não pode alijar as suas responsabilidades. E aqui temos o quadro, com a ressalva de que Jorge Sampaio e Krus Abecasis não puderam escrever pelo seu punho os depoimentos solicitados pelo «DL», e por isso delegaram, respectivamente, em Vasco Franco (um dos nomes da próxima candidatura autárquica), e do Gabinete de Recuperação do Chiado, que apresenta um relatório de carácter técnico e prospectivo, em que o ainda presidente se reconhece. Temos, pois, um quadro traçado que o leitor apreciará: acusações, reticências, a necessidade de um debate público... Talvez o Chiado se salve - que cada um escolha o melhor «salvador».

Salvar, salvar, salvar

Gonçalo Ribeiro Teles

O incêndio do Chiado não foi o aviso suficiente para que se iniciasse uma campanha de defesa eficaz do nosso património que continua a degradar-se e a ser, em muitas regiões, sistematicamente destruído.

Não é só Lisboa que está em perigo mas a herança cultural e arquitectónica de muitas cidades e vilas e, mais recentemente, a própria paisagem tradicional e humanizada do nosso país.

As causas que justificam a dimensão da tragédia do Chiado são as seguintes:

- Envelhecimento e desaparecimento da população residente;
- Impossibilidade, por parte de proprietários e inquilinos, em conservar os



prédios e melhorar a qualidade das habitações;

- Ocupação dos pisos vazios por pequenos armazéns sem guarda permanente;
- Falta de sistemas de segurança e alerta;
- Abertura de grandes vãos nas paredes mestras que serviam de obstáculo à propagação de jogos.
- Inexistência de uma política de recuperação e reabilitação da zona histórica de Lisboa.

A estas causas, há que acrescentar os muretes e plataformas construídos na Rua do Carmo que, no dia fatídico, prejudicaram a acção dos bombeiros.

A recuperação do Chiado não é um problema que se circunscreva à área atingida pelo incêndio mas terá que abranger toda a zona histórica da cidade.

Só uma política global para esta zona e para o concelho poderá reintegrar o Chiado numa cidade dignificada.

Há que travar a deslocação de residentes da zona histórica e das avenidas, para a periferia onde também se vêm instalando os recém-chegados da província, exilados pela florestação industrial e pela falta de apoio à agricultura tradicional e de condições de vida nas aldeias do Interior.

Nos últimos oito anos, a população da periferia do concelho de Lisboa aumentou de 90.000 habitantes enquanto nas avenidas só apenas 4% da área de piso é de habitação enquanto que na zona histórica continuou a verificar-se o descalabro das condições mínimas de habitabilidade com excepção de algumas áreas restritas de habitação de luxo.

No entanto, que fazer no Chiado que

ardeu?

- Refazer a volumetria que existia antes do incêndio;
- Reconstituir as fachadas e a imagem desaparecida e valorizar a expressão de conjunto;
- Reabilitar para habitação pelo menos 30% da área de pisos a reconstruir.
- Refazer as linhas verticais estruturantes dos edifícios como forma funcional e estética de agravar estes ao declive das suas;
- Recuperar a Rua do Carmo demolindo as plataformas, muretes e canieiros;
- Aproveitar, como espaço público, o interior dos quarteirões;
- Vitalizar cultural e socialmente o Chiado;

O plano Siza Vieira respeita todos estes propósitos.

Há portanto que iniciar a elaboração de um programa concreto de reconstrução. Esta reconstrução deverá desenvolver-se a partir da figura legal de um «Plano Parcelar de Urbanização», após clarificação como imóvel de interesse público de toda a zona histórica de Lisboa a que pertence o Chiado.



Os equívocos

Marcelo Rebelo de Sousa

Tem havido quanto ao Chiado muitos equívocos que duraram, de uma forma ou de outra, um ano, e que têm de ser esclarecidos com urgência.

O único não equívoco indiscutível foi o acerto da escolha do arquitecto Siza Vieira - a reflectir-se no seu feliz trabalho.

A partir daí só deparamos com equívocos:

1.º O equívoco de se saber que há na Baixa Pombalina - e não apenas nela - pontos de elevado risco de incêndio e, com base na falta de lei adequada, nada se fazer para prevenir novas tragédias como a do Chiado.

2.º O equívoco de pensar que um criador artístico de facto excepcional, como o é o arquitecto Siza Vieira, se pode substituir às entidades políticas competentes para definir regras que estão por definir quanto ao Chiado.

3.º O equívoco de esperar que sem essas regras a Câmara Municipal de Lisboa ou o Estado podem chamar a si a reconstrução ou forçar os proprietários privados a reconstruir o que quer que seja.

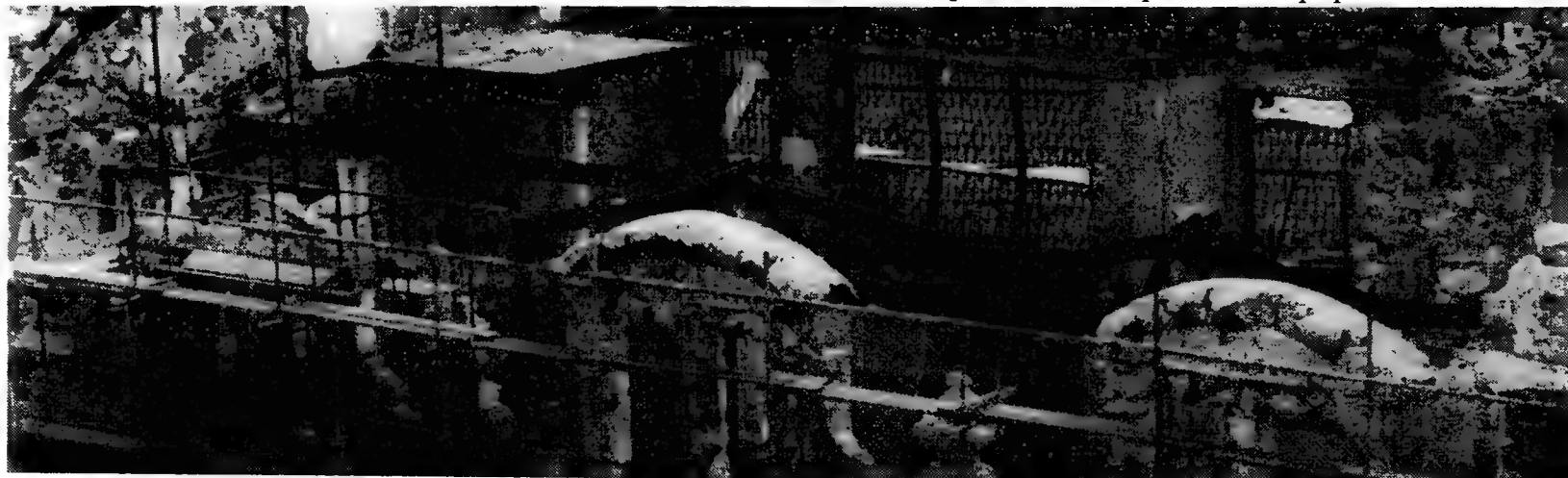
4.º O equívoco de acreditar que sem essas regras se sabe qual a força jurídica real do trabalho do arquitecto Siza Vieira;

5.º O equívoco de considerar que, sem elas, há solução clara e inquestionável para o problema dos inquilinos, e trabalhadores cujos direitos não podem ser sacrificados;

6.º O equívoco de identificar a proposta, aliás louvável, de um especialista qualificado, com o saldo de um debate público amplo e participado que dê aos lisboetas uma palavra decisiva sobre o coração de Lisboa.

Para já, penso que se impõe um debate público urgente sobre todas estas questões, logo após a divulgação do estudo do arquitecto Siza Vieira, debate esse que deveria iniciar-se no final de Setembro, e durar pelo menos 60 dias. Só depois faz sentido falar em começo de obras de reconstrução e se saberá o destino mais justo do fundo criado pelo Governo há um ano.

É a democracia que exige o debate público. E não há messianismo, mesmo esclarecido, que valha a razão de ser da própria democracia.



O relatório

No dia 25 de Agosto de 1988 eclodiu um incêndio nos Armazéns Grandella, com início num dos pisos. Prolongou-se rapidamente no interior do edifício e prédios vizinhos numa área delimitada pelas Ruas Aurea, da Assunção, do Crucifixo, Nova do Almada, Garrett e Calçada do Sacramento, tendo ficado totalmente destruídos nove edifícios e parcialmente destruídos sete.

Após o incêndio algumas questões ocorrem de imediato tais como a sua extensão, a velocidade e o modo da sua propagação, as temperaturas nele desenvolvidas, as alterações provocadas nas propriedades dos materiais constituintes dos elementos estruturais e de fachada remanescente, etc..

Para esclarecimento de tais questões a CML considerou indispensável a realização de estudos nos quais estão presentemente envolvidos para além do Gabinete do Chiado, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) e o Centro de Mecânica e Engenharia

Estruturais (CMEST) do Instituto Superior Técnico (IST), com assessoria de outras entidades, nomeadamente a Universidade Alemã de Wuppertal e o Centro Scientifique et Technique du Bâtiment de França (CSTB).

Relativamente ao incêndio no interior do Grandella a rapidez de propagação deste deve-se a vários factores tais como:

- A carga de incêndio no seu interior.
- Comunicação vertical entre os vários pisos, representados pelos vãos das escadas rolantes, dos elevadores e de duas caixas de escada, para além dos que correspondiam às escadas de comunicação entre os pisos desnivelados, dado que o edifício em causa, era composto por dois blocos, com alturas diferentes, desnivelados entre si.
- Grande área de abertura de fachadas facilitando a ventilação e consequentemente a combustão.
- Os pavimentos em madeira assentes sobre estrutura em perfis metálicos sem qualquer protecção.
- Inexistência de sistemas de detecção automática de incêndio.
- Inexistência de sistemas de extinção automática de incêndios.

A transmissão aos edifícios fronteiros

da Rua do Carmo fez-se por radiação, através das amplas aberturas voltadas para aquela rua e aos Armazéns do Chiado por radiação e convecção através de pequenas aberturas de ambos os edifícios que davam para um saguão comum. Também neste caso se põe a pergunta como se poderia limitar a transmissão.

O LNEC em conjunto com as outras instituições científicas propôs a realização de um estudo, para resposta a esta pergunta, do qual as conclusões a tirar terão implicações directas nas medidas de segurança contra incêndio, a adoptar no projecto dos novos edifícios ou no da sua recuperação.

As consequências estruturais do incêndio nos edifícios são vários. Assim as fachadas, de um modo geral apresentavam:

- desagregação de revestimentos;
- fendilhação das alvenarias;
- fractura de pedras das cantarias;
- colapso parcial de ornamentos, cornijas, guardas de varandas e de outros elementos salientes;
- deformações transversais permanentes;
- ruína de partes de fachadas.

No interior dos edifícios apenas restavam paredes de alvenaria de maiores dimensões, alguns elementos estruturais metálicos na maior parte dos casos muito deformados.

Fez-se uma recolha no local do sinistro de amostras de materiais, para a realização de ensaios mecânicos, com vista ao dimensionamento a realizar para o projecto de estruturas das reconstruções.

A CML tomou ainda a iniciativa de mandar executar pelo Regimento de Sapadores Bombeiros um levantamento das condições de segurança ao longo dos estabelecimentos instalados em edifícios situados na Baixa Pombalina, para avaliação do risco de incêndio.

Presentemente espera-se a conclusão da 2.ª fase do projecto que está a ser executado pelo arq.º Siza Vieira para se dar início aos trabalhos de reconstrução.

*Depoimento solicitado a Krus Abecasis que por se encontrar ausente no estrangeiro delegou no Gabinete de Recuperação do Chiado.

Siza Vieira acredita no renascimento da zona mas...

O FUTURO (DO CHIADO) É FUTURO

Luís Alexandrino Botinas
Fotos de Bruno Neves

Um ano depois do incêndio é lógico que se questione o que será o Chiado no futuro. Não será uma ilha de yuppies afortunados com dinheiro para comprarem os T2, pois «é uma zona muito forte, de passagem e de charneira entre a alta e a baixa da cidade. Não serão os habitantes dessas 70 novas casas que mudarão tudo isso», assegura Álvaro Siza Vieira, que com o seu talento fará renascer das cinzas parte daquele centro histórico. Não se trata propriamente de um toque de Midas, mas as suas marcas permanecerão. O novo pátio do Carmo, nas traseiras da escola Veiga Beirão, os portais de «arquitectura forte» que lhe darão acesso, as lojas e edifícios reconstituídos e as galerias subterrâneas comunicantes com o Metro serão os testemunhos do traço de um arquitecto que aceitou a dura tarefa de insuflar vida ao coração de Lisboa. É o resumo de uma entrevista concedida pelo arquitecto, ao «DL» no seu atelier do Porto.

«Diário de Lisboa» - Como será reconstruída a zona histórica do Chiado, sem, à partida, saber o tipo de comércio que cada edifício albergará e quais os comerciantes que para lá voltam? Sendo certo que o principal património do Chiado é o no ne das suas lojas, não será qualquer outra planificação que as não considere uma forma de pôr o 'carro à frente dos bois'?

Siza Vieira - A informação que tenho até este momento é de que os comerciantes que estavam no Chiado continuam no Chiado. E as conversações que tive nesse sentido não indicam que haja crise, embora existam problemas e conflitos, não muito violentos, mas enfim, problemas... Não tenho qualquer informação que me leve a crer que haja uma mudança, a não ser no que se refere ao Chiado e ao Grandella, armazéns que estavam em crise. Portanto, não acredito que se verifique uma modificação significativa quanto ao aspecto do património humano. O projecto vai recuperar ou refazer o corpo material que dá guarida a essas actividades. Eu estou a contar com isso, pois são essas as bases programáticas que tenho.

«DL» - E o acordo de cavalheiros?

Siza Vieira - Eu estive em reuniões com proprietários e comerciantes em que se levantaram alguns problemas. Creio que há determinados acordos firmados. O que se vai passar no futuro... é futurologia. Não sei. Neste momento, tudo indica que se manterão as actividades anteriores. Foi com essa ideia que trabalhei e além disso há fichas correspondentes com as negociações que foram conduzidas pela assessoria da presidência.

«DL» - Injectar vida no Chiado e na zona sinistrada é um dos objectivos do seu trabalho. Como o concretizará? Essa intenção poderá estender-se à Baixa Pombalina? Como pode um plano arquitectónico abranger temas tão externos a ele - como por exemplo - o horário de encerramento das lojas, principal razão da desertificação da Baixa?

Siza Vieira - Eu não usaria o termo 'injectar vida' porque me parece que ultrapassa os limites e a acção de intervenção da arquitectura. Diria antes, não obstruir o desenvolvimento, do ponto de vista humano e de utilização, do Chiado.

Estes são alguns aspectos do pro-

jecto: fazer ou reconstituir melhores acessos à zona, nomeadamente um acesso complementar entre a rua do Crucifixo e a Rua Nova do Almada através de uma escada, coordenar os trabalhos do Metropolitano, com o próprio projecto do Chiado, organizar um percurso entre o pátio por detrás dos edifícios da Rua do Carmo e das ruínas do Convento do Carmo (esse acesso existia era anterior ao terramoto e é possível incluí-lo no projecto).

Há assim correcções e aditamentos no sentido de que ao Chiado não seja dificultada essa vocação que tem, natural e topográfica, de plataforma entre as zonas altas da cidade e a Baixa.

Um passeio inspirado

«DL» - Como surgiu a ideia de criar a tal calçada nas traseiras da Escola Veiga Beirão?

Siza Vieira - Nasceu após um passeio pelas plataformas por detrás da Escola em que a violência do aparecimento da paisagem praticamente conduzia à consideração desse percurso e provavelmente um conhecimento subconsciente

de que por aí existia um acesso. A importância do Convento do Carmo na cidade sugere inevitavelmente uma ligação. É preciso ver que os planos de Pombal quando chegam às barreiras físicas de um e do outro lado do tecido central da Baixa, não direi que páram mas hesitam. Não havia capacidade de desenvolver completamente esse problema das relações entre a parte antiga que sobreviveu ao terramoto e parte nova. Por isso, dos dois lados da Baixa há todo um campo de pesquisa que certamente será determinante para a sua recuperação.

«DL» - A calçada dos passeios do Chiado foi alterada nos anos 50 e recentemente, pelas esplanadas das Ruas do Carmo e Garrett. Um novo calcetamento clássico faz parte do plano?

Siza Vieira - Sim, faz parte do projecto. A modificação dos anos 50 foi por um lado, um sucesso, e por outro, um fracasso. O sucesso: não há dúvida que se criou uma zona de estar, de paragem que funcionava. O fracasso: o elemento terraço não se adapta bem àquela rua com o envolvimento e pendente que ela

tem. O projecto procura aproveitar a parte boa da ideia das esplanadas, retirando os inconvenientes. Considero que retirar por completo o trânsito da Rua do Carmo provoca um desequilíbrio, até como imagem. O plano preconiza que haja trânsito automóvel condicionado na rua do Carmo, e que as esplanadas sejam passadas para o interior, para o pátio do Carmo.

O aparecimento deste pátio tem a ver com o tal percurso, com a necessidade de criar um espaço de ventilação entre o muro de suporte da Veiga Beirão e as casas com a frente para a Rua do Carmo, e também com a criação de espaços para essas actividades que tiveram sucesso.

Os portais marcantes do novo pátio do Carmo

«DL» - Há uma grande apetência por esplanadas abertas à noite. Veja-se o sucesso da «Brasileira»...

Siza Vieira - A «Brasileira» já tem essas condições porque é uma zona horizontal. Um terraço é por natureza uma superfície horizontal. O que falhava nos terraços anteriores era essa condição física apropriada, porque as plataformas existentes estavam muito tolhidas pela dimensão da rua, eram bastante forçadas.

O aspecto artificial que aquilo tinha e que impressionava do ponto de vista estético era decorrente das condições inultrapassáveis de natureza topográfica. Um terraço necessita de estabilidade e as plataformas criadas não a tinham.

No pátio do Carmo vai criar-se uma plataforma horizontal à cota da entrada na rua Garrett. As duas entradas neste pátio são os grandes motivos arquitectónicos da nova intervenção. Uma é de nível (a da rua Garrett) a outra, a da Rua do Carmo, é acessível por escada.

As duas coisas que aparecem de novo e que têm de se manifestar do ponto de vista arquitectural, porque são suficientemente fortes, são os portais de acesso ao pátio. O seu estilo estabelece uma ruptura na continuidade das fachadas. Contudo, não será um capricho de arquitecto, será antes a escala e o desenho apropriados a um facto novo. Esta intervenção será forte, mas não será espalhafatosa.

«DL» - Que outras formas de animação da rua preconiza? No Inverno as esplanadas não deverão ser muito viáveis...

Siza Vieira - Porquê? O Inverno em Lisboa é muito doce. Há muitas ruas em cidades do Norte com Invernos bem amargos e que mantêm a sua actividade durante todo o ano. As esplanadas serão a céu aberto até porque o nosso corpo precisa de receber sol e chuva na altura própria, como a terra. Não há grande diferença.

«DL» - E os comerciantes terão essa opinião?

Siza Vieira - Hão-de ter. Porque a-





grande vocação do Chiado de ser uma zona de passagem é evidente. A sua situação de charneira na cidade, acompanhada pelas suas condições topográficas - plataforma a meia altura entre a baixa e a parte alta - conferem-lhe esse valor.

A inércia das estruturas

«DL» Falou recentemente numa entrevista acerca da necessidade de manter a estrutura interior do Convento do Espírito Santo da Pedreira (armazéns do Chiado). Isso quer dizer que o aspecto interior do futuro hotel deverá obedecer a essa preocupação?

Siza Vieira- Concerteza. Começamos logo por optar pelo hotel, exactamente porque a organização de um hotel se adapta muito bem à estrutura espacial do Convento. Isso condicionou fortemente a escolha do programa que é obrigatório para a recuperação do Chiado. No regulamento para a recuperação do edifício serão definidos quais os elementos e os espaços que terão de ser mantidos no projecto de adaptação. A organização interior do Chiado tinha e tem uma grande força. Por isso se foi mantendo através das diferentes utilizações que teve - já foi hotel, casa particular, albergou associações, armazéns. Há uma grande inércia na sua estrutura. Ele está lá e resistiu mesmo ao incêndio. Um grande monumento tem essa capacidade de receber vários programas. Não quer dizer que não fosse possível pegar em máquinas e deitá-lo abaixo. Mas a reconstrução só das fachadas está fora de questão.

«DL» E o trabalho de recolha da equipa da ESBAL que ficou encarregue de recolher os moldes?

Siza Vieira- Esse trabalho está atrasado, embora haja um contrato entre a escola e a Câmara. Agora não me pergunte

porque é que ainda não está feito, que eu não sei. Estou a contar com ele e o atraso na sua elaboração significa um atraso no trabalho de reconstrução

Romantismo mumificante

«DL» O que foi salvo durante as operações de recolha de entulho? Existe algum depósito onde as peças salvas estejam a ser catalogadas. O que será recolocado nos edifícios?

Siza Vieira- Existe um depósito com placas e azulejos, não creio que esteja organizado de forma absolutamente impecável. Não o visitei. Vou fazê-lo. Não acho que todas as peças sejam aproveitadas. Essa reconstrução, milímetro a milímetro, se não for acompanhada por razões bastante fortes do Chiado futuro arrisca-se a ser uma espécie de romantismo mumificante que não me agrada por inteiro. Mas se algumas lojas quiserem a recuperação total dos interiores, como é o caso da Perfumaria da Moda, aí será um caso de restauro minucioso. Há muita documentação.

«DL» O seu programa é global, mas há que contar com a intervenção dos diferentes arquitectos em cada um dos edifícios. Não será a sua imaginação «perigosa»?

Siza Vieira- A imaginação dos arquitectos parte da existência de sugestões, ou melhor, de condicionamentos. E esses existem no Chiado, naturalmente. Na minha perspectiva não há contradição entre condicionamentos e imaginação. Sendo o Chiado uma zona de charneira é exactamente aí que a imaginação se revela com mais força. Não é por acaso que as grandes obras de arquitectura surgem nas cidades com uma grande carga histórica.

Quanto ao programa, há que chamar a atenção para o facto de que corresponde a um consenso criado em torno

dos aspectos fundamentais da reconstrução. O que se traduziu numa aprovação por unanimidade pelos diferentes partidos representados na câmara.

Consolidar fundações

«DL» O Chiado «underground» ou cidade subterrânea estava previsto no seu projecto? Não porá em perigo fundações e estabilidade?

Siza Vieira- O Chiado «underground» faz parte do projecto, refere-se à galeria subterrânea que vem do Metropolitano sob a rua Ivens até à rua do Crucifixo e rua Nova do Almada. Na primeira fase do projecto anunciei que se mantinham as caves existentes e que não se faziam mais. Posteriormente, os problemas técnicos, nomeadamente, de consolidação de fundações apontaram para a vantagem de escavar visando o seu fortalecimento pois estas são muito más, surpreendentemente.

Serão criadas caves onde não existiam, mas serão rigorosamente condicionadas, não se destinando a estacionamento. Há pouco tempo e no contexto de uma associação entre o Chiado e o Grandella, constituindo um projecto único com dois proprietários diferentes, o presidente adiantou a hipótese de conjugar isso com a criação de zonas comerciais acompanhando o metropolitano que não é excessivamente longo, cerca de 150 metros. Será uma área subterrânea com acessos aos quarteirões.

Os edifícios não podem esperar

«DL» O prolongamento do ramal do Metropolitano até ao Chiado não atrasará os trabalhos?

Siza Vieira- Dependendo da construção do Metropolitano que envolve técnicas diferentes das de reconstrução dos ed-

ifícios e havendo uma indefinição relativamente a prazos de construção do túnel do Chiado, a proposta que vou apresentar é de separar a reconstrução dos edifícios e zonas comerciais, porque senão haverá um atraso. Esperar pelo Metro, é uma aventura perigosa pois jamais se saberá com rigor as cotas antes de estar um projecto aprovado. A recepção da galeria do Metropolitano está preparada e ele faz-se quando se fizer.

Não vejo inconveniente num Metropolitano acompanhado por lojas e que o acesso seja não só para a rua do Crucifixo e Nova do Almada mas também para o interior dos pátios. Quanto a dimensionamento de áreas comerciais estou a estudar porque arriscamos o sobrecarga do Chiado. Esta opção poderá ser vantajosa. Pode dar resposta a certos desequilíbrios. Por exemplo, na rua do Carmo diminuimos a profundidade dos edifícios para criar condições de habitabilidade. Como não subimos os edifícios registou-se uma diminuição de área. Ora, as áreas subterrâneas devidamente condicionadas podem ser uma compensação para isso.

Chiado não será ilha de yuppies

«DL» - Vai existir habitação social?

Siza Vieira- Não. Poderão aí habitar jovens casais, alguns até com mais dinheiro do que eu. É preciso que se saiba que não se conseguirá defender a não elitização do centro histórico de Lisboa com os 19 edifícios do Chiado. Trata-se de um problema que extravasa a dimensão da reconstrução do Chiado. É um problema global da Baixa. Contar com isso seria demagógico.

«DL» Que tipo de pessoas poderão morar no Chiado. Serão yuppies?

Siza Vieira- As casas do Chiado serão

de prestígio. Mas foi preocupação do projecto não fazer do Chiado uma ilha na cidade. Foram privilegiados os aspectos de relação com as zonas envolventes e não vejo que uma zona de passagem como é o Chiado se transforme numa ilha de yuppies. As pessoas que lá viverem nessas 70 casas não serão determinantes nesse enquistamento do Chiado, que é muito mais forte.

«DL» Pôs alguma vez a hipótese do prolongamento da rua Garrett até à rua do Ouro, esquecendo o edifício do Chiado, dando assim uma nova perspectiva do Castelo de S. Jorge?

Siza Vieira- Acho que seria uma barbaridade. Uma das razões da beleza dos monumentos nas cidades é a de não se verem sempre. Tudo o que comunica é primário. Assim o Castelo até enjoaria.

«DL» Como funcionará o sistema de reconstrução por módulos? O prazo de conclusão é mesmo daqui a três anos?

Siza Vieira- Estabelecemos três fases de reconstrução: primeira, Rua do Carmo; depois, quarteirão Rua Garrett/ Rua Nova do Almada; finalmente o terceiro módulo reúne Chiado e Grandella que são casos à parte e quase uma unidade autónoma.

Os dois primeiros módulos terão arranque simultâneo. Para o terceiro módulo será necessário concluir o levantamento das estruturas. Assim lá para o fim de Setembro entregaremos a segunda fase do projecto, ou seja a fase final. A remoção dos escombros está praticamente pronta. Quanto aos prazos estarei a ser optimista? Não sei. Eu acredito que tecnicamente as obras poderão estar prontas dentro de três anos, agora o que os outros pensam...

PEQUENO GLOSSÁRIO DAS COISAS QUE O CHIADO NÃO PODE PERDER

Marina Tavares Dias

A - Alpendre. O dos Grandes Armazéns já tinha visto os primórdios do século. Mesmo em 1988, não havia outro mais luxuoso em Lisboa. O incêndio salvou-o. As obras de "rescaldo" demoliram o prédio do Eduardo Martins para cima dele. O que resta, deve estar perdido no fundo de algum depósito camarário. A fachada reconstruída precisará deste luxo. Para a dignificar e lhe conferir a História própria.



Foto de Francisco Parafso

B - Batalha. A ilustre geração, claro. Uma família de coragem e perseverança que espera pacientemente, em instalações provisórias do Ramiro Leão, o dia do regresso à morada secular na Rua Nova do Almada. É a loja mais antiga da Europa. O nosso orgulho por razões duplas ou triplas: houve um Batalha que ousou desafiar Junot; outro que foi cantado por Bocage. Em 1989, os nove irmãos Batalha continuam confiantes no destino.



Foto Francisco Parafso

C - Convento. Antes de ser Palácio Barcelinhos, o edifício dos Grandes Armazéns do Chiado foi um convento dedicado ao Espírito Santo da Pedreira. A extinção das ordens religiosas (1835) e um grande incêndio anterior ao recente (1880) não eliminaram os vestígios desses interiores históricos. Ainda há esqueletos sob a escadaria central. Qual a memória que estas obras podem recuperar?

D - Decorações. As das fachadas. No Grandella, claro. Mas também na Perfumaria da Moda. Foi preciso o incêndio para redescobrimos que a perfumaria se chamou (antes da Primeira Guerra) esta coisa oitocentista e bela: "Au Bonheur des Dames". A fachada está intacta - e assinada. É a mais "feliz" de todas as fachadas de perfumarias lisboetas.

E - Eduardo. O Martins, da esquina do Chiado. Há cem anos que vendia rendas e sombrinhas. Apesar da decadência da qualidade nos produtos "em lote" dos nobres vizinhos Grandella e Armazéns do Chiado, o Eduardo Martins soube manter a sua tradição. Falta pouco para o centenário. Quais as garantias de os vermos na morada de sempre? Recorde-se que o prédio demolido pertencia à firma e que os sacos de plásticos da Lanalgo ainda ostentam o nome da "loja gémea": uma promessa.

F - Frutaria. O Martins e Costa, centenário também aqui. O edifício foi um legado benemérito da cartomante Madame Brouillard à Misericórdia. Espera-se idêntica generosidade para com o povo de Lisboa. O Martins e Costa tem de voltar ao Chiado, onde é uma das lojas de luxo. Diz-se que, só na garrafeira, de perderam milhares e milhares de contos....

G - Guerlain. Ou Guivenchy. Ou... todos os aromas do Chiado. Perfume que se perdeu nas cinzas da Perfumaria da Moda. A arte dos perfumistas é ancestral, no Chiado. A Pompadour recebeu de braços abertos pessoal e clientes da perfumaria. Mas o Chiado só estará pronto quando todos voltarmos para casa.



H - Horas. Batidas durante mais de 80 anos pelos ferreirinhos do Grandella. Quem eram eles? - Duas figurinhas ao centro do telhado "à franceza", entre as alegorias de pedra ao Comércio e à Indústria. Os ferreirinhos eram de bronze e perderam-se no incêndio. As fotografias ficaram, para uma réplica desta vez indispensável, no enquadramento que ainda lá está.

I - Interiores. Não serão "kitsch" se respeitarem a nossa memória intacta. Tanto os arcos da Casa Batalha como as prateleiras da Perfumaria da Moda podem ser apurados por técnicos da Fundação Ricardo Espírito Santo. Os espelhos

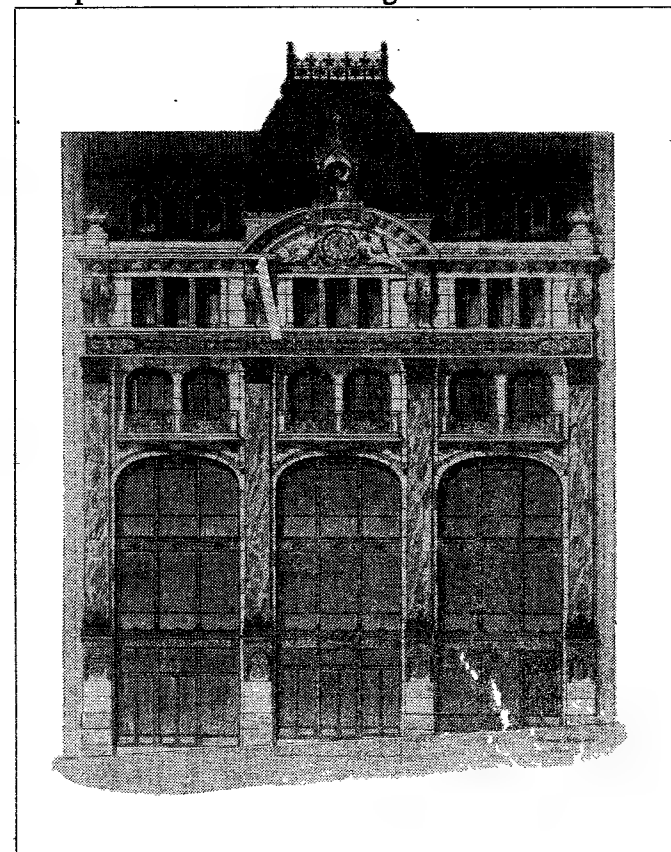
venezianos da Ferrari também existem nos antiquários. Tudo depende dos orçamentos especiais para as lojas históricas (que não eram todas, infelizmente) que os comerciantes desejam e podem manter (já não são todas, também - veja-se os tristes casos do Grandella e do Chiado).



Foto de Rui Pacheco

J - Jogos. Brinquedos, bonecas, mascotes. As belas montras de cada Natal. Já este ano, na Rua Garrett, fechou portas a Bénard dos brinquedos. Onde estão eles agora, no Chiado sem Grandella e sem Eduardo Martins?

L - Letras. Onde foram parar as do Grandella? Tal como em 1905, lá se lia em 88: Enxovaes, Linhos, Retrozaria. Etc,etc. As letrinhas de bronze parecem ter sido apeadas para que voltem para a fachada. Será?... Pasma o escasso cuidado com que têm sido tratados os braços com a divisa da casa: "Sempre Por Bom Caminho e Segue".



Voando Sobre o Ninho do Chiado

M - Música. Em tempos, a banda subia a Rua Nova do Carmo todos os dias. Nos anos 80, a música da discoteca Melodia dobrava connosco a esquina para a Rua Garrett. Não há música no Chiado, desde Agosto de 88.

N - Neófitos. De todas as idades, em todas as épocas. Quem sobe o Chiado nunca mais desce a contentar-se com as compras num armazem de bairro. É como ascender a um estatuto. "Vestir do Chiado", "Fazer o Chiado"... Ou, como dizia Eça, ter "a fina flor da graça". Aqui, mesmo a lama é de bom tom. Os tempos mudaram e mudarão. Mas é do espanto dos neófitos que o Chiado vai sobrevivendo às gerações todas.



Foto Marina Tavares Dias

Não é possível que as dependências bancárias herdem as lojas. Não é possível que os lotes de tecidos de feira herdem os armazéns (continua a acontecer...). Como se trespassa assim a nossa história comum?

S - Salão. Todo o Chiado o era; mas o Salão do Chiado chamava-se Neuparth. Vendeu os últimos pianos para meninas casadoiras e os primeiros gramofones para dançar a polka. Desde os anos 20 que tinha o nome do Senhor Valentim de Carvalho. Assistiu ao nascimento do "charleston" e também assistiu ao nascimento do "twist".



T - Trabalho. Quem trabalhou aqui durante toda a vida, sabe que trabalhar aqui não é a mesma coisa que trabalhar num "shopping-center" da Brandoa. Havia nos Armazéns do Chiado, no Grandella, no Eduardo Martins, pessoas que ainda se lembravam das filmagens do "Pai Tirano" em 1941.



O - Ouro. Muito ouro. A antiguidade, a notoriedade dos ourives da Rua Nova do Almada. A honestidade desses ourives, peneirando cinzas para salvarem o pouco que as chamas pouparam e que queriam devolver aos clientes. Veja-se a beleza das ourivesarias que restam na Rua Garret, na Rua Nova do Carmo, para que se constate mesmo: é ou não verdade que estas ruas valem o seu peso em ouro?

P - Privilégios. Claro! - Para estes comerciantes sobre quaisquer outros. O principal património são eles (enfim, alguns deles...). Não é coisa de pouca monta manter um estabelecimento em tradições centenárias. Não é coisa de desprezar terem eles mantido os nomes centenários às lojas, em vez de (à novo-rico) desatarem a inventar "cafetarias", "croissanterias", "lojas de imagem e som" e "mini-centros-comerciais-do-Chiado"...

Q - Quadras. Não em verso, mas festivas. Quem viveu para saber, pode testemunhar que nada se comparava à Semana Santa do Chiado: o percurso das três igrejas, a promessa das amêndoas da Marques, da Bénard, da Ferrari. Nos últimos anos, era o Natal do Chiado. As luzes, as montras, as compras. O Chiado festivo - sempre.

R - Reservas. Não de hotel, mas nossas. E camarárias. E patrimoniais. Para que se acabe de vez com os trespasses de lojas mais do que centenárias para armazéns de sucata e firmas de pouca confiança.

U - Utilidades. Nunca houve nada que faltasse a um casamento com lista na Casa José Alexandre. E um casamento que começa infeliz logo no enxoval, enfim, pode estar comprometido à partida... Durante mais de um século, as senhoras desciam a nobre artéria, após o lanche na Marques, para irem informar-se sobre as prendas que Lisboa inteira (a parte que importava, claro) estava - de momento - a comprar. E como é reconfortante, nestes casos, o conselho de um "expert"!

V - Vidro. Nas placas esmaltadas da Ferrari. Nas placas publicitárias do Eduardo Martins. Tinham escapado quase todas ao incêndio. Os demolidores partiram-nas durante o rescaldo. Os adornos de fachada fazem parte do Chiado. Para pequeno Museu dos Horrores, basta a dependência do Ministério das Finanças na Rua do Carmo. Uma "taveirada" que não se assume. Ou de como o mau gosto tanto cabe na cozinha como no salão... É uma questão de cargos.

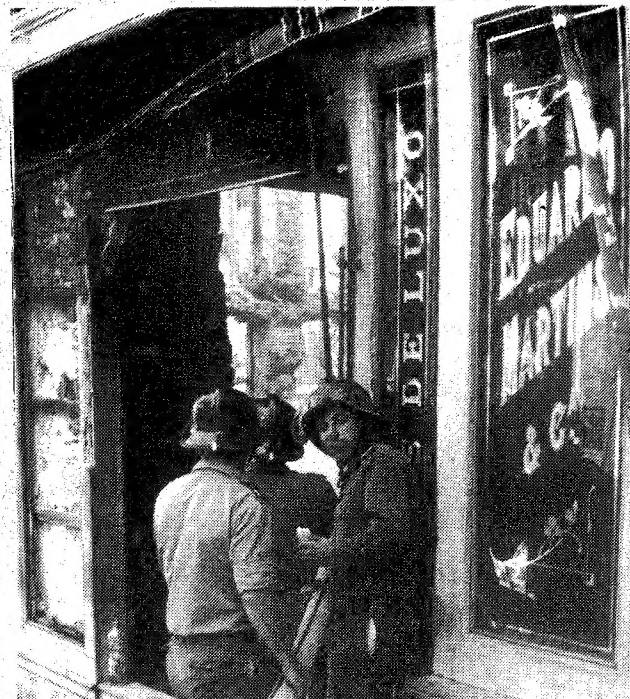


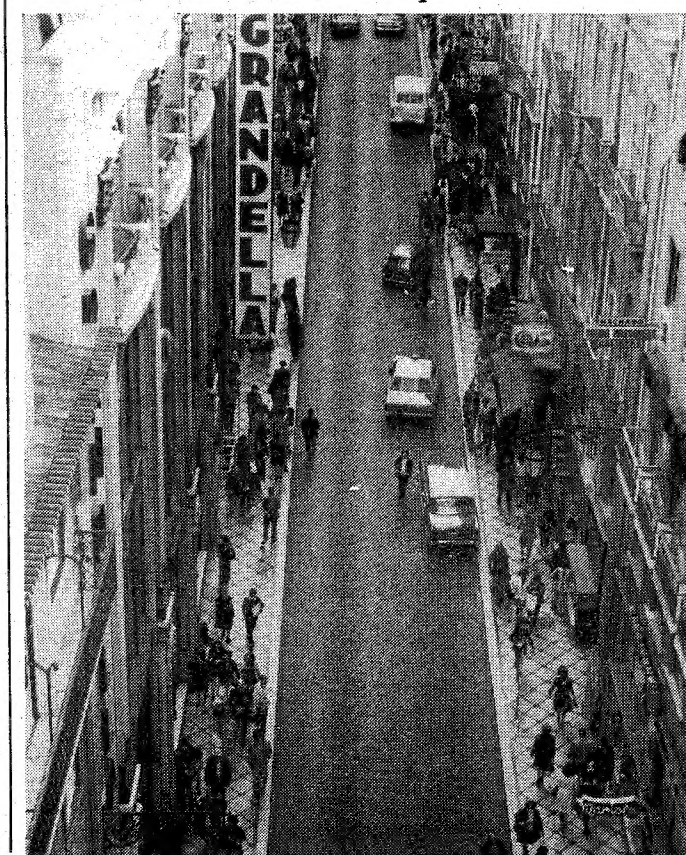
Foto de Marina Tavares Dias

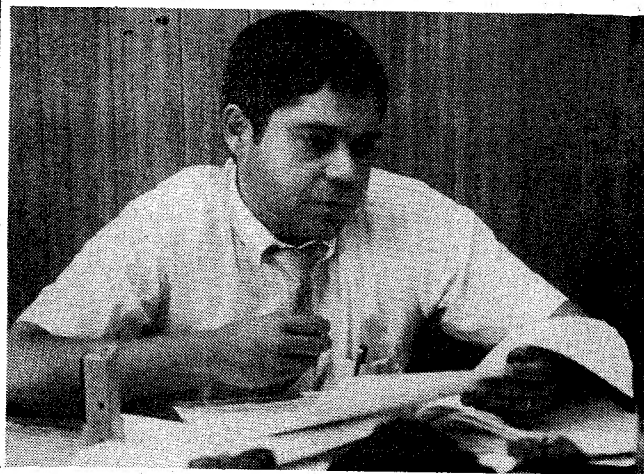
X - Xícaras. De porcelana ainda, com açucareiros em vez de pacotes de açúcar. Assim eram as da Ferrari. As toalhas sempre postas e a pastelaria própria transitaram para as escadinhas de S. Francisco. Mas a Ferrari é mais do que um escasso espaço encostado a um balcão frigorífico. Certas lojas são como as cidades: não podem mudar de morada.



Foto Rui Pacheco

Z - Zelo. O nosso - o de todos nós. Para que nunca mais o Chiado se encontre uma noite ao abandono de todos e à mercê de alguns. Para que nunca mais os nossos olhos se vidrem com as lágrimas de uma impotência sem caminho de retorno. Para que as casas centenárias que restam não sejam obrigadas a fechar porque o Chiado morreu. E para que a parte recuperável dos escombros seja reposta, dinamizada e amada de acordo com um estatuto que é uma lenda.





Major Costa, dos Sapadores Bombeiros: todos os fogos são diferentes mas há alguns que são mais...

Major Costa, o «sapador» que veio do Exército

«TODOS OS FOGOS SÃO DIFERENTES»

Julio Rodrigues
Fotos de Francisco Paraíso

Todos os incêndios são diferentes. O autor não cobra direitos pela frase, fala com conhecimento técnico da matéria, começa no Chiado e alerta para a Mouraria, Bairro Alto e Alfama, revela que a grande maioria dos projectos que hoje entram para aprovação na Câmara Municipal, passados, pelo Regimento dos Sapadores Bombeiros (os arquitectos fazem questão de saber se estão conformes às normas de segurança que a lei estabelece), tem esperança que a curto prazo Lisboa se equipare (quanto a prevenção e segurança) ao que está estatuído em todas as outras capitais europeias, e confessa que a outra face (da tragédia) do Chiado veio apetrechar singularmente os BSB.

É do major Costa, adjunto técnico do comando do RSB, que falamos. Foi com ele que esta semana falámos, um ano depois do braseiro em que o Chiado se transformou, em 25 de Agosto de 1988. Quando o confronto com a possibilidade do Chiado se não repetir jamais em Lisboa, a resposta foi ponderada: «É difícil dizer isso. Este incêndio teve características muito diferentes. Mesmo os pequenos incêndios, se não forem detectados a tempo, na sua fase inicial, podem transformar-se em grandes incêndios. Foi o que aconteceu com este incêndio, porque tudo indica que tivesse deflagrado muito tempo antes, os materiais foram aquecendo, a grande carga térmica aliada ao tipo de construção em causa, criou as condições suficientes e necessárias para que o incêndio deflagrasse com grande violência e intensidade, atingindo uma situação imparável».

É dele esta afirmação: «Todos os incêndios são diferentes». É também ele quem adianta que a última parcela do levantamento de quatro zonas, feito pelos bombeiros na sequência do sinistro na baixa pombalina - na sequência do incêndio do Chiado -, só há dias chegou ao gabinete do presidente da Câmara Municipal.

No mesmo dia em que ocorreu a tragédia, o presidente Abecassis assinou um despacho em que incumbia o Regimento dos Sapadores Bombeiros de fazer «um levantamento sistemático da situação de risco da baixa pombalina».

Levantamento em quatro zonas

No tocante ao contributo dos BSB para o primeiro ano pós-tragédia do Chiado, a conclusão do relatório, há pouco tempo, será o facto mais marcante. Mas só à primeira vista: porque, no fundo, os sapadores-bombeiros colheram muitos ensinamentos do próprio fogo. Foi nesse contexto que o major Costa nos afirmou que «todos os incêndios são diferentes».

Esse levantamento incidirá sobre uma zona confinada pelo Terreiro do Paço,

Rossio, Rua da Madalena e Rua do Alecrim, ocupando-se de aspectos estabelecidos à partida pelo despacho do presidente da Câmara Municipal de Lisboa: ocupação efectiva de cada piso e edifício; a situação de segurança existente em especial quanto à formação de poeiras; a situação das instalações eléctricas; as cargas térmicas armazenadas e qual a sua natureza; quais os dispositivos de segurança contra o fogo nos vários estabelecimentos que se fossem encontrando; as condições de estabilidade dos edifícios; e a capacidade de evacuação de todos os edifícios.

Essa sistematização dividiu-se por quatro zonas, obedecendo cada relatório a prazos que no dizer do major Costa foram cumpridos, o último dos quais no passado dia 15.

Muitas casas devolutas

Mal imaginavam os sapadores-bombeiros que naquele espaço da baixa pombalina iriam ser encontradas - como foram - tantas casas devolutas. Foi a grande surpresa, por entre outras. Surpresa que o major Costa enfatiza nas declarações feitas ao «Diário de Lisboa», com tónica de espanto.

Foram vistoriados 594 imóveis, num total de 4 636 fogos com actividades diferenciadas, porque a baixa lisboeta não tem só zonas comerciais - a sua ocupação é diversificada: tem escritórios, «ateliers», similares, igrejas, dependências estatais, bancos, habitações, estabelecimentos comerciais.

«Tem muita coisa», frisa o major Costa ao «DL». E logo acrescenta: «E tem muitos prédios devolutos, desocupados. Para mim foi uma novidade. Na última zona do levantamento, há uma percentagem razoável de prédios nessas condições. Na quarta zona isso corresponde quase a 10 por cento», calcula. Diz mais: «o que é significativo».

Legislação a quanto obrigas!

Desde 1974 que há legislação para acautelar e prevenir a segurança nos edifícios de natureza «especial» (esco-

las, hotéis e hospitais) e de «grande altura». Normas, como gosta o major Costa de sublinhar (e por mais de uma vez o fez nesta conversa aqui reproduzida «no essencial»). Legislação sem qualquer efeito prático no «Grandella» e «Armazéns do Chiado» que, um ano depois, constituem saudade para muitos, por entre as ruínas da ruas do Carmo e Almada.

A legislação de segurança, a nível nacional, de edifícios já construídos, não cobre tipos como os dois atrás referidos. De resto, começou por ser incipiente, restrita a Lisboa. A primeira (com data de 1974) era - e foi - para ser aplicada (e pela) Câmara de Lisboa. Para edifícios que fossem construídos, remodelados ou ampliados. Mais tarde seria extensiva a todo o país.

Mas os bombeiros não podem vistoriar por sua conta e risco todos os edifícios que quiserem: só os que entretanto forem construídos, ampliados e remodelados, exigindo já parecer seu.

Passaram-se os anos e, já com a colaboração de diversos interessados, incluindo um representante do RSB, os grupos de trabalho criados avançaram com normas para estabelecimentos comerciais. Mais recentemente - já este ano - saiu legislação para estabelecimentos hoteleiros e similares.

Minimizar riscos se incêndio

Mas há um tipo de ocupação que não tem ainda legislação específica. É claro que em relação a Lisboa, desde que fossem edifícios novos, a partir de 1974 passaram a ser aplicadas normas, ficando os Bombeiros Sapadores Bombeiros com garantias sobre a sua segurança contra incêndios, porque o seu parecer tornou-se obrigatório, mesmo na construção de casas para habitação. Parecer vinculativo, aliás reforçado com uma vistoria para dar cumprimento ao parecer técnico dado na altura do projecto.

Foi feito um levantamento, nos últimos doze meses, das situações existentes na baixa lisboeta, e propostas medidas no sentido de minimizar os riscos de incêndio», sintetizou o major Costa. Medidas elementares e medidas estruturais - concretizou -, destringendo assim umas das outras: as primeiras poderão ser implementadas a curto prazo, revelando uma segurança mínima e não envolvem grandes custos; as medidas estruturais configuram uma situação bastante diferente, através de disposições a ter em conta em matéria estrutural dos edifícios.

«Neste caso não há receita-tipo, pelo que a cada passo se torna fundamental definir situações concretas, nomeadamente determinar o grau de risco,

constatar as possibilidades de introdução de medidas alternativas de alterações ao próprio edifício e portanto estudar as medidas adequadas para cada caso».

É um processo que, segundo o major Costa, deverá envolver e envolve entidades estranhas ao próprio Regimento dos Sapadores Bombeiros, designadamente o Instituto Superior Técnico e o próprio Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). «Poderá ser já a aplicação do «método de Gretner». E explica o que é isso: «um método muito rigoroso que pretende avaliar o risco de incêndio por meio de cálculo, em que é necessário obter uma série de dados do edifício, desde dimensões ao tipo de construção».

Muita madeira poucas garantias

Na baixa pombalina a segurança adequada é, apesar de tudo, uma miragem: a maior parte dos edifícios é de construção antiga, com as paredes em alvenaria, as divisórias são em tabique e algumas vezes em madeira, também são de madeira os próprios pavimentos e escadas, a estrutura que suporta a cobertura é, ainda, em madeira - isto é, edifícios totalmente diferentes daquilo que se convencionou fazer a partir de 1960/70.

«Toda a gente da zona tem a noção do que é a construção pombalina, que existe muito em Lisboa, no Bairro Alto, Alfama e Mouraria, para a qual propomos medidas no relatório enviado ao presidente da Câmara Municipal, que ainda não deverá ter lido o documento, porque julgo que está em férias», afirmou o adjunto-técnico do comando do RSB ao «Diário de Lisboa».

O major Costa adverte para a necessidade de pensarmos que «estas coisas só acontecem aos outros», o que é muito trivial na nossa gente. No levantamento que o RSB fez na baixa pombalina não houve entradas nem qualquer tentativa de obstrução, dando-se até o caso de alguns dos moradores terem, eles próprios, tomado algumas medidas, ficando sensibilizados para o efeito. A dúvida que o nosso interlocutor lança é esta: «Quanto tempo é que isso durará?»

«Nem em filme eu vi coisa assim»

O major Costa defende que do incêndio os bombeiros tiraram vários ensinamentos, em todos os aspectos. Foi a aplicação, um pouco, dos próprios manuais - uma aplicação da própria teoria, sem qualquer semelhança, portanto, com os exercícios simulados visando melhores resultados. «Uma situação que nunca se tinha vivido em concreto, com o fogo a propagar-se de todas as formas que se podia propagar:

radiação, projecção de material incandescente e correcção. Obtiveram-se até situações de «flashover», com tudo a arder ao mesmo tempo. Os gases quentes que se acumularam chegaram a uma situação em que a combustão era espontânea, era total».

Foram situações que, há um ano, se viveram em vários locais. Não há exercício simulado que se lhe possa comparar. Nem em filmes. «Nem em filmes didácticos, dos que eu vi. Nem aí foram abordadas todas as situações de um grande incêndio como este».

De um grande incêndio - diz - extraem os bombeiros alguns ensinamentos. Saiba-se que um incêndio de grandes proporções é um acontecimento dinâmico que vai evoluindo de minuto a minuto, sendo necessário tomar medidas adequadas, por vezes alterações ao plano das viaturas, do combate, ao longo do tempo. Todos os incêndios são diferentes», conclui.

Nunca aconteceu o Chiado

Foi uma experiência inédita, o Chiado. Nunca acontecera nada antes que se lhe assemelhasse. Todos os incêndios até então haviam sido circunscritos ao edifício em si.

«A seguir ao Chiado abriu-se concurso público para ingresso no Regimento de Sapadores Bombeiros, com passagem pela Escola de Recrutados, que é nova. As vagas eram 75. Pois bem: apresentaram-se mais de 400 e muitos candidatos, o que significa que ninguém ficou com medo de ser bombeiro», sublinha o major Costa em resposta a uma outra questão que entretanto lhe havíamos formulado. Que disse mais: a duração do curso da Escola de Recrutados é de nove meses.

Depois do Chiado melhorou o equipamento do RSB, por obra e graça de entidades particulares, desde diversos bancos (Montepio, Caixa Geral de depósitos, Banco de Portugal, BTA e União de Bancos) à «Mairie» (Câmara Municipal) de Paris. Cinco bancos juntaram-se, reuniram 120 mil contos e ofereceram ao RSB uma plataforma elevatória de 40 metros, coisa nunca vista nem utilizada entre nós (com mais 10 metros, portanto, que a maior que o Regimento tinha e usou no ataque às chamas do Chiado). A «Renault Portuguesa», Soponata, Petrol e IPE ofereceram, cada um, uma autocaravana.

De oferta em oferta, e sempre a enriquecer o seu equipamento, foi de bom-grado que o RSB aceitou, ainda, uma viatura de primeiros socorros vinda da Câmara de Paris, ao passo que a «Mercedes Benz» mandou uma viatura ligeira, enquanto a Câmara Municipal reforçou naturalmente as verbas em relação ao passado.

Chiado trouxe-lhe mais clientes

«IMPÉRIO» DOS SEGUROS DISTRIBUIU 400 MIL CONTOS EM PRÉMIOS

O incêndio do Chiado custou à «Império» 409 933 contos. A seguradora respondeu a tempo e horas perante os danos dos seus segurados e orgulha-se de ter aumentado o seu número de clientes depois do sinistro. «Nós pagamos cerca de 13/14 milhões de contos em sinistros por ano, pelo que 400 mil não é uma verba do outro mundo. Faz parte da nossa vida», diz o presidente do Conselho de Administração da «Império». Tomé Gil esclarece que essa verba foi paga normalmente, salientando que as verbas maiores estão sempre cobertas por contrato de resseguro. Isto é: a «Império» recuperou mais de metade dos prejuízos com verbas de resseguro.

Adiantou ainda que uma das empresas indemnizadas levou 85 mil contos e a «Gibbel» - salão de cabeleireiro -, que citou por contraponto, recebeu cinco mil escudos. A propósito, falou na necessidade dos segurados actualizarem os valores das suas apólices. Isso aconteceu, o ano passado, no primeiro mês imediato à tragédia. Fizeram-no alguns dos segurados, porque há sempre aqueles que julgam que desastres assim só acontecem aos outros.

Os valores não estavam actualizados, as seguradoras pagaram pela regra proporcional aos seguros que foram reclamados, donde os proprietários dos recheios das próprias habitações e casas do comércio - claro - terão sido bastante afectados. Mas os proprietários dos imóveis, mesmo recebendo indemnizações relativamente reduzidas, irão ver o seu património valorizado.

Dai correr a ideia de que o incêndio do Chiado foi um «mau negócio para toda a gente». Sobre isso parece não haver dúvidas nem divergências.

«Somos fatalistas mas só no fado»

As companhias de seguros batem-se pela actualização das apólices dos seus segurados. Regularmente - asseguramos Tomé Gil -, a «Império» informa os seus clientes da necessidade de actualizar os valores dos seus bens, com prova de indexação automática publicadas pela autoridade de controle. «Mas a nossa maneira de ser, bem portuguesa, de que as coisas más acontecem sempre aos outros, própria de um povo que é fatalista no fado, mas no acidente é ao inverso. Depois, em presença do acidente, lá vêm as regras proporcionais, como manda o código comercial», acentua. Não há mecanismos, num Estado de direito, que permitam às companhias fiscalizar a propriedade dos seus clientes. Compete-lhe apenas recomendar.

«Fazemos vistorias de prevenção, porque apostamos imenso na prevenção, perguntamos com insistência aos nossos clientes se querem que lá vão os nossos técnicos, algumas vezes nem

perguntamos: aparecemos em visita de cortesia. É só isso que podemos fazer. Não podemos impor. Poderemos é agravar o risco, e já o temos feito quando os nossos técnicos de prevenção dizem que não há condições de segurança», acentua o presidente da «Império».

Explique-se: agravar o risco é cobrar um prémio maior. Compreende-se a razão por que nem sempre os segurados folgiam com a visita dos técnicos de prevenção das empresas seguradoras. Mas o contrário - garante o presidente do Conselho de Gestão da «Império» - também é verdade: baixar

o prémio quando há grandes condições de segurança. «O único mecanismo de pressão de que dispomos é o económico, através do preço», elucida.

Chiado não serviu de emenda

Muitos dos clientes do Chiado aos quais as chamadas levaram, receberam da «Império» no dia a seguir ao fogo, ou dois dias depois, os valores totais em que tinham os seus seguros. «Não tivemos casos de tensão. Antes pelo contrário, tivemos algumas afirmações de segurados nossos, vítimas do

incêndio em perdas totais, que se manifestaram reconhecidos pela prontidão e celeridade com que regularizamos a generalidade dos sinistros».

Alguns houve - é ainda Tomé Gil quem no-lo conta - que salientaram que a «Império» não podia fazer mais nada, pois pagara-lhes tudo o que estava seguro.

Casos desses foram muitos - revela o presidente da companhia -, no valor (cada) de seis, sete e oito mil contos, pagos no dia 26 de Agosto à tarde, quando a «Império» reabriu as suas portas no Chiado - no teatro do fogo. «E pagámos pela totalidade do valor

que estava no contrato, nem sequer pudemos fazer mais nada», diz. «Um ano depois, regularizamos todos os sinistros. O processo das indemnizações do Chiado está, para e por nós, completamente encerrado», acrescenta.

Serviu para alguma coisa, serviu de exemplo a Lisboa e ao País o que aconteceu ao Chiado? Há quem diga que não. Ou melhor: são muitas as vozes que clamam nesse sentido: que as pessoas esqueçam depressa a tragédia.

Para o presidente da «Império», uma ilação destas assenta em dados. A rubrica das actualizações pode ser um desses dados. E é-o, para Tomé Gil: «Infelizmente, considero que aquilo que aconteceu no Chiado não nos serviu de emenda. Acho que não. O volume de pedidos de actualizações foi significativo no mês de Setembro, mas depois caímos na velha ideia de que não vale a pena».

«Muito triste para Portugal»

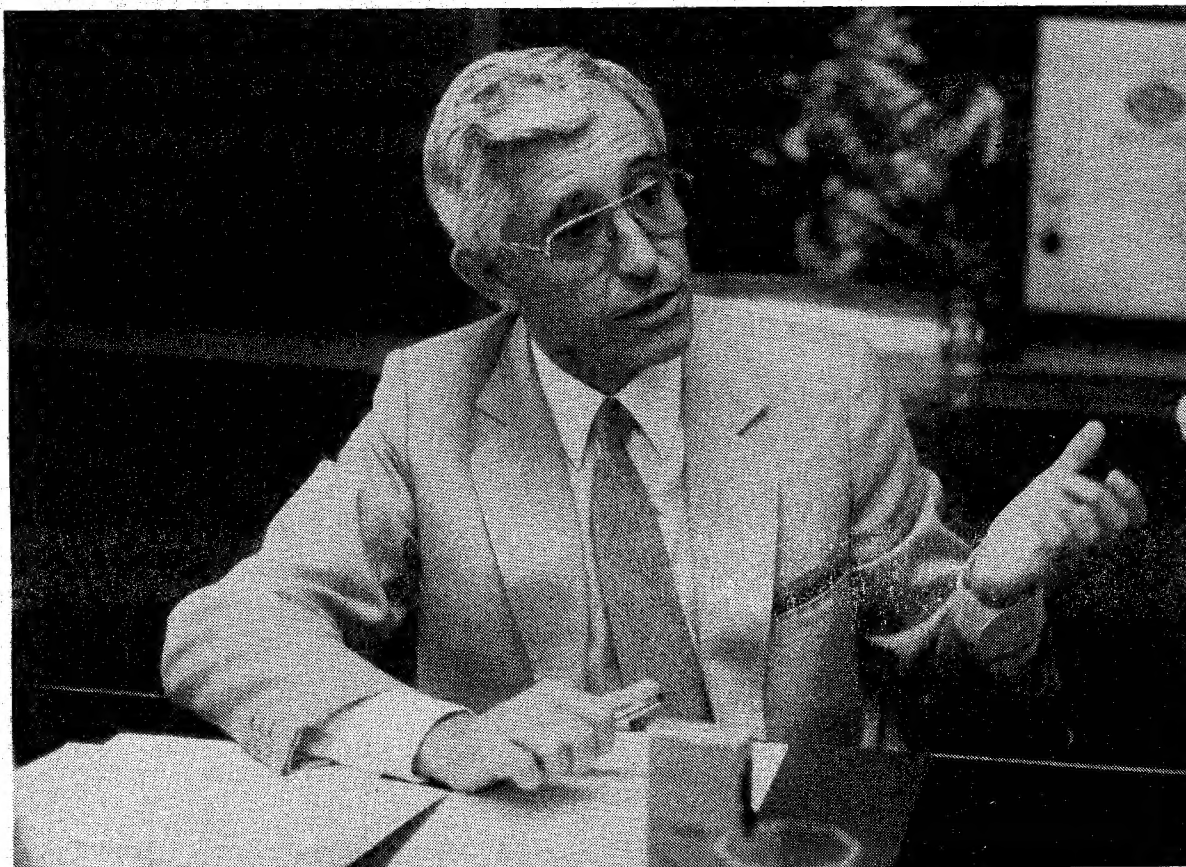
O dia 25 de Agosto de 1988 «foi muito triste para Portugal» - considera o presidente da Administração da «Império», contos bem feitas das indemnizações que a sua companhia pagou (409 933 contos), mas a lembrar o património que o País perdeu.

As contas trazem-nos à memória que dois anos antes a actividade seguradora colocava à disposição dos segurados uma diversificada gama de indexação de capitais, por via dos períodos de grande inflação que o País vivera. Mesmo declarando um valor correcto à data de celebração, o segurado nada podia fazer contra a sua rápida desactualização. O que se exigia era grande atenção da parte do segurado e não pensar que o pior só acontece aos outros.

As seguradoras foram ao encontro dos clientes, desburocratizando o circuito de contactos: eliminaram os intermediários e os mediadores de seguros, criando vários tipos de aplicação automática que o segurado pode contratar com a seguradora.

«Foi um dia triste para Portugal. Há património que se perdeu que é irrecoverável», diz Tomé Gil acerca de 25 de Agosto de 1988, gravado em todos os que assistiram e viveram a tragédia, no palco do Chiado.

A «Império» trabalha com «oitos dos dez melhores resseguradores do mundo», assegura Tomé Gil, recorrendo a uma «lista de elite» que inclui ingleses, americanos, canadianos e suíços. Esses resseguradores contribuíram com metade do montante das indemnizações pagas por aquela companhia.



Tomé Gil, administrador da Império: meio milhão de contos foi quanto o Chiado custou à seguradora

Segurados e seguradores envolvidos nas mesmas chamadas

A «Fidelidade» (712 362 contos), a «Império» (409 933) e a UAP - União de Seguros de Portugal (288 320 contos) foram as três companhias de seguros mais atingidas pela «tragédia do Chiado», que envolveu dezena e meia de seguradoras na regularização de sinistros. O montante distribuído por aquelas três firmas, mais doze outras num total de dezena e meia - tantas quantas as que o sinistro envolveu -, foi da ordem dos 2 500 milhares de contos.

Se os valores segurados estivessem actualizados, o total de indemnizações poderia ter sido três vezes mais - sem, contudo, abalar propriamente a situação financeira de qualquer das companhias, como noutro local se explica.

Para as seguradoras, cujo prejuízo foi relativo de uma forma geral, não será fácil obterem de imediato contrapartidas das indemnizações. Todavia, a «Império» assegura que alargou o seu leque de clientes, aparentemente - segundo informações por nós obtidas em outros meios - pelo facto das empresas do ramo terem pontualmente recuperado uma imagem de marca e confiança que nem todos lhe reconheciam.

O caso do Chiado foi o mais flagrante e demonstrativo de que raramente os capitais seguros correspondem aos capitais em risco. Por isso, as indemnizações foram pagas em muito menor volume que o real, pelo facto dos capitais segurados não estarem actualizados.

O problema do seguro desactualizado prejudica o sinistro e as companhias (pelo menos a sua imagem) seguradoras. É, como nos meios ligados às companhias do ramo se diz, um «problema geral» que dificulta a liquidação de sinistros e, no acto, agrava as tensões que separam o segurado da seguradora, quando se trata de atribuir a indemnização.

Valeu ainda às companhias seguradoras a situação de resseguro da zona afectada. O resseguro é um mecanismo internacional de alargamento de distribuição de responsabilidades que no caso do escudo se apresenta, á partida, altamente favorável, dada a sua escassa cotação.

Aconteceu assim que grande parte das indemnizações não foi suportada por dinheiro português, se bem que as seguradoras nacionais tenham contribuído com uma quota parte.



Logo no dia 25, os trabalhadores concentraram-se na Praça da Figueira. Hoje, o sindicato, pela voz de Carlos Almeida faz o ponto da situação no gabinete

Entre 10 e 30 meses, conforme a idade de cada um

O DESEMPREGO A PRAZO É ASSIM

Elsa Andrade

«O que é que eu vou fazer? Tenho a vida escangalhada...». Esta era uma frase corrente entre os cerca de mil trabalhadores vítimas do incêndio do Chiado, quando no dia 26 de Agosto se concentraram na Praça da Figueira para saberem qual o seu futuro. Hoje, exactamente um ano depois, a frase é a mesma, embora as bocas que a pronunciavam tenham diminuído para setecentas. O tempo encarregou-se de estabelecer a diferença: a esperança que na altura existia perante tantas promessas desvaneceu-se, atafalhada em decretos que por fim os jogou na categoria de desempregados involuntários para efeitos de subsídio, por prazos que variam entre 10 e 30 meses, conforme as idades. E depois?

Um ano depois, se a Praça da Figueira voltasse a ser palco das desgraças dos actuais «desempregados involuntários», e fazendo crédito nos últimos dados que o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços (CESL) possui, relativos a Fevereiro passado, 776 deles ainda disputariam aquele espaço aos pombos. Já não com as lágrimas nos olhos que os grandes choques provocam, mas com o desânimo que as situações que se arrastam deixam marcadas nos rostos. E os óculos escuros já não encobriam olhos vermelhos, como há um ano lá presenciamos...

São homens e mulheres, mais velhos do que novos, muitos deles sem nunca terem trabalhado noutro sítio que não nos grandes armazéns da zona fina de Lisboa: «Grandella», «Chiado», «Eduardo Martins». Esses são os que «não têm luz ao fundo do túnel» do desemprego, como afirma Carlos Almeida, do CESL, também ele (des)empregado do Chiado.

O próprio plano de reconstrução da zona, do arquitecto Siza Vieira, prevê a redução das áreas comerciais daqueles armazéns: o «Chiado» será um hotel, no «Grandella» um centro comercial co-existirá com habitações e zona de diversões, e o espaço comercial do «Eduardo Martins» diminuirá de 3.400 metros quadrados para 880... onde obviamente que não será recolocado o mesmo número de funcionários.

Números sempre diferentes

Os números são claros - e diferentes -, embora não deixem transparecer o drama que se adivinha por detrás

cada um deles: «São muitas as situações difíceis de trabalhadores com dificuldades económicas. Mães solteiras, homens que eram o sustentáculo da família, trabalhadores já com determinada idade. E as medidas do Governo não obviaram a isso, por falta de coragem política». Pelas contas do Ministério do Emprego e Segurança Social são 590 trabalhadores ainda em situação precária, pelas da estrutura sindical são 776.

Segundo dados governamentais agora revelados, os trabalhadores do Chiado afectados pelo incêndio receberam, de Agosto do ano passado a Julho deste ano, 321.727 contos, referentes ao subsídio eventual de emergência criado pelo Governo. Os 590 estão actualmente a auferir um subsídio de desemprego involuntário.

Pelos dados do CESL, dos 1.300 trabalhadores atingidos pelo incêndio, no mês de Agosto apenas 494 recorreram ao subsídio eventual de emergência decretado pelo Governo, e a explicação é simples: as empresas pagaram os ordenados e subsídios de férias aos seus trabalhadores, tal como já estava processado nas suas contas. Só as firmas de Manuel Martins Dias, o sócio maioritário dos armazéns do Chiado e Grandella, «se aproveitaram da situação e não pagaram logo naquele mês».

Em Setembro esse número aumentou para 891 e em Outubro cifrava-se em 1.063, pois «houve empresas que colocaram os seus trabalhadores noutras instalações que possuíam» afirmou Carlos Almeida, especificando: «Jerónimo Martins», «Valentim de Carvalho», «Martins e Costa», «Casa Batalha», «Casa Viúva José Alexandre» e «A Loja».

Em Fevereiro deste ano, o penúltimo

mês de existência do subsídio, 776 trabalhadores recorreram a ele.

O número daqueles empregados aumenta proporcionalmente à idade: até aos 35 anos são 175, entre os quais apenas 43 homens. Dos 36 aos 45 anos são 236 os atingidos, sendo 182 mulheres e 54 homens, e dos 46 aos 65 anos ficaram sem emprego 331 trabalhadores (164 mulheres e 167 homens). Com mais de 65 anos ainda estão sete mulheres e 27 homens.

Um ano depois do incêndio, e ainda recorrendo só à frieza dos números que o CESL tem em seu poder, apenas oito por cento daqueles trabalhadores encontraram novo emprego, com vínculo contratual efectivo.

Governo: e ao futuro disse nada

Os actuais «desempregados involuntários» do Chiado «estão, relativamente ao futuro, na situação em que estavam depois do fogo: não sabem nada», afirmou Carlos Almeida. Porque, acrescentou, a sua actual situação «é muito pior. Se tivessem o seu posto de trabalho estariam agora a receber, em média, 39 mil escudos líquidos, enquanto assim recebem o salário mínimo nacional».

«E como estarão daqui a 18, 24, 30 meses, ou daqui a cinco anos, quando a reconstrução terminar?», interroga-se o sindicalista, depois de ter feito a mesma pergunta, vezes sem fim, aos órgãos de poder sem ter recebido qualquer resposta... e muitas vezes sem sequer ter sido recebido.

Por isso o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços acusa o Governo de «falta de coragem política» para resolver a situação daquelas quase oito centenas de pessoas, com a publicação de legislação própria para a situação do Chiado.

No próprio dia da catástrofe não faltaram promessas nem palavras de esperança no futuro. O problema veio depois, momentaneamente resolvido, mas sempre adiada a solução definitiva.

O subsídio eventual de emergência de Agosto pago em Setembro e válido até ao final do ano foi prolongado até Março seguinte, depois de várias manifestações e plenários, concentrações às portas da Câmara e do Conselho de Ministros.

Mas, antes de se transformar no actual «subsídio de desemprego involuntário», criado com a entrada em vigor da nova legislação laboral, meses houve sem legislação, em que aqueles profissionais do comércio se viram remetidos para o decreto-lei de 1985 relativo aos trabalhadores com salários em atraso. Não era a designação que estava (está) em causa, mas o facto de cada vez que passam de um decreto para outro o dinheiro ao ser menos fim do mês.

«Toda a legislação que o Governo decretou salvaguardava a situação do momento, com os subsídios, mas nada fez em relação ao futuro, não só dos trabalhadores como das próprias empresas, e do futuro destas depende o nosso», condena Carlos Almeida.

Meias respostas não enganam sindicato

O Executivo tem afirmado que as soluções encontradas «vieram de encontro às reivindicações dos sindicatos. Em parte é verdade, mas não totalmente: manteve um subsídio, criou a formação profissional e deu vantagens às empresas que colocassem nos seus quadros, com vínculo efectivo, os trabalhadores do Chiado (por cada empregado, 12 meses de subsídio igual ao salário mínimo nacional)».

No entanto, não era bem isso que o CESL queria: «o subsídio deixou de ser específico para ser de desemprego; a formação profissional ainda não existe, e os trabalhadores colocados noutra empresa perdem o vínculo anterior, o que não queríamos». «Exigimos legislação extraordinária», especificou.

Desde o incêndio, os empregados das casas comerciais do Chiado foram alvo de dois decretos-lei: o primeiro, específico à sua situação (309A/88), que lhes dava o direito a auferirem um subsídio de 71,2 por cento do ordenado líquido e era válido até Dezembro desse ano. «Nessa altura saiu também uma determinação que dava conta da existência de uma verba extraordinária de 400 mil contos para o subsídio. No fim do ano chegou-se à conclusão que ainda havia dinheiro, devido à redução do número de trabalhadores abrangidos. Só foram gastos 280 mil contos», esclarece o sindicalista.

O segundo decreto tem a data de 6

de Janeiro de 1989 e prolonga o prazo do anterior por 90 dias.

«Primeiras vítimas do pacote laboral»

E do fim de Março a Maio (a portaria que regulamentou a situação só foi publicada a 2 de Junho) não houve legislação apropriada: «Os trabalhadores ficaram ao abrigo do decreto-lei 20/85, sobre salários em atraso: 65 por cento a partir da média de retribuição dos últimos seis meses. Se a média fosse inferior ao salário mínimo, o subsídio era equiparado àquele valor».

E a 28 de Junho os trabalhadores são remetidos para a nova legislação laboral, através da qual o subsídio de desemprego deixa de contar pela antiguidade de descontos, mas pela idade. A justiça da nova situação é duvidosa, o que levou o CESL a dizer, na altura: «Os trabalhadores do Chiado são as primeiras vítimas do pacote laboral».

Um empregado com menos de 25 anos de idade recebe 10 meses, aumentando o número de meses de subsídio proporcionalmente à idade, terminando a escala nos 55 anos (ou mais), com direito a 30 meses.

«Os trabalhadores, depois de terminado o prazo, podem requerer ao subsídio social de emprego, mas ele não é garantido a todos, pois aqueles que os agregados familiares tenham mais que duas vezes o salário mínimo deixam de ter direito a ele», explica Carlos Almeida, criticando o diploma.

Por outro lado, a situação de reforma também não é tão simples como poderia parecer: «Os trabalhadores perto da idade de reforma (60 anos) não a podem solicitar logo, têm que ser subsidiados primeiro. Só após terminar o prazo do subsídio é que a podem requerer. No caso de um trabalhador com 50 anos quando foi o incêndio, ao fim de 24 meses tem 52 anos. Não pode pedir a reforma, já perdeu o direito ao subsídio de desemprego e quem é que lhe dá trabalho?», interroga-se o dirigente sindical.

E o problema, diz, é que muitos trabalhadores brevemente chegarão ao fim do prazo durante o qual têm direito ao subsídio de desemprego, e continuam sem trabalho. «E depois?».